UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CÂMPUS FLORESTA
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E LINGUAGENS

RAFAELA MENEZES MELO NASCIMENTO

LITERATURAS EM MOVIMENTO: A POÉTICA DA NEGRITUDE COMO PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA POESIA DE CIBELE RESENDE, CONCEIÇÃO EVARISTO E CONCEIÇÃO LIMA

CRUZEIRO DO SUL – ACRE
2025

RAFAELA MENEZES MELO NASCIMENTO

LITERATURAS EM MOVIMENTO: A POÉTICA DA NEGRITUDE COMO PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA POESIA DE CIBELE RESENDE, CONCEIÇÃO EVARISTO E CONCEIÇÃO LIMA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – Câmpus Floresta para a obtenção do título de mestra em Ensino de Humanidades e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Amilton José Freire de Queiroz

CRUZEIRO DO SUL – ACRE
2025

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial de Cruzeiro Sul

N244l Nascimento, Rafaela Menezes Melo, 1994 -

Literaturas em movimentos: a poética da negritude como proposta didática para o ensino da poesia de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima / Rafaela Menezes Melo Nascimento; orientador: Prof. Dr. Amilton José Freire de Queiroz. – 2026.

124 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de Humanidade e Linguagens (PPHEL). Cruzeiro do Sul, 2025.

Inclui referências bibliográficas

1. Literatura Afrodescendente. 2. Literatura Comparada. 3. Ancestralidade Negritude. I. Queiroz, Amilton José Freire de (orientador). II. Título.

CDD: 418

Bibliotecária: Jamiris Andrade da Cruz – CRB 11º/1290.

LITERATURAS EM MOVIMENTO: A POÉTICA DA NEGRITUDE COMO PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA POESIA DE CIBELE RESENDE, CONCEIÇÃO EVARISTO E CONCEIÇÃO LIMA

Rafaela Menezes Melo Nascimento

Dissertação defendida em 31/07/2025 e considerada APROVADA para a obtenção do Título de Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens – Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre, Câmpus Floresta.

_____
Prof. Dr. Cleidson de Jesus Rocha
Coordenador do Curso

Banca examinadora:

_____
Prof. Dr. Amilton José Freire de Queiroz (Ufac)
Orientador e Presidente

_____
Profa. Dra. Vera Lúcia Magalhães Bambirra (Ufac)
Membro Interno

_____
Profa. Dra Camila Bylaardt Volker (Ufac)
Membro Externo

_____
Profa. Dra. Maria Iracilda Gomes Cavalcante (Ufac)
Membro Externo

_____
Prof. Dr. Yvonélio Nery Ferreira (UFG)
Membro Externo

CRUZEIRO DO SUL – ACRE
2025

Dedico este trabalho aos meus amados filhos,
Ester e Boaz: a luz e a força da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A realização desta Dissertação de Mestrado representa a concretização de um sonho e um ciclo importante em minha jornada acadêmica e profissional. Tal feito não seria possível sem o apoio inestimável de diversas pessoas e instituições, a quem expresso minha mais profunda gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, o dono de todas as minhas fontes; ele é a própria ciência e sabedoria. O Senhor concedeu-me saúde, força e a oportunidade de concluir esse trabalho, mesmo em meio às adversidades. Por estes e tantos outros benefícios, o louvo, pois sempre senti, de perto, sua mão, impulsionando-me e fortalecendo-me em todo tempo.

Entendo que materializar um sonho é um processo longo, que demanda energia para realizá-lo. Nessa jornada, grande parte da minha energia veio do meu lar, do refúgio, através do meu esposo e filhos. Por isso, em segundo lugar, agradeço ao meu parceiro de vida, Artur Maia Nascimento, meu maior incentivador. Quero dizer que sua presença constante e o apoio incondicional foram o combustível para que eu pudesse me dedicar a este projeto. Obrigada por ser meu porto seguro e por acreditar em mim mais do que eu mesma.

Há um ditado antigo que diz: “os filhos são a âncora do coração”. Aos meus filhos, Ester e Boaz, deixo registrado que vocês são a razão de tudo. Ver o brilho nos olhos de vocês e saber que sou um exemplo me deu a força necessária para superar cada desafio e prosseguir. Muitas vezes, bastava um sorriso de vocês para que eu pudesse recomeçar. Cada sacrifício valeu a pena por vocês.

À minha mãe, Maria Raimunda Menezes da Silva, a mulher que me ensinou a persistir e a não desistir dos meus objetivos. Sua dedicação e sacrifícios são uma inspiração contínua. Meu mais profundo agradecimento por todo o cuidado, carinho e orações constantes, como diz a letra da canção “se as mães estão de joelhos, os filhos estão de pé”. Esta conquista é, em grande parte, sua também.

Aos meus irmãos, Ruberliz Menezes, Nidmila Menezes, Danilo Menezes e Ana Oliveira. Vocês são mais do que família; são meus amigos e confidentes. Agradeço a cada um pelo incentivo, pelas conversas que descontraíram os momentos de tensão e por sempre me apoiarem. O laço que nos une é um presente valioso.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (Ppehl), um ambiente acadêmico dinâmico e fundamental para a formação de pesquisadores e docentes comprometidos com a inovação e o aprofundamento do conhecimento nas áreas de humanidades e linguagens.

Em nome do coordenador, professor Cleidson de Jesus Rocha, agradeço imensamente a todo o corpo docente, pela excelência das aulas, pela profundidade dos debates e pela constante inspiração e incentivo à pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Amilton José Freire de Queiroz, pela confiança e direcionamento nesse processo, que se tornou uma jornada de aprendizado e superação. Aos professores da banca, Camila Bylaardt, Iracilda Cavalcante, Ivonélio Nery e Vera Bambirra, meu muito obrigada pelas leituras atentas e pelas perguntas que me fizeram pensar e melhorar ainda mais o meu trabalho. As contribuições de vocês foram valiosas.

Agradeço ainda à escritora Cibele Resende, pela generosa contribuição de suas poesias, que enriqueceram significativamente esse trabalho.

Aos meus colegas de pós-graduação, Cleonaldo Bento e Anívia Lima, por cada conversa, incentivo, e momento de descontração nessa longa jornada. A colega Ingred Abreu, que me aconselhou e me impulsionou nesse processo. Minha gratidão pela parceria e por ajudarem a aliviar o peso dessa jornada.

Numa jornada tão importante, Deus preparou pessoas especiais para estarem comigo, por isso agradeço a todas as minhas irmãs em Cristo, que dedicaram preciosas orações por essa conquista. Especialmente, à querida irmã Ângela Valente, por dedicar seu tempo e seus joelhos a mim.

Nesse objetivo tão sonhado e esperado, tiveram desafios constantes, e estes não foram apenas acadêmicos, mas também uma jornada de equilíbrio entre os estudos, o trabalho e as demandas do dia a dia. É nesse contexto de desafios e superação que agradeço às minhas parceiras de trabalho, Andressa Pereira, Fausia Barbosa, Jamaira Páscoa e Juliana Pinheiro, pela compreensão, incentivo, companheirismo e por estarem sempre dispostas aos meus pedidos e sonharem comigo.

Por fim, a realização desse trabalho é, para mim, um testemunho da providência divina. Assim como Samuel tomou uma pedra e a pôs entre Mizpá e Sem, e lhe chamou Ebenézer, com um coração grato, afirmo: Ebenézer: até aqui nos ajudou o Senhor. A Ele, toda a honra e glória por cada etapa vencida e por cada porta aberta.

Assim, todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse trabalho, expresso minha mais profunda gratidão. Que o Senhor os abençoe abundantemente e retribua cada gesto de carinho e apoio.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal realizar uma análise comparativa da poética de autoras negras contemporâneas, centrada na autoria feminina afrodescendente. Para tal, utilizando a literatura comparada, a pesquisa explorou as vozes femininas afrodescendentes, investigando sua caracterização e construção nos versos de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima. O propósito foi comparar como a negritude se constitui e se manifesta nas produções poéticas dessas escritoras, conforme a perspectiva de Aimé Césaire (1978; 1987), que entende a negritude como a exploração dos valores próprios e a desconstrução de identificações raciais superficiais. Os aportes teóricos que fundamentaram a pesquisa incluíram os estudos de Abdala Junior (1996; 2012; 2016), Bernd (1988; 2013), Duarte (2020; 2024), Goldstein (2006) e Santiago (2004). Esses autores contribuíram para a compreensão da literatura afrodescendente como um espaço de resistência e afirmação da identidade. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, baseada no estudo de conteúdo e temática, além da análise discursiva. Foram analisados os poemas "Vozes Negras" e "Estupro", de Cibele Resende (2021); "Vozes Mulheres" e "Certidão de óbito", de Conceição Evaristo (2017); e "Canto obscuros às raízes" e "A mão", de Conceição Lima (2006), selecionados por abordarem temas como identidade negra, memória ancestral, crítica ao colonialismo e racismo estrutural. O estudo buscou identificar elementos linguísticos, narrativos e imagéticos que evidenciassem a construção de uma identidade negra autônoma e resistente, além de propor planos de aula para um ensino de literatura que promova a recepção e circulação das diásporas negras.

Palavras-chave: Literatura Afrodescendente; Literatura Comparada; Ancestralidade; Negritude.

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo principal realizar un análisis comparativo de la poética de autoras negras contemporáneas, centrado en la autoría femenina afrodescendiente. Para tal, utilizando la literatura comparada, la investigación exploró las voces femeninas afrodescendientes, investigando su caracterización y construcción en los versos de Cibele Clemente (2021), Conceição Evaristo (2017) y Conceição Lima (2006). El propósito fue comparar cómo la negritud se constituye y se manifiesta en las producciones poéticas de estas escritoras, según la perspectiva de Aimé Césaire (1987), que entiende la negritud como la exploración de los valores propios y la deconstrucción de identificaciones raciales superficiales. Las contribuciones teóricas que fundamentaron la investigación incluyeron los estudios de Abdala Junior (1996; 2012; 2016), Bernd (2010), (2013), Césaire (1987; 1978), Duarte (2005), Goldstein (2006) y Santiago (2004). Estos autores contribuyeron a la comprensión de la literatura afrodescendiente como un espacio de resistencia y afirmación de la identidad. La investigación adoptó un enfoque cualitativo de naturaleza interpretativa, basado en el estudio de contenido y temática, además del análisis discursivo. Se analizaron poemas como "Voces Negras" y "Violación", de Cibele Clemente; "Voces Mujeres" y "Certificado de defunción", de Conceição Evaristo; y "Cantos oscuros a las raíces" y "La mano", de Conceição Lima, seleccionados por tratar temas como la identidad negra, la memoria ancestral, la crítica al colonialismo y el racismo estructural. El estudio buscó identificar elementos lingüísticos, narrativos e imagéticos que evidenciaron la construcción de una identidad negra autónoma y resistente, además de proponer planes de clase para una enseñanza de la literatura que promueva la recepción y circulación de las diásporas negras.

Palabras clave: Literatura Afrodescendiente; Literatura Comparada; Ancestralidad; Negritud.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Proposta didática para turma de Ensino Fundamental (9º ano) 97
Quadro 2 – Proposta didática para turma de Ensino Médio (1º ano) 100

Figura 1 – Capa do livro "Poemas de uma mulher preta" de Cibele Resende 49
Figura 2 – Prefácio do livro "Poemas de uma mulher preta" 51
Figura 3 – Esquema 1 65
Figura 4 – Esquema 2 66
Figura 5 – Ciclo de Vozes da Resistência 67
Figura 6 – Esquema 3 69
Figura 7 – Esquema 4 70
Figura 8 – Atestado de óbito 75
Figura 9 – Ilustração do poema Certidão de óbito 77
Figura 10 – Ilustração de A dolorosa raiz do Micondó 81

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 LITERATURAS EM DIÁLOGO: AUTORIAS, CONCEITOS E ABORDAGENS 14
2.1 As literaturas são-tomense, afro-brasileira e acreana em diálogo 14
2.2 Autorias negras em conexão 22
2.3 Os conceitos-chave: negritude, escrevivência e fricção 28
2.4 Abordagens teórico-metodológicas 37
3 LER POEMAS: VOZES, CORPOS E OLHARES EM FRICÇÕES-ROTAÇÕES 47
3.1 Ritmos da voz em Cibele Resende 47
3.2 Percursos do olhar em Conceição Evaristo 59
3.3 Sons do corpo em Conceição Lima 79
3.4 Fricções de-entre poemas em rotação 92
4 APRENDER POESIA: A POÉTICA DA NEGRITUDE COMO PROPOSTA DIDÁTICA 95
4.1 Condições para trabalhar a poética da negritude 95
4.2 A organização da proposta didática: sugestões 96
4.3 A prática do ensino de poesia como horizonte de liberdade 105
4.4 Aprendizagem do poema como ação crítico-humanizadora 108
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 116
REFERÊNCIAS 119

1 INTRODUÇÃO

Nossos poemas conjuram e gritam
E não há mais quem morda a nossa língua
o nosso verbo solto conjugou
o tempo de todas as dores
(Evaristo, 2017).

Esta dissertação é fruto de minha luta e representa o resultado de um sonho antigo que iniciou ainda nos primeiros meses da Graduação. Ela também é um testemunho da resiliência e da determinação que me impulsionaram por entre os desafios acadêmicos e pessoais, num esforço intenso, um marco que coroa anos de dedicação e superação. Cada capítulo, cada argumento e cada conclusão aqui esboçados foram construídos com afinco, refletindo a jornada de aprendizado e as batalhas travadas no campo do conhecimento. É a materialização de um compromisso inabalável com a pesquisa, forjado na persistência e na paixão por desvendar novas perspectivas.

O tema deste trabalho foi pensado com foco na Literatura Afrodescendente, que emerge como um campo vibrante e complexo. Através de uma perspectiva que entrelaça a literatura étnica com as duras realidades da escravidão, do colonialismo e do racismo, esse trabalho explorou como a negritude é expressa e ressignificada. A análise aprofundou-se nas fricções inerentes a essas narrativas, revelando as tensões e os confrontos que moldam a identidade e a experiência afrodescendente, culminando na potência da escrevivência como ferramenta de resistência e afirmação.

Realizei essa pesquisa impulsionada pela convicção de que a Literatura Afrodescendente constitui um campo frutífero de significações, onde vozes secularmente silenciadas encontram eco e reconhecimento. Meu desejo foi, portanto, contribuir para a valorização de obras que não apenas entretêm, mas também denunciam as iniquidades sociais e históricas. Acredito que o contato com essa literatura é fundamental, especialmente para jovens no ambiente escolar, pois proporciona uma compreensão mais profunda das realidades e identidades brasileiras. Assim, espero que meu trabalho auxilie a dar mais visibilidade e reconhecimento às escritoras negras, enriquecendo o cânone literário e promovendo um debate mais inclusivo e representativo.

O **objetivo central** deste trabalho foi realizar uma análise comparativa da poética de autoras negras contemporâneas, com foco na autoria feminina afrodescendente. Para isso, utilizando a literatura comparada, a pesquisa explorou as vozes femininas afrodescendentes,

investigando sua caracterização e construção nos versos de Cibele Resende (2021), Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006).

O título **"Literaturas em movimento: a poética da negritude como proposta didática para o ensino da poesia de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima"** direciona essa dissertação. A expressão "Literaturas em movimento" sugere a dinamicidade e a constante transformação das narrativas afrodescendentes, sublinhando sua relevância contínua e a capacidade de se adaptar e ressignificar ao longo do tempo. A "poética da negritude" destaca o arcabouço teórico e estético que permeia as obras analisadas, ressaltando como a identidade negra é construída e celebrada através da linguagem poética. A "proposta didática para o ensino da poesia de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima" revela a natureza aplicada da pesquisa, indicando o objetivo de desenvolver abordagens pedagógicas para introduzir essas vozes essenciais no ambiente escolar, democratizando o acesso a uma literatura rica em significados e representatividade.

A dissertação está organizada de forma a guiar o leitor por uma jornada estruturada e aprofundada na temática proposta. Inicia-se com esta **Introdução**, que apresenta o panorama geral da pesquisa, seus objetivos e justificativas.

O Capítulo 2, intitulado **Literaturas em diálogo: autorias, conceitos e abordagens** estabelece a base teórica e contextual da pesquisa, iniciando com um diálogo entre as literaturas são-tomense, afro-brasileira e acreana. Ao explorar as conexões e particularidades dessas expressões literárias, evidencia-se a riqueza e diversidade da produção afrodescendente em diferentes contextos. O capítulo aborda as autorias negras em conexão, analisando como as obras das escritoras escolhidas se entrelaçam e dialogam, construindo um tecido literário que transcende fronteiras geográficas e temporais. A explanação dos conceitos-chave "negritude", "escrevivência" e "fricção" também são aprofundados e definidos para posteriormente serem aplicados ao interpretar a poética das autoras. São apresentadas, ainda, as abordagens teórico-metodológicas que guiaram a pesquisa, delineando os caminhos e as ferramentas utilizadas para a análise comparativa das obras.

No Capítulo 3, **Ler poemas: vozes, corpos e olhares em fricções-rotações**, foi realizada uma análise detalhada sobre a poética das autoras selecionadas. Para isso, exploraram-se os ritmos da voz em Cibele Resende (2021), desvendando as particularidades de sua dicção poética. Os percursos do olhar em Conceição Evaristo (2017) foram investigados sob a perspectiva singular da autora e como ela constrói imagens e sensações em sua poesia. No que tange aos sons do corpo em Conceição Lima (2006), realizou-se a análise da corporalidade presente em sua obra e como o corpo é um *locus* de experiências e expressões na poética da

autora. Por fim, houve também uma análise as fricções de-entre poemas em rotação, evidenciando os pontos de contato e as tensões entre as obras das três escritoras, revelando como suas poéticas se interligam em um movimento contínuo de ressignificação.

No Capítulo 4, sob título **Aprender poesia: a poética da negritude como proposta didática**, apresenta-se a contribuição prática desse trabalho. Desse modo, exploram-se as condições para trabalhar a poética da negritude em sala de aula, discutindo os pressupostos pedagógicos e os desafios que envolvem a prática dessa temática. Para isso, a organização da proposta didática oferece sugestões de atividades e metodologias para o ensino da poesia das autoras. Após, ao explorar a prática do ensino de poesia como horizonte de liberdade, destacou-se o potencial transformador da literatura no desenvolvimento da consciência crítica e na promoção da autonomia dos estudantes. Por fim, desde a aprendizagem do poema como ação crítico-humanizadora, ressaltou-se como o contato com a poesia afrodescendente pode contribuir para a formação de indivíduos mais empáticos, conscientes e engajados na construção de uma sociedade mais justa.

As **Considerações finais** desse trabalho trazem um balanço dos resultados alcançados nesta jornada, consolidando as análises da poética de Cibele Resende (2021), Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006), e reafirmando a relevância da literatura afrodescendente no cenário educacional. Retomamos a importância da negritude e da escrevivência como ferramentas de resistência e empoderamento, sublinhando como as fricções presentes nessas obras promovem um diálogo essencial para a compreensão de identidades e realidades muitas vezes marginalizadas. Mais do que um resumo, este último segmento apontou para as possibilidades futuras de pesquisa e para o impacto transformador que a incorporação dessas vozes na educação pode desencadear.

Agora, com o arcabouço da dissertação apresentado, convido você a iniciar a leitura deste trabalho. Que cada página seja um convite à reflexão e à descoberta da riqueza contida nas palavras dessas grandes escritoras.

2 LITERATURAS EM DIÁLOGO: AUTORIAS, CONCEITOS E ABORDAGENS

Este capítulo discute as literaturas são-tomense, afro-brasileira e acreana. Apresenta as autorias negras em conexão, os conceitos-chave de negritude, escrevivência e fricção, pilares analíticos desta investigação. Expõe finalmente as abordagens teórico-metodológicas que fundamentam a pesquisa, adotando a Literatura Comparada como metodologia central dessa pesquisa.

2.1 As literaturas são-tomense, afro-brasileira e acreana em diálogo

A proposta de um diálogo entre as literaturas são-tomense, afro-brasileira e acreana, sob a lente da Literatura Comparada, contrapõe-se "[...] à dinâmica e interações dos fluxos culturais, sempre pautados pela assimetria e pela imposição dos padrões hegemônicos (Abdala Junior, 2012, p. 47). Tais literaturas revelam um campo fértil para a análise de identidades afrodescendentes, e a complexa tessitura cultural que molda essas expressões artísticas. Nesse contexto, essas literaturas retratam as vivências, as histórias ancestrais e a rica diversidade cultural dos povos de origem africana, tecendo um conjunto de narrativas poderosas e multifacetadas.

O cenário literário contemporâneo é profundamente enriquecido pela diversidade de vozes que emergem das experiências diaspóricas globais. Para Benjamin Abdala Junior (2012), as relações comunitárias supranacionais, hoje, formam os laços de uma sociedade cada vez mais organizada em redes, de modo que o ato de organizar uma sociedade em redes sugere mudança nas relações de poder. Assim, as antigas estruturas hierárquicas do colonialismo, embora ainda presentes em certos aspectos, dão lugar a conexões mais fluidas e descentralizadas, nas quais a identidade e a cultura partilhadas desempenham um papel central na escrita literária.

Em constante movimento, as autorias negras em conexão criam um diálogo contínuo que abrange uma vasta gama de gêneros, estilos e temáticas, nos quais a herança colonial se mistura com elementos de resistência e reinvenção cultural. A linguagem, como sistema estruturado de comunicação, permite que essas autoras explorem a condição humana a elas preconizada e desafiem as convenções do antigo mundo. Os laços linguísticos-culturais que despontam deste processo são inquestionáveis, no que tange ao elemento comum, basilar e complexo na formação destas sociedades e identidades. Para Abdala Junior (2012), p. 49), "em

relação aos países de língua portuguesa, esses laços linguísticos-culturais formaram-se através de uma experiência histórica comum, associada ao sistema colonial".

Partindo desse pressuposto, Frantz Fanon (2008, p. 34) declara que "todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana". Nesse entendimento, a língua da nação colonizadora ou "civilizadora", como o autor ironicamente a chama, é o veículo principal da cultura e da ideologia dominante. Sendo assim, para o povo colonizado, adotar, rejeitar ou modificar essa língua torna-se um ato político e de afirmação identitária, abrindo, pois, outras possibilidades para a constituição de uma poética plural da negritude.

Com efeito, marcadas pela oralidade, as expressões artísticas dos povos afrodescendentes retratam um movimento ativo de reivindicação e reconstrução daqueles(as) que, por séculos, foram silenciados(as). Tudo isto ocorre principalmente por meio da palavra escrita, desde a qual se recuperam memórias, afirmam-se identidades, recontam-se histórias sob uma ótica própria e se constrói um "território" simbólico, onde a experiência afrodescendente pode ser plenamente expressa e compreendida em seus próprios termos. Noutras palavras, é um processo de empoderamento que ultrapassa a fronteira da estética e atravessa diretamente a forma como a cultura negra é vista e valorizada, tanto de modo individual quanto coletivo de representar a alteridade negra e suas conexões.

Nesse contexto, a linguagem revela-se não apenas um meio de comunicação, mas uma poderosa ferramenta de reconstrução. Ela transcende a mera transmissão de informações, assumindo o papel de expressão artística capaz de moldar a realidade individual e redefinir as identidades e futuros de grupos e sociedades inteiras. Essas expressões artísticas, que nos fazem transitar pelo caminho do gênero poema, muitas vezes centrados nas experiências de ser mulher negra em diferentes contextos sociais, culturais e históricos, apresentam-nos uma poesia que se destaca por sua capacidade de articular questões múltiplas e oferecer outras perspectivas sobre um tema tão explorado, por exemplo, como a negritude.

Sob essa ótica, o poema, foco de análise desse trabalho, emerge, portanto, como uma tessitura complexa que entrelaça ação, emoção, sentimento, história e significado, culminando em atos de reafirmação e reexistência. Para Zilá Bernd (1988, p. 23),

> Os mecanismos que regem a construção do discurso literário negro correspondem ao que Deleuze e Guattari chamam de reapropriação de territórios culturais perdidos, vinculando-se a noção de território ao conjunto dos projetos e das representações de um grupo. Deste modo, o fazer poético

> passa a ser equivalente a um processo de reterritorialização, ou seja, a uma tentativa de recomposição de um sistema próprio de representações.

De acordo com o trecho acima, assentindo a Deleuze e Guattari, citado por Bernd (1988) sugere que a literatura produzida por autores negros não é apenas uma forma de expressão, mas um ato de reapropriação e reterritorialização cultural. Ao ligar a noção de "território" aos projetos e representações de um grupo, o texto aponta que o fazer poético negro vai além da criação artística individual.

Nessa perspectiva, o fazer literário como uma ferramenta coletiva para recompor um sistema próprio de representações é um ponto comum nas obras das autoras estudadas nesse escrito. Logo, compreender a dinâmica dessas representações é crucial, pois, historicamente, a cultura afrodescendente foi muitas vezes desterritorializada, tendo suas narrativas, valores e visões de mundo silenciadas e distorcidas pelas culturas dominantes. Contudo, paralelamente a experiências individuais e introspectivas, a tessitura afrodescendente de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima amplifica as vozes de mulheres marginalizadas, garantindo-lhe representação e visibilidade por meio das escrevivências solidárias.

As escrevivências solidárias realizam-se a partir da prática inspirada no termo escrevivência, cunhado pela poeta afro-brasileira Conceição Evaristo. O conceito de escrevivência, que será aprofundado no tópico 2.3 desse trabalho, vai além da simples produção individual de textos e se caracteriza por ser um processo colaborativo da escrita, emanado no fortalecer dos laços e troca de experiências. Assim, ao construírem narrativas compartilhadas no âmbito regional, nacional e transnacional, Cibele Resende (2021), Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006) contribuem com a disseminação de tessituras múltiplas, que não se restringem a um único contexto geográfico. Ao contrário, as autoras propiciam diálogos com dimensão transfronteiriça e comparações entre suas poéticas multiplicidade de alteridades afrodescendentes.

Nessa perspectiva, partindo do regional para o nacional e o transnacional, de acordo com Eurídice Figueiredo (2013, p. 36),

> Acabou a relação, mesmo que tênue, da tríade: um país, uma língua, uma literatura. Assim, novas apelações surgiram para designar o fenômeno – literaturas diaspóricas, literaturas migrantes, literaturas transnacionais. Nesse panorama movediço, em que os antigos alicerces ruíram, a Literatura Comparada já não pode mais ser a mesma.

Logo, essa tríade, que serviu de base para os estudos literários, tem sido questionada e desconstruída, pois foram demolidos os muros que detinham a comparação de uma literatura no âmbito de uma só língua e um só país. Subsequente a este episódio, as escrevivências

solidárias facultam leituras comparadas, a partir da intensificação dos fluxos migratórios e da crescente interconexão entre diferentes culturas.

Diante desse cenário, a formação de identidades, que não se limitam aos contornos nacionais, tem produzido novas formas de expressão literária e os antigos métodos e conceitos podem não ser mais suficientes para analisar e compreender as complexas dinâmicas da literatura afrodescendente contemporânea. Em outras palavras, a complexa formação de identidades afrodescendentes, de acordo com Homi Bhabha (1998), foi destroçada pelo homem branco num ato contínuo de violência epistemológica, e incide basilarmente na visão perturbadora e perturbada do homem negro. Para o autor, "o artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro [...] o problema liminar' da identidade colonial e suas vicissitudes" (Bhabha, 1998, p. 76).

Assim, literaturas diaspóricas, migrantes e transnacionais são termos que surgem para designar as literaturas produzidas por escritores(as) que vivem em contextos de diáspora, migração e transnacionalidade, isto é, que não estão ligadas a um único país ou cultura. Em contraposição a esse fato, quanto mais países povoados pelo hibridismo e multifacetados por identidades que se aproximam é imperativo convergir. Para Bhabha (1998, p. 76), esse afastamento ocorre pois "não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial [...]".

Diante dos fatos, comparar textos de escritores(as) oriundos(as) de regiões diversas constitui-se uma das grandes transformações da Literatura Comparada (LC), pois, de acordo com Edward Said (2011, p. 71), "precisamos ver que o contexto global contemporâneo – territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas – já estava prefigurado e inscrito nas coincidências e convergências entre a geografia, a cultura e a história que eram tão importantes para os pioneiros da literatura comparada". Logo, neste multíplice universo da escrita e do entremear de tantas vozes, "a Literatura Comparada, hoje, deve, portanto, levar em conta a extraordinária movência da contemporaneidade e as passagens Inter e transculturais que estão na gênese das literaturas em escala planetária [...]" (Bernd, 2013, p. 214). Dessa forma, oportuniza-se a comparação e correlação das literaturas afrodescendentes, latino-americanas e outras, todas marcadas por sua formação híbrida.

Partindo desse entendimento, os(as) escritores(as) da literatura afrodescendente têm produzido textos literários nos quais se identifica a presença de personagens atravessados pela perspectiva da mobilidade, hibridização de culturas e pela temática comum da pós-escravidão e pós-colonialismo. A temática da dor, da resistência ao sofrimento, da luta por identidade junta-se às denúncias dos abusos sofridos, como também do preconceito e racismo estrutural,

arraigado em nossa sociedade. Conforme Cristiano Engelke (2020, p. 122), “o processo colonial é marcado por muita violência e crueldade, sendo tudo isso aceito, justificando o colonialismo através de um discurso moralista, cientificista, religioso e racista”.

Nessa conjectura, pode-se considerar que a escravidão e o colonialismo são dois dos capítulos mais sombrios da história da humanidade com impactos profundos e duradouros em sociedades ao redor do mundo. Assim, à medida em que se reconhece a profunda conexão entre esses dois fenômenos, compreende-se também que esses deixaram cicatrizes que persistem até os dias de hoje. Logo, embora existam formas de escravidão que precedem o colonialismo moderno, a expansão colonial europeia foi um motor crucial para o desenvolvimento e a intensificação da escravidão em larga escala, especialmente a transatlântica. Isso aconteceu porque o colonialismo necessitava de mão de obra para explorar os vastos recursos das terras conquistadas, e a escravidão forneceu essa força de trabalho de forma brutal e “barata”.

O colonialismo é um tema multifacetado e é caracterizado pela dominação política, econômica e cultural de um povo sobre outro. Este, além de visar à exploração de recursos naturais, e à expansão territorial, ensejou a imposição de cultura e valores da nação dominante sobre a nação dominada. Destarte, sistematicamente, a imposição de uma cultura estrangeira, a repressão de costumes e tradições locais e a discriminação racial contribuíram para a perda da identidade cultural dos povos colonizados. Contudo, por muito tempo, a base da defesa colonialista esteve alicerçada no sofisma de que colonização era sinônimo de civilização e, em nome desse discurso, o colonizador causou profundas feridas no colonizado.

Nesse cenário, o colonizador invadia os territórios alheios em nome de uma missão civilizadora por meio da expansão do cristianismo, do progresso, do desenvolvimento e ainda da defesa de um direito natural. Essa justificativa baseava-se em preconceitos raciais e culturais, além de servir para mascarar a exploração e a opressão. A propagação da fé cristã era outro argumento utilizado para explicar o motivo da colonização. Porém, a conversão forçada e a destruição de culturas locais eram práticas comuns, o que contradiz os princípios da própria religião cristã.

Crentes de que sua missão era expandir seus domínios e civilizar o mundo, os colonizadores sentiam-se privilegiados, ideia baseada numa visão eurocêntrica e hierárquica da humanidade. Em contrapartida, o colonizado apresenta uma visão diferente da eurocêntrica e do direito natural do colonizador. Diante disso, declara o poeta e político martinicano, Aimé Césaire (1978, p. 15-16),

> [...] admito que é bom pôr civilizações diferentes em contacto uma com as outras; que consorciar mundos diferentes é excelente; que uma civilização, seja qual for o seu

> gênio íntimo, se estiola se se encerrar sobre si mesma; (...), mas então pergunto: a colonização pôs verdadeiramente em contacto? Ou, se se prefere, era ela a melhor das maneiras para se estabelecer o contacto? Eu respondo não. E digo que da colonização à civilização a distância é infinita; que, de todas as expedições coloniais acumuladas, de todos os estatutos coloniais elaborados, de todas as circulares ministeriais expedidas, é impossível resultar um só valor humano.

No trecho em destaque, Césaire (1978) expõe uma crítica contundente à colonização como forma de contato entre civilizações. Embora o autor reconheça a importância do contato entre culturas diferentes, ele argumenta que a colonização não foi a maneira adequada para promover esse encontro. Afinal, a ideia de que uma civilização se "estiola" ao se encerrar sobre si mesma é contraposta à noção de que a colonização não promove um verdadeiro intercâmbio cultural. Isso fica visível quando o autor estabelece uma distinção entre o contato entre civilizações e a colonização. Enquanto o primeiro é visto como um processo enriquecedor e benéfico para ambas as partes, a colonização é caracterizada como uma imposição, e seus resultados são e foram desumanos.

Desse modo, à medida que o cenário em que a exploração de recursos e o trabalho escravo produz riqueza para as metrópoles coloniais, as nações colonizadas são empobrecidas e vivenciam desequilíbrios econômicos que ainda são visíveis. Com isso, a demografia de muitos países foi alterada drasticamente. A racialização das sociedades, a estratificação social, baseadas em cor da pele e/ou origem e a discriminação são heranças diretas desses períodos. Somam-se a esse cenário a perda de línguas, culturas e identidades, bem como os traumas geracionais acarretados por regimes autoritários e conflitos internos em muitas nações pós-coloniais, fruto das políticas coloniais e do lema "dividir para governar".

Com efeito, ainda no século XIX, mesmo após o "pseudo término" do colonialismo na maioria das regiões colonizadas ao redor mundo, partidários desse sistema de exploração continuavam a defendê-lo. De acordo com Said (2011, p. 40), em 1910, o defensor francês do colonialismo Jules Harmand dizia:

> É necessário, pois, aceitar como princípio e ponto de partida o fato de que existe uma hierarquia de raças e civilizações, e que nós pertencemos à raça e civilização superior, reconhecendo ainda que a superioridade confere direitos, mas, em contrapartida, impõe obrigações estritas. A legitimação básica da conquista de povos nativos é a convicção de nossa superioridade, não simplesmente nossa superioridade mecânica, econômica e militar, mas nossa superioridade moral. Nossa dignidade se baseia nessa qualidade, e ela funda nosso direito de dirigir o resto da humanidade. O poder material é apenas um meio para esse fim.

Diante desse trecho, compreende-se que, ao longo dos séculos, a escravidão e o colonialismo assumiram variadas formas e justificativas, mas sempre se caracterizaram pela desumanização e exploração do outro – é fundamental entender que ambos por meios de

exploração. Ou seja, não se constituem fenômenos homogêneo ou estáticos, visto que, baseados na acepção de raça, eles, por meio de argumentos religiosos, filosóficos, e principalmente biológicos e econômicos, buscavam legitimar a exploração.

Nesse entendimento, considerada uma prática comum em diversas civilizações antigas, como a Grécia e Roma, a escravidão era amplamente aceita pelas sociedades da época. Logo, mesmo após séculos de "libertação", na atualidade, ela ainda se reflete no abismo entre os indicadores sociais de brancos e negros em todo o mundo. No que tange ao Brasil, para Clóvis Moura (1983, p. 127),

> As estruturas de poder, herdeiras da ideologia do colonizador, acham que deve haver uma perspectiva funcionalista em relação ao problema Branco x Negro no Brasil, isto é, uma divisão de funções sociais na qual o elemento cor negra deveria ser pacificamente aceito como inferiorizador, mas, ao mesmo tempo, o Negro seria colocado em pé de igualdade com o Branco em serviços para os quais o Branco não se mostraria motivado e interessado por serem considerados atividades inferiores.

Porquanto, ainda nos dias de hoje, é comum o negro(a) "integrado(a)" à sociedade em um papel predefinido. Assim, por meio de uma ideologia não abertamente segregacionista no sentido literal da apartação, mas sim integracionista, de forma subordinada, dificulta-se o reconhecimento e o combate ao racismo estrutural. Simultaneamente, reforçam-se a hierarquia racial e a naturalização das desigualdades que combatemos desde o Brasil escravocrata.

Em nosso país, a escravidão teve início nas primeiras décadas de colonização, lá nos anos de 1530. Desde então, a identidade do povo brasileiro foi moldada desde a dizimação dos povos originários e da hibridização da cultura indígena, portuguesa e africana. A despeito disso, Marcos Gontijo (2017, p. 427), ressalta:

> A identidade do povo brasileiro também seria um dos problemas-chave da nossa história. País cuja formação e desenvolvimento se dá com a violenta colonização portuguesa, marcada pela grande propriedade rural e pela volumosa mão-de-obra escravizada (cerca de 40% da população africana retirada à força e trazida para a América tivera como destino a América portuguesa), a partir do século XIX, com sua independência em 1822, encontra a necessidade de dar sentido à nação e elaborar uma imagem do Estado.

Dadas as circunstâncias da formação da identidade brasileira, tem-se a violência do Brasil escravocrata e colonial apontados como problemas centrais da nossa história. A menção de que aproximadamente 40% da população africana traficada para as Américas teve nosso país como destino é um dado impactante que reforça a magnitude e o impacto da escravidão na estrutura social e cultural brasileira.

Nesse quadro, quando os portugueses iniciaram o processo de colonização/invasão da América portuguesa, deu-se início também à escravidão a partir de uma nova modalidade, que

ficou conhecida como capitanias hereditárias. As capitanias foram a primeira forma de organização territorial utilizada para colonizar o Brasil. Esse sistema consistia em dividir o território brasileiro em grandes faixas de terra[1], que eram doadas a nobres e comerciantes portugueses – os donatários. Assim, a figura dos donatários corresponde a uma peça-chave no processo de colonização, pois o sistema de capitanias foi uma estratégia da Coroa Portuguesa para reduzir os custos da colonização e garantir a posse do território brasileiro contra as incursões estrangeiras. Ao delegar a administração dessas terras a particulares, o rei buscava transferir os riscos e os investimentos para os donatários (MultiRio, 2023). Por consequência, os indígenas que aqui já habitavam foram os primeiros escravizados nesse abrupto processo. Não obstante, esgotadas as forças dos povos originários e ampliada a demanda da mão de obra, os portugueses sequestraram os africanos.

Desse modo, a partir do século XVI, a demanda por mão de obra nas colônias europeias e nas Américas impulsionou o comércio transatlântico de escravizados. Navios negreiros transportavam milhões de africanos em condições desumanas, em uma jornada marcada pela fome, doenças e morte. Instala-se assim uma antinomia da história harmoniosa e amena que a versão tida por oficial nos propõe. Ao chegarem, os escravizados foram submetidos a trabalhos extenuantes nas plantações de cana-de-açúcar, café e algodão. Enfrentava o povo negro africano um longo e intenso processo de desfiguração do eu-sujeito; resistir a isso era um ato de sobrevivência.

Nesse ato de resistência, muitos negros encontraram nos quilombos um novo lar. Essas comunidades autônomas, formadas por africanos que escapavam da escravidão, ofereciam refúgio, abrigo e proteção. Mais do que isso, os quilombos tornaram-se espaços vitais para a expansão da comunidade negra e a preservação de sua cultura e identidade.

Na obra *Brasil: uma biografia*, Lilia Schwarcz e Heloísa Starling (2015) ressaltam o extenso número de quilombos e as diversas formas de resistência, até mesmo física, dos homens negros escravizados contra o sistema escravocrata e os senhores de engenho. Contudo, apesar da proliferação de quilombos, nem todos obtinham êxito em suas tentativas de fuga. Os recapturados eram submetidos a cruéis castigos físicos.

Assim, evidencia-se que o legado da escravidão e do colonialismo continuam a influenciar as relações internacionais e as dinâmicas internas de muitos países até os dias de hoje. As fronteiras artificiais estabelecidas pelos colonizadores, muitas vezes, não

[1] O modelo de colonização adotado por Portugal baseava-se na grande propriedade rural voltada para a exportação. Dois fatores influíram nessa decisão: a existência de abundantes terras férteis no litoral brasileiro e o comércio altamente lucrativo do açúcar na Europa. (MultiRio, 2023).

correspondem às divisões étnicas e culturais das populações locais. As desigualdades sociais, a dependência econômica e os conflitos étnicos em diversas regiões do mundo são, em grande parte, resultado das heranças coloniais, constituindo-se temática das literaturas são-tomense, afro-brasileira e acreana em diálogo.

2.2 Autorias negras em conexão

Nessa dissertação, o conceito de "autorias negras em conexão" refere-se às interações e ressonâncias entre diferentes escritoras e suas obras. É como se as palavras de um autor ecoassem em outro, criando um diálogo literário que transcende tempo e espaço geográfico e que vai além da intertextualidade. Mas como essas autorias se conectam? Acredita-se que há diversas formas para conexão na escrita, pois um(a) autor(a) pode ser influenciado(a) pela obra de outro(a), seja em termos de estilo, temática, símbolos, linguagem, diálogos intertextuais, movimentos literários e temas universais. Assim, ao focarmos no entrelaçamento dessas vozes literárias, podemos identificar convergências temáticas, estilísticas e conceituais, bem como pontuar as particularidades que as distinguem em seus contextos históricos e geográficos específicos, desvelando-se diálogos literários plurais, complexos, multifacetados.

Partindo desse entendimento, as autorias negras em conexão visam promover um diálogo e uma ação social, através das palavras que se tornam porta de entrada para que o(a) leitor(a)/escritor(a) desempenhe seu papel responsivo. Considera-se que é possível construir pontes literárias, gerar conscientização sobre causas importantes e inspirar mudanças positivas na sociedade a partir da escrita. Nesse sentido, os escritores podem fazer referência direta ou indireta a outras obras, criando um diálogo entre textos, culturas e imaginários. Há também autores que fazem parte de um mesmo movimento literário, compartilham características comuns, interagindo mutuamente, e ainda, há aqueles(as) que, mesmo situados(as) em países em movimentos diferentes, exploram temas diversos, como amor, dor, morte, identidade, sofrimento, entre outros, criando, assim, pontes entre diferentes nações e culturas.

Nesse propósito, a literatura afrodescendente contemporânea é imprescindível, uma vez que é ferramenta na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É ela que nos leva a refletir e combater as velhas estórias, como podemos observar no trecho a seguir de Carolina de Jesus (2014, p. 65):

> [...] Um dia, um branco disseram-me: - Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto

> conhece a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém.

Nesse trecho, Carolina Maria de Jesus (2014), uma autora afrodescendente, explora de modo simples, por meio da linguagem informal, a temática do racismo, comum especialmente nos países de língua portuguesa. Carolina Maria de Jesus destaca que brancos(as) e negros(as) compartilham as mesmas necessidades e vulnerabilidades. A experiência da fome, da doença e das demais adversidades da vida não categoriza raças. A natureza, segundo a autora, não estabelece hierarquias entre os seres humanos. Desse modo, a autora subverte a narrativa que tenta justificar o racismo por meio de uma suposta superioridade racial, argumentando que tanto brancos(as) quanto negros(as) desconhecem sua origem.

Sob tal perspectiva, a afirmação de Jesus (2014) desmonta a ideia de que uma raça seria intrinsecamente superior a outra. Ao ironizar a pretensa superioridade branca, questionando quais seriam os atributos que a justificariam, a autora compara vícios e sofrimentos comuns a ambas as raças e evidencia a arbitrariedade e a injustiça da discriminação racial. Assim como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, por exemplo, é frequentemente citada como uma autora que dialoga com a tradição oral negra, e denuncia os embates do povo negro brasileiro. Em seu livro "Becos da Memória", Conceição Evaristo (2013) relata as circunstâncias adversas que viveu na infância, intensificadas pela cor preta de sua pele e pela pobreza.

De acordo com Evaristo (2013, p. 29), "a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez". Suas narrativas, que registram as vozes de mulheres negras, estabelecem um diálogo com a literatura afrodescendente e com os movimentos sociais ao redor do mundo, que nascem da luta antirracista. A autora, ao dialogar com a diáspora negra interna, utiliza a memória como ferramenta de resgate histórico, denunciando problemas antigos e vigentes, como se vê no trecho a seguir:

> Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, a D. Anália, ao Tio Totó, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padim. [...] Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (Evaristo, 2013, p. 27-30).

A imagem dos "amontoados" de pessoas e barracos é particularmente forte, evocando um senso de comunidade e de vivência coletiva, comum na escrita de Conceição Evaristo. A descrição dos personagens e dos cenários permite-nos visualizar as cenas, onde, a partir da

linguagem emotiva e a referência à memória afetiva, a autora transmite a profundidade dos seus sentimentos em relação às pessoas homenageadas. Com um ritmo envolvente, a escritora humaniza a trajetória dos descendentes de escravizados(as), revelando a ternura e a luta que marcam sua presença nos becos da modernidade brasileira.

Assim como Conceição Evaristo (2017), Cibele Resende (2021) e Conceição Lima (2006) também abordam, em suas obras, os problemas sociais, raciais e contemporâneos enfrentados pela herança afrodescendente. Apesar de estarem em continentes diferentes, Brasil e São Tomé e Príncipe carregam cicatrizes semelhantes do passado colonial. Ambos os países foram palcos da escravidão de africanos, que moldou suas estruturas sociais, econômicas e, crucialmente, raciais. Essa experiência compartilhada com o colonialismo se manifesta nas obras das três autoras, a partir da exploração de temas como racismo estrutural, memória e identidade, vozes silenciadas e problemas sociais contemporâneos.

Desde projetos literários em conexão e diferença, Conceição Evaristo (2017), Cibele Resende (2021) e Conceição Lima (2006) retratam como o racismo não é apenas um fenômeno individual, mas uma força intrínseca às instituições e à sociedade, que perpetua desigualdades. Suas narrativas frequentemente mergulham na recuperação da memória e na construção da identidade negra, confrontando narrativas hegemônicas e valorizando a ancestralidade africana. As autoras dão voz a personagens marginalizados(as), especialmente mulheres negras, expondo suas lutas, resiliências e perspectivas sobre um mundo que, historicamente, tentou silenciá-las. Outrossim, as obras não se limitam ao passado, ao contrário, elas traçam um elo direto entre a herança colonial e os desafios atuais, como a pobreza, a violência e a discriminação, tema latente nos poemas de Cibele Resende.

Cibele Francisca Clemente Resende, nascida em Cruzeiro do Sul (AC), é uma figura da mulher multifacetada. Ela é Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens (2021) pela Universidade Federal do Acre (Ufac) – Câmpus Floresta, com graduação em Letras e História. A autora combina sua paixão pela poesia com um forte ativismo social. Pode-se destacar que, além de sua atuação pedagógica, a escritora também se expressa através da música, da terapia e da literatura, como os exemplos a seguir, de alguns dos seus livros já publicados: *Borboleta azul* e *outros contos cruzeirenses* (2019)[2], (2021)[3] e *Poemas de uma mulher preta* (Resende, 2021).

---

[2] RESENDE, Cibele Francisca Clemente. **Borboleta Azul e outros contos cruzeirense –** Maringá, PR: A. R. Publisher, Editora Brasil, 2021.

[3]RESENDE, Cibele Francisca Clemente. **Poemas de uma mulher preta –** Maringá, PR: A. R. Publisher, Editora Brasil, 2021.

Além de poeta, professora e musicista, Cibele Resende dedica-se a diversos projetos sociais. Atualmente, a escritora é coordenadora da Associação de Mulheres Negras do Vale do Juruá, lutando contra o racismo e em defesa dos direitos das mulheres negras, luta que se materializa por meio da Organização não Governamental (ONG) Ponto de Cultura Juruaense, oferecendo assistência a mulheres em situação de vulnerabilidade social. Sabe-se que, em nosso país, rotineiramente de Norte a Sul, as manchetes de jornais são enfáticas ao exporem notícias de mulheres negras violentadas, exploradas e segregadas à margem da sociedade. Essas mulheres, em situação de vulnerabilidade, muitas vezes desconhecem seus direitos ou enfrentam dificuldades para acessá-los.

Em face disso, em Cruzeiro do Sul (AC), o trabalho social de Cibele Resende é de suma relevância para mitigação dos índices de violência contra a mulher negra, ocorrendo a partir de sua atuação como mediadora, onde auxilia no acesso a serviços essenciais de saúde, educação, assistência jurídica e programas sociais. Além disso, Cibele Resende é secretária da Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Cruzeiro do Sul (APAA/CZS). Entendendo a relevância desse trabalho, a autora colabora ainda com o Centro Especializado em Transtorno do Espectro Autista (CETEA). O que se vê é que a autora tem dedicado sua vida a causas sociais relevantes. Com uma formação acadêmica sólida e uma trajetória marcada pelo ativismo, essa escritora tem sido uma voz importante na defesa dos direitos das mulheres negras. Sua atuação em diversas organizações cruzeirenses demonstra seu compromisso em construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Neste propósito, por meio de seu trabalho, a autora inspira e mobiliza pessoas a se engajarem em ações que promovam o bem-estar da comunidade afrodescendente. Enquanto professora da rede pública de ensino, constitui-se uma ativista incansável, que se dedica a desconstruir narrativas históricas eurocêntricas nas escolas, promovendo a valorização da cultura e herança negra. Assim sendo, ora na rotina da sala de aula ora através de projetos sociais e interdisciplinares, Cibele Resende busca despertar, nos(as) estudantes, a consciência e o combate ao racismo estrutural. Como esposa e mãe, a autora vivencia os desafios do racismo no dia a dia, mas, por Laura e Samuel, ela transforma essa difícil experiência em combustível para sua luta, assim como Conceição Evaristo.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. A autora é uma das mais importantes escritoras brasileiras contemporâneas, conhecida por obras que dão voz às mulheres negras e exploram temas como racismo, gênero e desigualdade social. Tendo uma infância marcada pela pobreza e pela discriminação racial, apesar das dificuldades, dedicou-se aos estudos e tornou-

se professora, trabalhando na rede pública de ensino. Sua experiência como mulher negra em uma sociedade desigual a impulsionou a buscar voz e reconhecimento /através da literatura.

Conceição Evaristo é graduada em Letras pela UFRJ (1990), mestre pela PUC/RJ (1996) e doutora pela UFF (2011). A autora começou a publicar seus trabalhos na década de 1990, no contexto do movimento negro, e logo se destacou por sua escrita visceral e poética. Em sua escrita, Conceição Evaristo sempre busca transmitir emoções intensas e cruas, como raiva, paixão, medo e alegria, de forma direta e impactante. A linguagem utilizada é geralmente simples e direta, mas repleta de imagens fortes e metáforas que evocam sensações e emoções. Mas o que torna a obra dessa autora tão especial? Em nosso entendimento, podem-se destacar três pontos principais: a visibilidade à mulher negra, a linguagem inovadora e o empoderamento negro.

Conceição Evaristo articula uma linguagem rica e poética, que combina elementos da oralidade com a escrita formal, criando um estilo único e marcante. Sua obra é um hino à resistência e à beleza negra, resgatando a história e a cultura do povo negro e promovendo a autoestima dele. Em obras como *O Olho d'Água* (2016)[4] e *Becos da Memória* (2017)[5], Conceição Evaristo utiliza a escrevivência para dar voz às mulheres negras, explorando temas como amor, família, trabalho, racismo e desigualdade social. Suas personagens são fortes, resilientes e possuem uma rica história oral que é transmitida de geração em geração, elemento comum aos dos poemas de Conceição Lima.

Conceição Lima é uma poeta e jornalista de São Tomé e Príncipe, reconhecida como uma das vozes mais importantes da literatura contemporânea africana de língua portuguesa. Nascida em Santana, São Tomé, em 1961, a autora é conhecida pela construção de uma poesia que aborda temas como a identidade nacional, a história colonial, a diáspora africana e as lutas pela liberdade e justiça social. Nascida no coração da África equatorial, a escritora carrega consigo a história de um povo que, por cinco séculos, resistiu à colonização portuguesa. Neste pequeno país insular, cercado por águas cristalinas e florestas exuberantes, a cultura africana floresceu por meio da oralidade, mesmo sob o jugo colonial. Hoje, São Tomé e Príncipe, com suas riquezas naturais excepcionais e um passado rico em história de luta e resistência, serve de inspiração para a obra de Conceição Lima.

A autora estudou jornalismo em Portugal e no Reino Unido e, após completar sua formação, trabalhou como jornalista e editora em várias organizações e meios de comunicação

---

[4] EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

[5] EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 200 p.

em São Tomé e Príncipe. Seu trabalho como jornalista também influenciou sua produção poética, na qual frequentemente aborda questões políticas e sociais. A poesia de Conceição Lima é marcada por uma profunda reflexão sobre a história e a cultura de São Tomé e Príncipe, especialmente as consequências do colonialismo e a busca por uma identidade nacional pós-independência. Seus poemas são escritos em um estilo lírico, com forte apelo à memória coletiva, à oralidade e à ancestralidade.

Algumas de suas obras mais conhecidas incluem *O Útero da Casa* (2004)[6]. Este é seu primeiro livro de poesia, que já revela sua habilidade em combinar o pessoal com o político, explorando temas de identidade, memória e a condição da mulher africana. *A Dolorosa Raiz do Micondó* (2006), trabalhada nesta pesquisa, é caracterizada como uma obra que explora ainda mais as questões de história, identidade e diáspora, com uma sensibilidade profunda para o sofrimento e a resistência das pessoas de São Tomé. *O País de Akendenguê* (2011)[7] constitui um livro no qual Conceição Lima continua a explorar a história e a cultura africanas, com uma ênfase particular nas conexões entre África e a diáspora.

O estilo de Conceição Lima é descrito como lírico e meditativo, com um uso cuidadoso e evocativo da linguagem. Seus poemas frequentemente articulam imagens vívidas e metáforas que ligam o presente ao passado, destacando a importância da memória e da história na formação da identidade. A autora é uma voz importante na literatura africana, trazendo visibilidade às histórias e experiências de São Tomé e Príncipe. Seu trabalho não apenas contribui para a literatura, mas também para a consciência crítica sobre as questões sociais e políticas que afetam as antigas colônias portuguesas e a diáspora africana. Desde sua poesia, Conceição Lima convida os(as) leitores(as) a refletirem sobre as complexidades da identidade africana e a necessidade de lembrar e honrar a história coletiva do povo africano.

Partindo desse pressuposto, compreende-se que as três autoras buscam preservar e honrar a histórias dos seus antepassados(as) utilizando a literatura como ferramenta de resistência e re-existência dos afrodescendentes. Nesse desígnio, no tópico 2.2, Autorias negras em conexão, encontram-se não só marcas de solidariedade, comum a todos os gêneros, mas também a sororidade – uma forma de solidariedade entre mulheres. Logo, mesmo em continentes distintos, torna-se evidente que, na poesia de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima essa sororidade está explicitamente relacionada à vivência de ser mulher negra em uma sociedade machista e patriarcal.

---

[6] LIMA, Conceição. **O útero da casa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004

[7] LIMA, Conceição. **O país de Akendenguê**. Lisboa: Caminho, 2011.

Assim, estudar, pesquisar, ensinar e aprender desde as autorias em conexão dessas mulheres escritoras significa adotar, discutir e potencializar a dimensão crítica de conceitos-chave que evidenciem a prática da sororidade, desde noções cruciais, como negritude, escrevivência e fricção, conforme abordaremos a seguir.

2.3 Os conceitos-chave: negritude, escrevivência e fricção

A nossa escrevivência não pode
ser lida como história
de ninar os da casa-grande,
e sim para incomodá-los em seus
sonos injustos
Conceição Evaristo (2020)

Essa dissertação adota três conceitos-chave para sustentar a leitura, análise e interpretação comparada da poesia de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima. São, pois, eles: a negritude, a escrevivência e a fricção. Começamos, então, pela exposição do conceito de **negritude**, o qual emergiu das vivências pós-escravidão e pós-colonialismo de pessoas negras em diversas partes do mundo. O termo foi cunhado nas décadas de 1930 e 1940, principalmente por escritores afrodescendentes como Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor. Esses escritores, juntamente com outros autores negros, definiram a negritude como a consciência de ser negro, um reconhecimento simples de um fato que implica aceitação em assumir a própria negritude, história e cuCEltura. Ainda no século XX, os escritores afrodescendentes foram pioneiros no uso da literatura como ferramenta para expressar a experiência negra, valorizando a cultura, a história e a língua africana. Conforme explicita Bernd (1988, p. 37),

> O próprio Aimé Césaire, autor do antológico Cahier d'un Retour au Pays Natal, primeiro poema épico no qual o herói é o povo negro vencido e humilhado, permanece fiel ao que ele chamou de "postulação agressiva da fraternidade", iniciada com o Movimento da Negritude nos anos 30. O poeta-profeta faz, em Ferrements (Paris, Seuil, 1960), a utilização dos mesmos símbolos que pontuaram um discurso cuja força persuasiva lhe valeu ressonância internacional. Os principais símbolos césairianos, que conferiram ao Cahier poder quase mágico de mobilização, reaparecem nos poemas da década de sessenta, revelando uma continuidade discursiva através da qual fica comprovado que a poesia como ato de desestruturação da visão preconceituosa do negro [...].

Nesse cenário, a obra de Césaire (1978) foi marcada por uma forte crítica ao colonialismo e à cultura europeia, tendo como um dos pilares a revalorização da estética e da oralidade. De igual modo, longe de se contentar com a escrita em moldes europeus, os demais

autores da negritude buscaram incorporar ritmos, sonoridades e narrativas das tradições orais dos afrodescendentes em suas obras. Isso não apenas enriqueceu a literatura mundial, mas também promoveu um profundo senso de orgulho e pertencimento. A busca pela identidade afrodescendente foi, para Césaire (1978), de importância crucial. Afinal, ele defendia que esse resgate era o caminho para a compreensão das próprias raízes e para o avanço em termos sociais, intelectuais, econômicos, estéticos e morais, uma contraposição aos países "tidos por civilizados".

Com este propósito, no contexto de sua obra, o autor aponta a importância do autoconhecimento a partir de uma crítica às sociedades colonizadoras, pois, de acordo com Césaire (1978, p. 13), "uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas, que o seu funcionamento suscita, é uma civilização decadente". O autor argumentava que o colonialismo, ao invés de ser uma missão civilizadora, era uma força que corrompia tanto o colonizado quanto o colonizador, gerando miséria, desumanização e conflitos insolúveis. Nesta citação, ironicamente, Césaire (1978) critica a imponente civilização europeia e sugere que uma sociedade, ao não conseguir encontrar soluções para os desafios que cria, está fadada ao declínio. Essa incapacidade pode se manifestar em diversas áreas, com questões sociais, econômicas e políticas. Não apenas num declínio material, mas também numa crise moral e de valores.

Nessa perspectiva, além de ir contra as amarras do colonialismo europeu, em sua obra, o poeta e político senegalês Senghor tecia também uma poesia que celebrava a cultura africana e beleza da mulher negra. Ora, celebrar a cultura africana ao manter a herança deixada pelos seus antepassados corrobora com a premissa de que no mundo há variadas culturas. A despeito disso, Maria da Glória Bordini e Vera Aguiar (1988, p. 11) declaram que "o conceito de cultura fica deformado, expressando apenas a verdade de uma camada social [...] não há cultura melhor nem pior: há culturas diferentes, segundo as experiências dos homens que a produzem".

Nesse sentido, a negritude sempre criticou a relação de dependência cultural que o colonizador tentava restabelecer, desafiando uma visão essencialista e biológica. A história comum de opressão e resistência negra, a partir da escrita da negritude, volta-se para a importância da dimensão social e política da identidade negra. Cabe ressaltar, assim, que a negritude não é apenas uma identidade cultural, mas também um campo de luta política, forjado na resistência contra a opressão racial. Neste cenário, ao longo dos anos, o conceito de negritude passou por diversas transformações e interpretações, adaptando-se a diferentes contextos e realidades ao redor do mundo. A despeito disso, escreve Kabengele Munanga (2012, p. 12):

> É importante frisar que a negritude, embora tivesse sua origem na cor da pele negra não é essencialmente de ordem biológica. Em outros termos, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros, ou entre negros e amarelos. A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental "branco" reuniu sob o nome do negro. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes, apesar das semelhanças que constituem a africanidade. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar o termo negritude a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história da humanidade vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas.

Ao consolidar-se como um movimento político que buscava a descolonização e a construção de identidades nacionais autônomas, livres das imposições coloniais, a negritude aprofundou a análise e olhar para a história do povo negro, desconstruindo o olhar do mundo ocidental branco. Este olhar, ao categorizar e hierarquizar as raças, construiu uma narrativa que desumanizou os povos negros, reduzindo-os a estereótipos e negando suas ricas e complexas culturas. A negritude, nesse contexto, emerge como uma resposta a essa desumanização, como uma afirmação da identidade e da dignidade dos povos negros. No entanto, essa identidade não é estática, mas sim dinâmica e em constante construção, marcada pelas lutas e resistências ao longo da história.

No Brasil, a negritude manifesta-se de diversas formas, impactando a literatura, a música, as artes visuais e os movimentos sociais. Na literatura, ela se caracteriza especialmente por construir narrativas que desafiam os cânones literários dominantes. Como parte integrante de nosso tecido social, as representações literárias da negritude não apenas existem, mas também permeiam nossa história, manifestando-se em toda sua pluralidade. Dentro desse contexto, a obra de Luís Gama com sua poesia e ativismo abolicionista, antecipou a busca por uma identidade negra em nosso país. No entanto, o conceito de negritude, tal como se consolidou nos debates intelectuais da França, chegou ao Brasil a partir do século XX. O Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944, desempenhou um papel crucial na difusão dessas ideias, promovendo a produção cultural negra e a luta por direitos civis.

É importante ressaltar que o TEN não atuou isoladamente, mas se inseriu em um contexto mais amplo de afirmação da identidade negra no Brasil e no mundo, marcado pelo impacto dos movimentos como o Pan-Africanismo. A chegada da negritude ao Brasil na década de 1940 coincide com um período de intensa luta por direitos civis nos Estados Unidos e em outros países. É relevante analisar como esse contexto internacional teve ressonância no movimento negro do Brasil. Para Munanga (2004, p.116),

> Os que pensam que a situação do negro no Brasil é apenas uma questão econômica e não racista, não fazem um esforço para entender como as práticas racistas impendem ao negro o acesso na participação econômica. Ao separar "raça" e "classe" numa sociedade capitalista, eles cometem um erro metodológico que dificulta a sua análise e os condena no beco sem saída de uma explicação puramente economicista.

Embora a negritude seja um movimento que se origina da experiência negra, ela também busca dialogar com outras lutas sociais e promover a união entre diferentes grupos oprimidos.

A negritude, no estado do Acre, encontrou um certo embaraço para sua expansão, porque o mito da democracia racial, que negava a existência do racismo e a desigualdade racial, contribuiu para a invisibilização da população negra em nosso estado. A ideia de que todos os acreanos eram mestiços ou caboclos e viviam em igualdade era uma falácia, utilizada para justificar a marginalização e o apagamento histórico dessa população. De acordo com Carneiro e Parfan (2018), no Acre, onde mais de 70% da população é negra, reconhecer – e abraçar – a própria negritude tornou-se ato de resistência. Esta afirmação finda por desafiar o estereótipo de que a região Amazônica é predominantemente habitada por indígenas e mestiços.

Neste cenário, Maycon Pereira (2023, p. 109) declara:

> A pesquisadora e professora da Universidade Federal do Acre (UFAC) Flávia Rodrigues Lima da Rocha (2011), por meio de seus estudos e pesquisas constata a falta da presença negra ou a não inclusão dessa população na historiografia acreana existentes, o que leva a uma invisibilização das contribuições dessa população para a formação dessa sociedade, alegando ainda que essa exclusão e/ou marginalização da população negra reproduzem as ideias de inferioridade racial, que então é naturalizada no meio da sociedade acreana. O também professor da UFAC Jorge Fernandes (2012), em seu livro intitulado "Negros na Amazônia Acreana", aponta que a origem das pessoas negras no Acre aconteceu nos primórdios da ocupação de terras acreanas, constatando inclusive que parte das pessoas negras acreanas aculturaram-se em sentido cultural, social e religioso.

Em face disso, o Movimento Negro Acreano atua em defesa dos direitos da população negra, especialmente no âmbito educacional, buscando garantir o lugar de agência da população negra na construção da história e da sociedade acreana. Isso acontece porque, ao reconhecer a educação como um espaço estratégico para a transformação social, esse movimento atua ativamente na promoção da igualdade racial, especialmente nas escolas acreanas.

Nessa perspectiva, a autora acreana Cibele Resende convoca as vozes da negritude que constituem o movimento negro acreano para compor poesias de valores cultural, social e político, como estratégia de valorização da identidade negra-acreana. Através de seus versos, a autora busca fortalecer tanto a autoestima quanto o empoderamento da mulher negra, incentivando a participação política e social, rechaçando a desgastada e ultrajante concepção de que mulheres e mulheres negras devem estar sempre ao pé do fogão. A abordagem da autora

cruzeirense alinha-se com os princípios da negritude, contribuindo para a construção de um acervo poético que celebra a cultura e a história local e desvela as escrevivências acreanas.

O segundo conceito chave deste trabalho é o de **escrevivência**. Conceição Evaristo (2020), Maria Nazareth Fonseca (2020) e Eduardo de Assis Duarte (2020) apresentam o termo escrevivência como uma experiência diaspórica fundamental para repensar as representações da alteridade negra. Introduzido a partir de 1995, na dissertação de mestrado de Conceição Evaristo, o termo escrevivência tem sido bastante discutido. A escrevivência funciona como uma chave para acessar e ouvir as vozes de comunidades marginalizadas, abrindo um caminho para que suas histórias sejam finalmente contadas.

Para Constância Duarte e Isabella Nunes (2020) em nosso país o termo incorpora as experiências e vivências da condição do(a) brasileiro(a) de origem africana. Uma nacionalidade inferiorizada, apoiada no racismo e "no imaginário aterrorizante construído pelos europeus sobre o africano e a África" (Carneiro, 2023, p. 116). Desse modo, a expressão "imaginário aterrorizante", citada por Sueli Carneiro (2023), não surgiu por acaso, uma vez que foi ativamente construída e disseminada com propósitos específicos. Logo, o colonizador europeu criou uma imagem do africano selvagem, primitivo e intelectualmente inferior. Essa falsa representação não era uma descrição da realidade, mas uma projeção que servia para justificar a exploração, a violência e a subjugação, sendo combatida por meio das escrevivências.

As escrevivências de Conceição Evaristo, centradas na vivência coletiva de mulheres negras, definem sua própria prática literária, como também a de Cibele Resende, Conceição Lima e tantos(as) outros(as) escritores(as) da literatura afrodescendente. Esses(as) escritores(as), inspirados(as) na oralidade, na memória coletiva e na experiência de vida de seus antepassados, tecem suas obras através de atos de resgate e subversão. Conforme Evaristo (2020, p. 30) no texto *A Escrevivência e seus subtextos*, capítulo do livro organizado por Duarte e Nunes (2020), *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo,* o termo escrevivência é definido como:

> [...] um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

Essa definição de Evaristo (2020) abre espaço para repensar o papel da própria escrita afrodescendente. Ela não se define em apenas documentar experiências ou reagir à opressão racista e patriarcal, caracterizando-se no ativo transformador de retomada da história da mulher negra, que foi repetidamente desvalorizada.

Partindo desse pressuposto, em *Escrevivência: sentidos em construção,* Maria Nazareth Fonseca (2020) aprofunda a potência do conceito de escrevivência. Para essa estudiosa, "os sentidos da palavra se adequariam a uma proposta de escrita literária que intenta borrar o imaginário que vê o(a) negro(a) em funções determinadas pelo sistema escravocrata" (Fonseca, 2020, p. 60). Diante dessas funções pré-definidas pelo homem branco, a experiência da mulher negra escravizada no Brasil transcendeu o trabalho forçado nas lavouras ou nos afazeres domésticos. Sua exploração se estendia ao nível mais íntimo e biológico, no qual o próprio corpo era visto como uma ferramenta a serviço dos senhores.

Para Fonseca (2020, p. 60), "faz parte desse imaginário a figura da Mãe Preta, obrigada a cuidar das crianças da casa-grande, dando a elas, inclusive, o leite negado aos seus próprios filhos". Essa violência sistemática que se manifestou de diversas formas, para além da doação compulsória de leite materno, torna visível a fragmentação do corpo da mulher negra. No Brasil escravocrata, as amas de leite, como ficaram conhecidas, foram reduzidas à sua função servil, e um ato que deveria ser de nutrição e afeto materno para seus próprios filhos era desvirtuado e imposto como mais uma obrigação. A ironia perversa dessa situação é que, enquanto o leite vital era destinado aos filhos dos opressores, seus filhos, muitas vezes, sofriam de desnutrição, cresciam fracos ou, em casos trágicos, morriam de fome ou doenças.

A referência ao "corpo-voz" que era controlado pelos escravocratas, além de destacar o silenciamento e a desumanização como históricos das mulheres negras escravizadas, nos leva a reconhecer que o ato de escrever não é apenas um exercício intelectual, mas uma reafirmação holística do ser, onde a presença física e vocal, outrora sufocada, é agora liberta através da palavra escrita. Tais palavras implicam um ato intencional que resgata e remodela a memória e a herança ancestral ao projetar a identidade da mulher negra outrora tão marginalizada.

Nessa perspectiva, a ênfase em "borrar, desfazer" uma imagem do passado é crucial. Afinal, sugere que a escrita afrodescendente visa desmantelar e desacreditar ativamente as narrativas opressoras existentes. Ao desafiar a própria base da representação histórica equivocada e do controle sobre as vozes das mulheres negras, posiciona-se o ato de escrever como uma ferramenta poderosa que insurge contra as narrativas dominantes e retoma a agência sobre o passado e o presente.

Nesse sentido, Fonseca (2020, p. 61) recorda a afirmação de Conceição Evaristo, ao deixar claro que, "desde o momento em que usou o termo 'escrevivência' pela primeira vez, quis estabelecer uma intrínseca relação entre o ato de escrever literatura e a intenção de assumir o que foi vivenciado por negros e negras ao longo da história do Brasil". Esse exercício de alteridade, realizado por Conceição Evaristo, é identificado também na escrita de Cibele

Resende e Conceição Lima, que, ao enxergarem o mundo através de uma outra perspectiva, produzem narrativas de personagens negros protagonistas, confrontando os papéis estigmatizadores do homem e mulher negra, e suas outras vivências que foram sistematicamente negadas.

Em *Escrevivência, quilombismo e tradição da escrita afrodiaspórica*, Eduardo de Assis Duarte (2020) também examina a dimensão deste conceito-ação criado por Conceição Evaristo. Na concepção do crítico literário, essa literatura não apenas atualiza a tradição, mas aprofunda uma conversa com o passado, inscrevendo-o de forma permanente na ficção. Desse modo, na contramão do exotismo negro, que aparece na maioria das obras em que o negro é descrito por escritores brancos, as escrevivências que nasceram na "escrita de autoria afrodescendente parte de um lugar de fala distinto, comprometido com a memória da subjugação, que reduz o negro a corpo disponível e força de trabalho submissa e descartável" (Duarte, 2020, p. 78).

Duarte (2020, p. 88) concebe "a escrevivência como ruptura de fronteiras entre as formas e/ou gêneros narrativos, ao recorrer a traços do testemunho coletivo e da escrita de si para mesclá-los à ficção voltada para a memória dos despossuídos, via de regra silenciada". O que se entende, a partir desse crítico literário, é que por meio das escrevivências de muitos(as) autores(as) a escrita afrodiaspórica têm percorrido os continentes e atravessado as bases dominantes dos grandes centros. Ela evoca a conexão transnacional e histórica das comunidades negras dispersas pela diáspora africana. Isso significa que as escrevivências não são fenômenos isolados em um único lugar, mas sim uma rede interligada de vozes que, através da escrita, buscam reconstruir e reafirmar narrativas que foram intencionalmente apagadas ou distorcidas.

Logo, a capacidade de o "subalterno" superar sua condição, através da fala, insurge como ferramenta de distorção dos padrões hegemônicos, ainda que, inicialmente, o falar do escravizado seja persistente em relatar sua dor e sofrimento. O registro autobiográfico servia tanto como uma denúncia embasada na evidência histórica quanto como um poderoso recurso retórico capaz de convencer pela brutalidade exposta por quem a experienciou. Para Duarte (2020, p. 77), "o escravizado quase sempre falava em primeiro lugar da sua dor, obviamente de sua condição de homem ou mulher cuja humanidade havia sido sequestrada".

Embora este continue sendo um ponto de partida importante e inegável na memória coletiva, "talvez por esse caminho se possam encontrar justificativas para o predomínio do registro autobiográfico – seja como denúncia alicerçada na evidência histórica, seja como artifício retórico de convencimento calcado na brutalidade revelada por quem a sofreu" (Duarte, 2020, p. 78). Ao recontarem suas histórias e se afirmarem como sujeitos complexos e multifacetados, homens e mulheres negros não só superam a subalternidade narrativa, mas

também criam personagens que revelam a riqueza de emoções, dilemas, sonhos e contradições inerentes a qualquer ser humano. Tais narrativas oferecem pontos de contato universais que emergem claramente quando postas em fricção.

O terceiro termo central dessa dissertação é o de **fricção**. Ele traz em si a noção de atrito, atrição, comparação e resistência; é um movimento que emana configurado em uma das características principais na Literatura Afrodescendente: o quebrar-fronteiras. Tal movimento nos permite comparar textos a partir do âmbito literário e cultural, evidenciando a potência da literatura feminina negra diaspórica. Em face disso, o ato de friccionar preconiza que o confronto, a tensão e a oposição são elementos inerentes e fundamentais nas produções artísticas.

Assim, a ideia de "quebrar-fronteiras" sugere que o movimento de fricção atua como uma força desafiando e transcendendo os limites estabelecidos, sejam eles geográficos, entre nações e continentes; culturais, entre tradições diversas; sociais, entre classes e grupos; ou epistemológicos, entre formas de conhecimento.

Sob essa ótica, entende-se que a fricção de obras literárias afrodescendentes não apenas expõe as fronteiras, mas trabalha ativamente para desestabilizá-las e, por vezes, derrubá-las. As fricções são, portanto, a porta de saída para a clausura do nacional e a porta de entrada para trânsitos epistemológicos, representando uma força simbólica de emancipação. Logo, essa força utilizada para livrar-se do enclausuramento ocorre quando se reconhece uma literatura híbrida, conforme discorre Amilton Queiroz (2022, p. 71), quando escreve que "o destaque dado à diversidade, relação e diferença revela, sobretudo, a necessidade das fricções, o que seria verificado em uma escritura híbrida [...]". Assim, a escritura híbrida revela a (con)fluência de diferentes linguagens, estilos e referências culturais, a partir dos quais os(as) poetas transfronteiriços(as) criam obras ricas e complexas que dialogam com diversas realidades, tanto externas quanto internas.

No que tange às realidades internas, nos poemas de Conceição Lima (2006), por exemplo, a fricção é um elemento central que confere profundidade e robustez à sua obra. Desse modo, em cada verso da autora, a fricção não é apenas um choque de ideias, mas uma colisão de realidades, perspectivas e, muitas vezes, de poderes desiguais entre o colonizador e o colonizado. Outrossim, considerando as fricções externas, percebe-se que as obras das três autoras analisadas neste trabalho se entrecruzam e se imbricam, indicando uma vasta rede de influências, referências e diálogos em suas tessituras.

Acreditamos, desse modo, que as fricções entre essas redes são o que impulsionam a criação e a renovação constante das literaturas, permitindo praticar "[...] os comparatismos de-

em fricções nos autorizam, especularmente, a acompanhar uma emergência da travessia por diferentes estéticas transculturais, que se notabilizam pelo jogo das fricções epistemológicas e deslocam perspectivas [...]" (Queiroz, 2022, p. 71).

Nesse contexto, os conceitos-chave de negritude, escrevivência e fricção constituem formas de expressão que conectam a escrita à vivência, logo, nascem da experiência de vida, da oralidade e das histórias de seus ancestrais. Para valorizar a voz coletiva, os três termos não se concentram apenas no indivíduo, mas na voz de todos(as) aqueles(as) cuja potência confere visibilidade às experiências de grupos historicamente marginalizados(as), como os(as) afrodescendentes na cena sociocultural e política contemporânea.

Em diálogo com esse horizonte de agência crítica, a literatura afrodescendente desafia os cânones literários e rompe com os padrões tradicionais da literatura, valorizando a oralidade, a linguagem popular e a diversidade de vozes marginalizadas. Entretanto, mesmo agora "podendo falar", na prática, a condição do homem e especificamente da mulher negra no Brasil, tanto no período pós-abolição quanto atualmente, é marcada por um legado de desigualdade sistêmica, racismo estrutural e negação de direitos fundamentais, como acesso a recursos, lazer e educação.

O que se infere, a partir de Neusa Sousa (1983, p. 7), é que, ainda hoje, "o pensamento do sujeito negro, parasitado pelo racismo, termina por fazer do prazer um elemento secundário na vida do corpo e da mente". Diante desse cenário, cabe perguntar: por que a negritude, a escrevivência e fricção são tão importantes na Literatura Afrodescendente? Compreender esses conceitos é uma ferramenta de resistência, afirmação e reexistência para denunciar as injustiças sociais e ampliar as possibilidades de Literatura Afrodescendente, descortinar as fronteiras do silenciamento, da marginalização e da subalternização produzidos sobre as alteridades negras.

Desse modo, adotar negritude, escrevivência e fricção como conceitos-centrais desta pesquisa significa defender que a Literatura Afrodescendente segue na contramão dos paradigmas literários, denunciando a escravidão e o colonialismo como elementos basilares comuns a estas identidades. Logo, os traços dialógicos desses conceitos oportunizam comparar as obras de Conceição Evaristo (2017), Cibele Resende (2021) e Conceição Lima (2006) como territórios textuais nos quais as autoras tecem vozes coletivas por meio de versos em (con)fluência poética, os quais convidam os(as) professores-pesquisadores(as) a articular uma abordagem teórico-metodológica fundamentada nos princípios e fundamentos do comparatismo literário, como veremos a seguir.

2.4 Abordagens teórico-metodológicas

Os três conceitos-chave, apresentados e discutidos acima, colocam-nos diante da necessidade de expor, delimitar e costurar as abordagens teórico-metodológicas selecionadas para orientar as reflexões que trazemos nessa dissertação de mestrado. Sendo assim, desde logo ressaltamos que nossa escolha recai sobre os princípios e fundamentos da Literatura Comparada.

Cabe ainda dizer que escolhemos esse campo do saber, pois estamos em plena sintonia com os ensinamentos de Tania Carvalhal (2003, p. 48), especialmente quando essa crítica literária ensina que a Literatura Comparada é

> uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário seu objeto, confronta-o com outras formas de expressão cultural, caracterizando-se como um procedimento, uma maneira específica de interrogar o texto literário não como sistemas fechados em si mesmos, mas em sua interação com outros textos, literários ou não.

Diante dessa abertura epistemológica, alicerçamos nossa abordagem teórico-metodológica das literaturas de Cibele Resende (2021), Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006), focados, principalmente, nas orientações críticas de Abdala Junior (1996; 2012; 2016), Eurídice Figueiredo (2013), Zilá Bernd (1988; 2013) e Vera Casa Nova (2008). Dito isso, expomos as concepções de comparatismo propostas por tais teóricos, tendo em conta fundamentar a abordagem dos poemas selecionados como *corpus* dessa pesquisa.

Em *Necessidade e solidariedade nos estudos de literatura comparada*, Benjamin Abdala Junior (1996) inicia seu texto fazendo referência a *A tempestade*, peça teatral de William Shakespeare, escrita por volta de 1612. Para o autor, "A tempestade, de William Shakespeare, tem sido objeto de interpretações contraditórias" (Abdala Junior, 1996, p. 80). Essas contradições acontecem uma vez que o texto não possui um significado único e universalmente aceito. Pelo contrário, sua complexidade permite que diferentes leitores(as), críticos(as) e estudiosos(as) a interpretem de maneiras diversas, por vezes até opostas.

Essa observação inicial serve como um ponto de partida para Abdala Junior (1996) abordar a necessidade de se considerar a multiplicidade de escritores(as), leituras, leitores(as) e a solidariedade no sentido de interconexão e diálogo entre diferentes perspectivas, ao se estudar literatura comparada. O crítico literário provavelmente usa o exemplo de *A Tempestade* (Shakespeare, [1612) para ilustrar como obras canônicas, mesmo após séculos de análises, continuam a gerar debates e novas compreensões, evidenciando a dinâmica e a subjetividade inerente à interpretação literária. Nesse sentido, Abdala Junior (1996) nos direciona a refletir

sobre o comparatismo literário. Na visão do teórico, esse comparatismo requer que o crítico tenha consciência de seu "lócus enunciativo", ou seja, o lugar de onde ele acessa o mundo, reconhecendo a natureza híbrida das formações socioculturais.

Conquanto, conhecendo seu lócus enunciativo, Abdala Junior (1996) traz em seu texto uma interpretação pluriversal da obra Shakespeariana. A pluriversalidade do autor se contrapõe à ideia de universalidade abstrata ou eurocêntrica, defendendo a existência e a validade de múltiplas percepções de mundo, realidades, filosofias e formas de conhecimento. Para Abdala Junior (1996, p. 80),

> O duque – com comportamento similar ao de um "déspota esclarecido" –, ao se apropriar de suas terras e o escravizar, aculturou-o nos valores da "civilização". Ensinou-lhe a sua língua... Depois, Caliban – um ingrato, na perspectiva de Shakespeare – vai-se valer do conhecimento dos valores veiculados pela língua para colocar-se contra o colonizador. Como se sabe, "Caliban" é anagrama de "Canibal" – um antropófago. "Canibal", deriva de "Caribe", que, por sua vez, vem de "Caraíba". Os caraíbas foram os habitantes da região que se opuseram à colonização europeia, estigmatizados, por isso, como bárbaros [...].

O duque, retratado como "déspota esclarecido", uma figura que, embora autoritária, acredita estar agindo para o bem de seus súditos, se apropria das terras de Caliban e o escraviza, impondo-lhe os valores da civilização europeia, incluindo sua língua. Esse processo é uma forma de aculturação forçada, onde a cultura dominante tenta anular ou substituir a cultura nativa. Daí surge a visão de um Caliban "ingrato" por usar a língua e os conhecimentos adquiridos para se voltar contra o colonizador. Logo, o trecho subverte essa perspectiva, mostrando que a estratégia adotada por Caliban é utilizar as ferramentas da própria opressão – a língua como forma de resistência.

Essa "ingratidão" é, na verdade, uma manifestação de sua busca por libertação e autonomia, não uma barbárie, como os "civilizados" intitulavam. Para Abdala Junior (1996, p. 80),

> Shakespeare, ao se apropriar do ensaio "Dos canibais", de Montaigne, de 1580 (...) distorceu sua fonte iluminista. Montaigne afirmava nesse texto que "nada há de bárbaro nem de selvagem nessas nações" (...), o que sucede é que cada um chama barbárie o que é estranho a seus costumes.

Nesse enredo, Abdala Junior (1996) recorre ao trecho sobre Próspero e Caliban em *A Tempestade* (Shakespeare, [1612) para nos oferecer um terreno fértil na comparação, ao contrapor o colonizador *versus* colonizado, e utilizar a metáfora da língua como arma de subversão dos valores eurocêntricos. Sob essa ótica, podemos comparar a obra das poetas negras de língua portuguesa aqui apresentadas, especialmente no que tange às temáticas da colonização e resistência. A dinâmica entre Próspero e Caliban é um paralelo direto com a experiência histórica da colonização e da escravidão que moldou as sociedades onde essas

autoras negras produzem. Como sabemos, o processo de colonização das Américas ocorreu por meio do repertório híbrido e polissêmico, do contato forçado entre africanos e ameríndios (Abdala Junior, 2012).

Concebe-se que, assim como Caliban coloca-se contra o colonizador através da língua, as autoras Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima frequentemente se apropriam de gêneros literários, estruturas narrativas e da própria linguagem para expressar suas realidades, quebrar estereótipos e construir novas representações de si e de sua comunidade. Elas fazem isso ao abordar tanto as cicatrizes desse passado opressor quanto suas reverberações no presente, denunciando a violência e a desumanização do processo colonial.

Desse modo, nos textos dessas poetas, a língua, que poderia ser um instrumento de dominação, torna-se um meio de libertação e de reafirmação de suas vozes. Para o colonizador, isso gera uma crise, pois, quando o colonizado reivindica sua autonomia, por meio da literatura, as narrativas hegemônicas entram em colapso, de modo a possibilitar outros itinerários de releitura, reescrita e ressignificação das alteridades afrodescendentes, por exemplo.

Para o colonizador, a resistência do colonizado é um espelho que reflete uma imagem perturbadora, um sinal de enfraquecimento do sistema colonial. Diante dos fatos, esse indaga-se: se o colonizado é "primitivo" e "incapaz", como pode ser tão determinado e eficaz em sua resistência? Essa dissonância cognitiva leva o colonizador a uma crise de identidade, seguido da repentina necessidade de reafirmar a dominação, seja por meios físicos, psíquicos, morais ou literários.

Outrossim, apesar do termo crise representar um momento de instabilidade, caracterizado por uma ruptura no equilíbrio de um sistema, no que tange à literatura afrodescendente, ele se destaca em uma perspectiva otimista, com momentos propícios à transformação. Isso ocorre, pois, de acordo com Abdala Junior (2012, p.52), "na nova configuração internacional que se esboça, em meio à crise, abre-se a possibilidade de uma maior abertura, já que o momento também é de mudança de paradigmas".

Um paradigma é um modelo, um conjunto de crenças e práticas que moldam nossa compreensão e ação. Em tempos normais, os paradigmas são rígidos e difíceis de alterar. No entanto, uma crise pode expor as falhas do paradigma existente, tornando as pessoas mais receptivas a ideias e soluções diferentes. Essa perspectiva sugere que as crises, apesar de seu perigo inerente, são catalisadoras para a transformação. Elas forçam a reavaliação, a experimentação e a busca por novos caminhos. No contexto literário internacional, isso pode redefinir as relações entre países, levando à formação de novas coalizões abordadas sob novas perspectivas. O que se vê é que a crise pode criar espaço para que atores ou pensamentos antes

marginalizados ganhem proeminência, impulsionados pela necessidade de reformular os modos de pensar e agir.

Com base nisso, a mudança de paradigmas se mostra fundamental para entender de onde vêm as possibilidades de cotejar textos de nações híbridas. Tais textos, que já têm se desvelados como tessituras plurais e heterogêneas, pulsam à luz das reflexões sobre as relações sociais, políticas e raciais que envolvem os afrodescendentes. Vale ressaltar que essa literatura perpassa o caminho da intertextualidade e interseccionalidade ao dialogar com outras obras literárias, históricas, musicais, e com outras formas de opressão além da raça, como classe social e gênero, reconhecendo-se as experiências multifacetadas que emanam de uma rede de escritores(as), com literaturas diversificadas e solidárias.

Nesse entendimento, Abdala Junior (1996) defende um comparatismo que busca cooperação e apoio mútuo, propondo os conceitos de "solidariedade" e "macrossistema literário" como base para o comparatismo literário em língua portuguesa. O autor enfatiza ainda a necessidade de um comparatismo de caráter prospectivo e com enlaces comunitários, avesso às assimetrias dos fluxos hegemônicos e pautado pelos desafios socioculturais da atualidade. Um comparatismo crítico, consciente do lugar de fala, que promova a solidariedade e a cooperação entre as literaturas, especialmente as de língua portuguesa, e que se mostre atento às questões políticas e culturais contemporâneas.

Ainda no texto *Necessidade e solidariedade nos estudos de Literatura comparada*, Abdala Junior (1996) apresenta o comparatismo da solidariedade como uma abordagem que busca valorizar o que é próprio e comum entre culturas em oposição ao comparatismo da necessidade, que flui da circulação norte/sul. O teórico literário anuncia essa abordagem ao afirmar que "ao comparatismo da necessidade que vem da circulação norte/sul, vamos promover, pois, o comparatismo da solidariedade, buscando o que existe de próprio e de comum em nossas culturas" (Abdala Junior, 1996, p. 89). Isso demonstra a intenção de deslocar o eixo da análise literária de uma ótica de dependência para uma de reconhecimento mútuo, afinidade e diferença.

Abdala Junior (1996, p. 89) tece essa solidariedade ao observar "duas laçadas, duas perspectivas simultâneas de aproximação entre os países hispano-americanos e entre os países de língua (oficial) portuguesa". Ao citar o exemplo da apropriação de *A ilustre casa de Ramires* por Graciliano Ramos em *Caetés*, [8](2013) o crítico exemplifica essa dinâmica, na qual uma obra da literatura de língua portuguesa assimila e ressignifica elementos de outra, sob uma

[8] Folha Online, 'Caetés', de Graciliano Ramos, completa 80 anos e ganha edição comemorativa, 15/07/2013

“matização tropical”. A reciprocidade é mostrada quando Portugal se apropria do repertório literário do Modernismo brasileiro, e escritores africanos encontram na literatura brasileira “uma maneira de ser em que eles próprios se viam”

O autor arremata a ideia do comparatismo da solidariedade ao ressaltar que ele “deve levar a uma circulação mais intensa de nossos repertórios culturais” (Abdala Junior, 1996, p. 94). Abdala Junior (1996) contrapõe essa abordagem à globalização massificadora, que é unidirecional e busca “paralisar o outro”. Para o crítico literário, a condição mestiça e crioula dessas culturas possui “uma universalidade cosida de dentro, que dá vez ao diferente” (Abdala Junior, 1996, p. 95). O comparatismo da solidariedade, então, emerge como uma resposta a essa tendência, permitindo uma circulação transnacional que não segue os padrões de uma globalização estandardizada. Abdala Junior (1996) conclui que esse comparatismo “enlaça carências, mais do que por referência exclusiva ao passado”, convidando os outros a descobrirem as marcas de suas próprias identidades que também foram modeladas a partir desses centros.

A abordagem do comparatismo da solidariedade de Abdala Junior (1996) é fundamental para esta dissertação, por validar e instrumentalizar a análise da poética de autoras negras de diferentes contextos da língua portuguesa – Cibele Resende (brasileira), Conceição Evaristo (brasileira) e Conceição Lima (são-tomense). Em vez de uma leitura hierárquica ou unilateral, essa perspectiva permite explorar as conexões e ressonâncias entre suas obras a partir de um ponto de vista que valoriza as experiências e identidades compartilhadas pela negritude e pela condição afrodescendente.

Essa visão comparatista solidária de Abdala Junior (1996, p. 94) fortalece a justificativa de incluir autoras de diferentes nacionalidades, pois sublinha que a semelhança não reside apenas em uma imposição externa ou em uma dependência cultural, mas em um “sonho diurno da integração ibero-afro-americana”. O comparatismo da solidariedade, nesse sentido, oferece uma lente por meio da qual se pode observar como as vozes femininas afrodescendentes constroem suas identidades e suas escrevivências em um diálogo contínuo de fricções de-entre poemas em rotação. Permite, portanto, uma análise que celebra a diversidade dentro da unidade e a contribuição dessas literaturas para um universo cultural mais amplo e representativo.

Em *Repensando a Lusofonia: eurocentrismo e horizontes comunitários,* Benjamin Abdala Junior (2012.p.19) expande a ideia do comparatismo da solidariedade ao refletir sobre o bloco de língua portuguesa e a necessidade de uma abordagem que vá “além das circunstâncias históricas da colonização”, contemplando a “cooperação e solidariedade”. O teórico anuncia essa necessidade ao destacar que, em estudos comparados entre literaturas, é

crucial reconhecer tanto “pontos comuns e pontos divergentes” (Abdala Junior, 2012, p. 15). Essa perspectiva se contrapõe à monologia de um mundo globalizado, que tende à “desregulamentação e flexibilidade” e a um “hiperindividualismo” (Abdala Junior, 2012, p. 16).

Nessa perspectiva, Abdala Junior (2012) propõe uma renovação de atitudes, com a esperança como princípio que motiva transformações sociais e culturais. Ele demonstra a urgência de relevar blocos de nossa comunidade linguístico-cultural e estreitar relações com países ibero-americanos, defendendo que “pelo comunitarismo cultural, podemos mostrar rostos diferenciados, em diálogo com outros” (Abdala Junior, 2012, p. 17, p. 17). O autor reforça a importância de que o português seja visto como língua de cultura e de tecnologia, numa associação com o espanhol, promovendo uma circulação cultural que não se submeta ao eurocentrismo.

Abdala Junior (2012, p. 19) arremata sua argumentação ao sublinhar que, embora sejamos europeizados e aprendemos também com a experiência do outro, é essencial buscar um comparatismo prospectivo para nos conhecermos, que não seja um universal europeu, mas um “áspero concerto entre as literaturas de todas as regiões”. Ele defende uma relação de sujeito a sujeito e não de sujeito a objeto, buscando o que há de brasileiro em portugueses e africanos.

Abdala Junior (2012, p. 19) reitera, portanto, um comparatismo “da cooperação e solidariedade, pautado pelo diálogo de culturas, onde se relevem as diferenças e o que elas têm em comum”. Ele ressalta que as identidades são sempre plurais e que uma visão crítica das implicações políticas desses caracteres revela que, mesmo nas mestiçagens, podem existir mesclagens tendentes a formulações eurocêntricas. Abdala Junior (2012) propõe que o momento atual permite reconfigurações de estratégias, repactualizações, em nível global, um espaço político para redefinir as relações culturais.

Em *Comunitarismo Literário-Cultural e a Globalização: os países de língua portuguesa*, Abdala Junior (2016) ratifica e aprofunda os argumentos apresentados nos textos anteriores, enfatizando a urgência de uma crítica literária engajada em um contexto de globalização e crise. Ele reitera a necessidade de a crítica ter “consciência de onde têm os pés e por onde circulam suas cabeças” (Abdala Junior, 2016, p. 246), indo além de um regionalismo que “não marcou propriamente suas produções com os desejados atributos identitários” (Abdala Junior, 2012, p. 247), mas acabou por ser considerado menor na hierarquia do poder simbólico. Abdala Junior (2012, p. 248) afirma que as articulações comunitárias supranacionais, como os “movimentos de gênero, de defesa e promoção dos direitos humanos, da ecologia”, constituem possibilidades de contrapontos à monologia dos fluxos hegemônicos.

Para ele, é indiscutível que a crítica se responsabilize assumindo uma atitude mais ativa para criar ou (re)desenhar, com outras nuances e matização, tendências de cooperação e solidariedade, para assim formar "blocos politicamente mais eficazes para estabelecer contrapontos à monologia da competitividade" (Abdala Junior, 2012, p. 249). Essa visão solidária se manifesta no reconhecimento de que o mundo é sim muito misturado, miscigenado, multifacetado, e que, apesar das assimetrias, emergem atitudes reativas que fortalecem as ações comunitárias.

Abdala Junior (2012, p.250) solidifica a proposta de um comparatismo da solidariedade, afirmando que, além do comparatismo decorrente do processo de colonização (necessário para o autoconhecimento), "temos proposto uma outra forma de comparatismo, para figurar ao lado desse primeiro, que com ele acaba por se imbricar na prática comparatista. Um comparatismo prospectivo, pautado por relações comunitárias, um comparatismo da solidariedade, da cooperação". O autor destaca a importância de comparar diante de problemáticas que envolvem a todos para nos conhecer naquilo que temos de próprio e em comum. Isso se revela a partir dos enlaces comparatistas, tendentes as relações de reciprocidade.

O autor conclui que, ao refletir sobre especificidades nacionais, é crucial situá-las em um processo de "agenciamentos comunitários que tem um solo histórico e relações de poder simbólico" (Abdala Junior, 2012, p. 253). Essa abordagem permite que a cultura brasileira, por exemplo, seja vista como "multifacética e se alimenta produtivamente de pedaços de muitas culturas, sem deixar de sofrer os efeitos das assimetrias dos fluxos culturais" (Abdala Junior, 2012, p. 253), afastando produções miméticas e abrindo caminho para a criatividade e o questionamento de espartilhos ideológicos.

Nesse contexto, a estudiosa Eurídice Figueiredo (2013), em *Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional*, dialoga e expande os argumentos de Abdala Junior ao propor uma revisão do conceito de Literatura Comparada que contemple as transformações ocorridas no mundo literário após a descolonização dos países africanos e as diásporas de escritores que se estabeleceram em países ocidentais. A autora sublinha a necessidade de ir "longe da ideia de influência de literaturas centrais sobre as literaturas ditas periféricas" (Figueiredo, 2013, p. 31), o que se alinha diretamente com o comparatismo da solidariedade visto em Abdala Junior (2012/1996)

Figueiredo (2013, p. 31) argumenta que o conceito de Literatura Nacional é embaralhado por esses movimentos diaspóricos, sugerindo a "possibilidade de trabalhos comparativos entre as literaturas dos países que foram colonizados". Essa perspectiva permite investigar as interconexões entre as literaturas afrodescendentes sem recorrer a hierarquias

eurocêntricas, validando o estudo de vozes de mulheres negras de diferentes nacionalidades a partir de suas experiências históricas e culturais compartilhadas, e reforçando a ideia de um áspero concerto entre as literaturas, como proposto por Abdala Junior.

Em *Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade*, Zilá Bernd (2013) aprofunda a discussão sobre o comparatismo da solidariedade ao problematizar a disciplina da Literatura Comparada no contexto das mobilidades étnicas e culturais contemporâneas. Ela argumenta a necessidade de repensar o conceito estável de Literatura Comparada à luz de conceitos como multi, inter e transdisciplinaridade, e multi, inter e transculturalidade.

Zilá Bernd (2013, p. 211) propõe que o "transcultural penetra os escritos por todos os seus poros", abrindo-se "não apenas para saberes estabelecidos, mas também para saberes em gestação, a uma ignorância positiva". Essa visão ecoa a perspectiva de Abdala Junior (2012) e Eurídice Figueiredo (2013), que advogam por uma leitura das literaturas em diálogo, valorizando o que é próprio e comum e superando a ideia de influências hierárquicas. Ao enfatizar a transculturalidade e o nomadismo intelectual, Bernd (2013) fornece uma lente crucial para analisar como as vozes das mulheres negras, oriundas de diferentes realidades, constroem suas identidades e narrativas em um espaço de interconexão e constante ressignificação, alinhando-se à proposta de uma didática que promova a poética da negritude como um elemento de liberdade e ação crítico-humanizadora, como desenvolveremos no quarto capítulo dessa dissertação.

Para Vera Casa Nova (2008) em *Comparar? Aproximar, Dialogar? Friccionar?*, capítulo de seu livro *Fricções: traço, olho e letra*, um dos pontos centrais da Literatura Comparada reside na capacidade de estabelecer diálogos e encontros produtivos, superando a mera justaposição ou à busca por influências diretas. A autora defende que a literatura é uma linguagem "constituída de signos que permitem diálogos variados entre as formas, construindo semioses" (Casa Nova, 2008, p. 113). Essa perspectiva valida a investigação das interseções e dos processos de criação que emergem do contato entre as poéticas de autoras tão diversas quanto Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima.

Casa Nova (2008) enfatiza a forma como a arte toca o corpo-leitor, vinculando-o a outras formas e contextos através de um movimento contínuo e descontínuo. Esse fato ressoa diretamente com a ideia de uma poética da negritude que se manifesta em vozes, corpos e olhares em constante rotação. A autora também traz a noção de fricção, que transcende o mero contraste; ela sugere um encontro dinâmico, um atrito produtivo que revela novas camadas de sentido. Ao afirmar que "formas vazias ou plenas para serem tocadas ou olhadas: o visível e o

tangível" (Casa Nova, 2008, p. 113), a autora fornece um instrumental para analisar como as experiências da escravidão, do colonialismo e do racismo são elaboradas poeticamente, gerando uma literatura que entretém e denuncia.

Essa leitura das fricções como rotações entre os poemas das autoras – as "fricções de-entre poemas em rotação" mencionadas nesse trabalho – permite explorar a complexidade da escrevivência feminina afrodescendente. A perspectiva de Casa Nova (2008), ao lado das proposições de Abdala Junior (1996/2012), Eurídice Figueiredo (2013) e Zilá Bernd (1988) 2013), consolida a relevância de uma abordagem comparatista que não apenas reconhece as singularidades de cada voz, mas também celebra as conexões, os diálogos e as tensões que impulsionam a literatura afrodescendente para um horizonte de liberdade e uma ação crítico-humanizadora.

Realizar, pois, uma leitura, análise e interpretação das literaturas de Cibele Resende (2021), Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006) significa, para nós, adotar a literatura comparada como abordagem teórico-metodológica que propicia identificar, discutir e potencializar o que há de "próprio e comum" nos-entre os poemas dessas autoras. Essa prática comparatista, fundamentada tanto na dimensão interna quanto externa do texto literário, contribui para encontrar, relacionar e confluir outras perspectivas de figuração da alteridade, traduzindo gestos dialógicos e contrapontuais de outras poéticas mais solidárias às escrevivências, negritudes e fricções da-na palavra literária produzida por mulheres negras.

Mais ainda, escolher o comparatismo como vereda de pesquisa proporciona-nos compreender as imagens-ação políticas, estéticas, culturais e literárias desenvolvidas por essas três escritoras, cujos poemas não apenas questionam a lógica da branquitude, do eurocentrismo e do patriarcado, mas também instauram uma poética das alteridades afrodescendentes. Ler, analisar e interpretar esses mundos poéticos, desde o comparatismo, contribui para que estejamos vigilantes e ativos quanto à tomada de posições críticas diante das relações de poder que atravessam os sistemas literários contemporâneos. Assim, comparar os poemas de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima é um ato político, didático, pedagógico e intelectual que solicita uma abordagem teórico-metodológica flexível, dinâmica e heterogênea.

Daí nossa adoção crítica do comparatismo como esse território de reflexão-ação-agência epistemológica possível para sustentar, pavimentar e orientar os caminhos da leitura transversal dos poemas dessas três autoras. Orientação que não se coloca como definitiva e enraizada no dogmatismo das interpretações. Antes está assentada na movência do olhar comparatista dessa pesquisadora que se constrói no braço a braço com o texto literário para mapear suas relações com a sociedade e lê-las à luz de dispositivos teóricos adequados e emanados desde o que a

textualidade literária solicita como horizonte de leitura crítica. A saber, não é a teoria que demanda o texto literário, mas este que a convida a dialogar, tensionar e ampliar os rastros da relação entre literatura e sociedade.

Essa estratégia de (re)configuração da solidariedade entre corpos, vozes e olhares negros em constante movimento, em nosso entendimento, pode ser investigada desde um comparatismo literário pensado, concretizado e posicionado a partir dos princípios e fundamentos sugeridos por Benjamin Abdala Junior (1996; 2012), Eurídice Figueiredo (2013), Zilá Bernd (1988; 2013) e Vera Casa Nova (2008).

Dessa maneira, delimitada a abordagem teórico-metodológica dessa pesquisa, discutido o diálogo entre as literaturas são-tomense, afro-brasileira e acreana, apresentado tanto as autorias negras em conexão quanto os conceitos-chave deste trabalho, passaremos, no próximo capítulo, à leitura, análise e interpretação dos poemas de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima.

3 LER POEMAS: VOZES, CORPOS E OLHARES EM FRICÇÕES-ROTAÇÕES

Neste terceiro capítulo realiza-se a leitura e análise comparada dos poemas de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima. Para tanto, está organizado em quatro momentos. O primeiro examina os ritmos da voz na autora acreana. O segundo acompanha os percursos do olhar na poeta mineira. O terceiro discute os sons do corpo na escritora são-tomense. O quarto evidencia as fricções nos-entre a poética dessas autoras negras contemporâneas.

3.1 Ritmos da voz em Cibele Resende

Faz muito tempo que quero
Falar o que penso
Soltar a minha voz
E expressar-me como sou;
(Resende, 2021, p. 27)

A voz é um instrumento poderoso de luta, resistência, denúncia e agência. Por meio dela, podemos questionar, forjar, transpor e traduzir as múltiplas redes de figuração da alteridade. Tomá-la como horizonte de interpretação das histórias, dos discursos e dos estereótipos produzidos sobre a memória, a tradição e vivência afrodescendente constitui, pois, uma atitude investigativa necessária para realizarmos outras travessias críticas nos territórios poéticos de Cibele Resende, uma autora acreana cuja literatura em movimento convida os(as) leitores(as) para acompanhar, escutar, fortalecer e disseminar os ritmos da voz afrodescendente na série literária brasileira contemporânea.

Como ressalta na epígrafe acima, Cibele Resende (2021) tem aprendido a perscrutar o tempo da espera para ultrapassar, quebrar e manejar as fronteiras da fala e enunciar seu pensamento, sua intervenção e sua re-existência enquanto mulher negra que escreve, publica, trabalha e milita desde Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil e mundo em conexão. Essa escrita, publicação, trabalho e militância contribuem para a soltura, expansão e disseminação de uma voz grave, média e aguda que ressoa no-além percursos do tempo-espaço amazônico, brasileiro e latino-americano em busca de burlar as lógicas do eurocentrismo, patriarcado e sexismo, infelizmente ainda em curso no cotidiano das mulheres negras.

Uma aprendizagem tecida desde uma cartografia dialógica e friccional da história do silenciamento, da marginalização e da subalternização da voz de mulheres negras cuja ressonância, entonação e dicção poética encontra guarida na escrita de Cibele Resende. Assim, a obra *Poemas de uma mulher preta*, publicada pela editora A. R. Publisher em 2021, reúne 61 poemas da escritora acreana Cibele Francisca Clemente Resende. Agrupados em dez temas – Mulher; Homem; Espaço/lugar; Corpo; Voz; Amor; Olhar; Denúncia; Alteridade-identidade e Negritude –, a autora compila os desabafos e as resistências do povo negro.

Não por acaso, seus poemas retratam o amor e a dor dos encontros e desencontros de seus ancestrais, dos quais Cibele há muito já queria ter relatado, conforme epígrafe. Destarte, numa tessitura onde vozes, rima, ritmo, métrica, sonoridade e musicalidade estão harmoniosamente entretecidos, a autora mostra a força libertadora que está por trás dos poderes expressivos da poesia, sendo este, talvez, um dos emblemáticos gêneros da literatura.

Em *Poemas de uma Mulher preta* (Resende, 2021), observam-se os muitos detalhes da obra cuidadosamente apresentados ao público, de modo que nos colocam diante de uma antologia compromissada com a mudança, que emerge do questionamento do espaço de subalternidade imposto à mulher negra na sociedade brasileira-amazônica-acreana-cruzeirense. O título da obra, os detalhes da capa, contracapa e o prefácio do livro pautam o lugar da voz feminina cruzeirense na literatura brasileira afrodescendente.

A voz feminina cruzeirense de Cibele Resende nasce do desejo de manter uma conexão com as raízes africanas para realizar um resgate e uma valorização da história e da cultura dos seus ancestrais. Em face disso, de modo frequente, a autora revisita o passado para compreender e combater o racismo e as demais heranças da opressão colonial. Essa estratégia escritural contribui para validar uma identidade afrodescendente em um mundo que valoriza a branquitude, bem como abre espaço para construir e disseminar narrativas mais inclusivas e questionadoras de uma história vista como via de mão única. Logo, a abordagem escritural de Cibele Resende (2021) não pode ser caracterizada como um retorno nostálgico, mas um ato intencional de escrutínio das raízes das desigualdades presentes, pois, ao mergulhar nas experiências e vivências de seus antepassados, a autora busca desvendar os mecanismos que historicamente marginalizaram a população negra, tornando visíveis as origens de um sistema que ainda hoje persiste.

Esse trabalho é um processo de desvendamento e confrontação, no qual o passado se torna uma ferramenta para desarticular o poder da opressão no presente. Em um contexto em que a branquitude tem sido historicamente o padrão dominante de valor e beleza, a obra de Cibele Resende (2021) atua como um contraponto poderoso, questionando ativamente as

versões hegemônicas. Isso é fundamental para desconstruir mitos e reconfigurar identidades a partir da escrita de suas próprias narrativas. Sabendo disso, desde os elementos pré-textuais, a autora acreana estabelece o padrão afrodescendente em sua obra. Esse posicionamento é importante, pois tais elementos são a "porta de entrada" de um livro. Na obra em destaque, os elementos pré-textuais transmitem o gênero, o tom e a atmosfera do texto por meio de cores, tipografia e imagens, como se observa na figura 1 abaixo:

Figura 1 – Capa do livro "Poemas de uma mulher preta" de Cibele Resende

Fonte: Resende (2021).

A capa da obra *Poemas de uma mulher Preta* não poderia ser representada de outra forma, logo ela traz a imagem de uma 'mulher negra': a autora, Cibele Resende. A capa é composta por uma fotografia monocromática que predomina o tom de cinza. A escritora, por meio de uma imagem forte e serena, nos convida olhar a 'essência' – o ser: – a natureza ou identidade de algo, sem nos preocuparmos com os contrastes, brilho e intensidade que uma imagem policrômica apresentaria; desse modo, a ausência das cores permite que os olhos

capturem a essência da foto sem distrações. Assim, nosso cérebro tende a focar apenas no contexto da imagem, ou seja, composição, forma e sombra. Ao que tudo indica, as imagens preto e branco nos levam apenas a uma versão da realidade, neste caso, a realidade deixada pela ferida colonial[9].

A capa é a celebração da beleza negra, que vai além de um padrão único e engloba a multiplicidade de tons de pele, texturas de cabelo, traços físicos e identidades culturais. Nela está expresso o combate aos estereótipos que marginalizam e invisibilizam a mulher negra, promovendo o reconhecimento e o respeito pela sua diversidade. A capa exprime o desejo por maior representatividade nas mídias e na indústria cultural, apontando para a necessidade de manifestação do homem e mulher negra através da arte e seus muitos segmentos, como o cinema, a música, a fotografia, a novela, entre outros.

A imagem da capa reflete ainda a figura devota da autora que, com as mãos em posição de oração, desvela um gesto de fé. Os gestos de fé são ações físicas que expressam crenças e valores religiosos. Eles podem ser realizados individualmente ou em conjunto com outras pessoas. O gesto feito pela autora, que juntou as mãos em oração, simboliza a união com Deus; a súplica e a entrega através da reverência. É importante ressaltar que os gestos de fé não são apenas ações externas, mas também representam um estado interior de crença e evolução. Desse modo, as mãos, nesta posição, denotam também concentração e cumplicidade ao sentimento que se está sentindo, o sentimento de pertencimento e luta, reiterado de modo abrangente ao longo da escrita.

Outro elemento pré-textual analisado é o prefácio, escrito pela professora de Língua Portuguesa e Literaturas Josileide Gomes. Enquanto prefaciadora do livro, Gomes faz uma leitura crítica da obra, enfatizando que essa é composta por poemas de cunho denunciativo, com reminiscência do período colonial e fatos dos dias atuais, mesclado às recordações, memórias e silenciamentos constantes. A partir da análise de Gomes, podemos compreender que, para Cibele Resende, a escrita vai além de uma mera criação ficcional por prazer. Ela transcende esses limites e se transforma em um instrumento poderoso que revela os preconceitos de raça e classe, os quais marcam a vida da autora, uma mulher negra que, por muito tempo, foi silenciada

[9] A ferida colonial, cujas raízes no processo de colonização europeia entre os séculos XV a XX, gerou profundas desigualdades estruturais que persistem até os dias de hoje. Durante esse período, países europeus subjugaram e exploraram territórios ao redor do mundo, impondo sua cultura, religião, língua e sistema de valores, em um processo marcado por exploração, violência e opressão. Logo, massacres, escravidão, expropriação de terras, perda de cultura e identidade, causaram grandes feridas nos povos colonizados (Bezerra; Romeiro, 2023).

numa posição subalterna imposta pela sociedade branca dominante, conforme destacado pela prefaciadora na figura 2 a seguir:

Figura 2 – Prefácio do livro "Poemas de uma mulher preta"

Cara (o) leitora (or):

O livro que você tem nas mãos revela um pouco da alma de uma mulher negra, autêntica e sonhadora, com uma história de vida construida sobre muitas feridas e cicatrizes.

Cibele Clemente, em "POEMAS DE UMA MULHER PRETA" entrelaça suas reminiscências, reflexões e lutas, utilizando-se da palavra e da literatura, para mostrar sua introspecção e ativismo contra o racismo e os preconceitos arraigados socialmente. É uma obra repleta de amor, coragem, denúncias, encontros e desencontros.

Nossa autora, Cibele Clemente, ou melhor, Belle Clair, como 'batizada' em nossas aulas da época do mestrado, coloca o dedo na ferida, que remonta ao periodo colonial e que, mesmo em nossos dias, atinge a população negra, submetendo-a às periferias da vida, à marginalização e aos silenciamentos. Certamente, esta obra, vai mexer com todos aqueles que, verdadeiramente, conseguirem se conectar com ela. Para nós leitores, fica o deleite de convivermos com os escritos dessa grande poetisa, nossa Belle Clair.

Josileide de Matos Gomes - Professora da rede pública do Estado do Acre/Mestra em Ensino de Humanidades e Linguagens – UFAC, 2021.

Fonte: Resende (2021, p.03).

Com base na leitura atenta do prefácio, compreende-se que Josileide Gomes cita dois elementos antagônicos basilares na tessitura de Cibele Resende: a introspecção e o ativismo. A "introspeção" – ato de observar e analisar os próprios pensamentos, sentimentos e emoções – possibilita, de um lado, a autora refletir sobre crenças, imagens, memórias e valores, criando poemas com a temática do amor, alteridade-identidade, espaço/lugar e olhar. Por outro lado, o ativismo – compreendido como um conjunto de ações e iniciativas que visam promover

mudanças sociais, políticas ou culturais – é manifestado em poemas que abordam a temática da negritude, mulher, denúncia e corpo. Após estes apontamentos, ratifica-se que os poemas da autora seriam, pois, uma resposta à discriminação racial, à segregação e à violência física e sexual praticada contra a mulher negra.

Nesse entendimento, na construção de um discurso mais plural e diverso, que desafia a visão hegemônica e abre caminho para novas perspectivas, concebe-se, a partir da leitura deste prefácio, o conceito do ensaísta brasileiro, Silviano Santiago (2004), sobre "literatura anfíbia". De acordo com o crítico, essa denominação metafórica aponta para a dupla natureza da literatura brasileira, que se encontra dividida entre a estética e a política. A literatura anfíbia, que entretém, mas também denuncia, nasce "dessa dupla e antípoda tônica ideológica – de que os escritores não conseguem desvencilhar-se em virtude do papel que eles, como vimos, ainda ocupam na esfera pública da sociedade brasileira – advém o caráter anfíbio da nossa produção artística" (Santiago, 2004, p. 15).

Sob essa perspectiva, o caráter anfíbio da literatura afrodescendente pode ser verificado na obra de Cibele Resende (2021), intitulada *Poemas de uma mulher preta*. Os poemas escolhidos para análise são: I. *Vozes Negras* e II. *Estupro*.

Vozes Negras

Há um grito emudecido. Preso em minha garganta.
Latente há mais de três séculos
Pelos meus irmãos
Meus ancestrais
Aqueles que amei
E que, prematuramente se foram ...

Sim, morreram, assassinados.
No tronco, com açoites
Na chibata
A carne toda a gemer...
A chorar ...
A gritar ...
Feridas abertas, purulentas, infecciosas.
De carnes dilaceradas
Pelo chicote dos brancos
"Os senhores, donos de tudo!"

Aquela gente a sangrar
É a minha gente.
É o meu sangue
É a minha história;

Piores que animais fomos tratados
Em servidão constante
Fomos violentados
De todas as formas
Os que restaram de nós

Ainda continuam sendo esmagados
Pelo peso das nossas algemas
Do passado.

E ainda dizem que queremos ser vítimas

Melhor que os outros
Só para justificar, o injustificável
Da nossa história
Que sempre coloca em nossa memória
As lembranças do cárcere
De onde, para muitos, jamais deveríamos ter saído!

"Êta povo que se vitimiza, esses negros!
Cheios de mimimi
De sensibilidades
Povo besta. Raça de fedorentos."
É o que dizem quando queremos mostrar nossa cara e soltar nossa voz!

Minha cor é preta
Faço questão de declarar
Trago o sangue de muitas raças
Correndo e minhas veias.
Encontrei minha essência
Descobri minha identidade
Resgatei minha voz e minha história!
(Resende, 2021, p. 92.)

O poema *Vozes Negras* (Resende, 2021) é um poderoso grito de denúncia e afirmação da identidade negra, que ecoa por séculos, clamando por justiça e reconhecimento. Desde uma linguagem visceral e emotiva, Cibele Resende (2021) explora as profundas feridas infligidas pela escravidão, colonialismo e racismo e a contínua luta pela igualdade entre os povos afrodescendentes. Dividido em sete estrofes, *Vozes Negras* revela um eu-lírico que trabalha para rejeitar uma identidade a ele atribuída pelo colonizador, assumindo-se como autor(a) da sua história, como pode-se verificar nos versos a seguir: "Minha cor é preta / Faço questão de declarar" (7.1-2); "Resgatei minha voz e minha história" (7.7).

Esse poema, o último apresentado na antologia da autora, sintetiza a luta dos povos negros, que, durante mais de cinco séculos, padeceram nas mãos do homem branco. Ao apresentar um memorial de múltiplas vozes, em tons feminino, masculino e infantil, Cibele Resende (2021) denuncia, a partir das inquietações do eu-lírico, que a luta por liberdade racial ecoa como um grito, há muito preso em sua garganta. "Há um grito emudecido. Preso em minha garganta. / Latente há mais de três séculos / Pelos meus irmãos / meus ancestrais" (1.1-4). A imagem do grito emudecido expressa a história de silenciamento e opressão sofrida pelos povos negros, como também a dor e a raiva acumuladas que encontram, na voz poética, a oportunidade de evidenciá-las.

Sendo assim, nos vinte e oito primeiros versos do poema, a autora estabelece uma forte conexão entre o passado e o presente, mostrando como as experiências dos ancestrais continuam a moldar a identidade e a luta dos seus descendentes. Desse modo, herança e memória são palavras-chaves nessa tessitura e constituem-se temática principal das quatros primeiras estrofes, revelando que a memória da escravidão é evocada como uma ferida aberta "Feridas abertas, purulentas, infecciosas. / De carnes dilaceradas / Pelo chicote dos brancos" (2.13-15). Há uma recusa a cicatrizar, pois, o racismo, presente na sociedade atual, busca silenciar e invisibilizar a história e a luta dos(as) negros(as), sobre os(as) quais padecem acusações de vitimismo e a estereótipos negativos, utilizados como mecanismos de opressão.

As denúncias racial e social, latentes nos versos da autora, explicitam sua escrita plural e ativa, indo ao encontro das necessidades do povo negro: as de libertação das marcas da colonialidade. Nesse intento, nos versos 21 a 28 da 4ª estrofe, o eu-lírico expõe os impasses e atribulações que ratificam tal denúncia. "Piores que animais fomos tratados / Em servidão constante / Fomos violentados / De todas as formas / Os que restaram de nós / Ainda continuam sendo esmagados / Pelo peso das nossas algemas / Do passado" (4.21-28).A descrição da violência física e psicológica sofrida pelos(as) escravizados(as) é brutalmente realista, revelando a desumanização a que foram submetidos(as).

A imagem do corpo dilacerado pelo chicote simboliza não apenas a dor física, mas também a profunda ferida infligida à alma. "Sim, morreram, assassinados. / No tronco, com açoites / Na chibata / A carne toda a gemer... / A chorar... / A gritar... / Feridas abertas, purulentas, infecciosas. / De carnes dilaceradas / Pelo chicote dos brancos" (2.7-14). Desde esses versos, marcados por profundas resistências e lutas, o eu-lírico tem a necessidade de falar por si e pelos(as) seus(as), numa tentativa de conscientizar a sociedade sobre a desigualdade de direitos e as diferenças quanto ao trato das pessoas negras. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, amplia o processo de ressignificação da história do povo afrodescendente: "Minha cor é preta" (7.1); "Encontrei minha essência / Descobri minha identidade" (7.5-6); "Meus ancestrais / Aqueles que amei / E que, prematuramente, se foram.." (1.4-6).

Em conformidade às experiências diaspóricas, os versos acima citados caracterizam não apenas os escritos da autora, mas também de Conceição Evaristo, Conceição Lima e da maioria dos autores da literatura afrodescendente, que se empenham a fim de não deixar no esquecimento o passado de sofrimentos e de resistência à opressão. Isso ocorre, pois, de acordo com Silviano Santiago (2004, p. 15),

> Por um lado, o trabalho literário busca dramatizar objetivamente a necessidade do resgate dos miseráveis a fim de elevá-los à condição de seres humanos (já não digo à condição de cidadãos) e, por outro lado, procura avançar – pela escolha para personagens da literatura de pessoas do círculo social dos autores – uma análise da burguesia econômica nos seus desacertos e injustiças seculares [...].

O resgate dos miseráveis, como discorre Santiago (2004), é um dos elementos de reconstrução da literatura e especialmente da literatura afrodescendente que, por meio de sua condição humanizadora, busca inserir, de modo fecundo, esses novos personagens. O que se vê, paulatinamente, mesmo depois de tantos séculos de silenciamento, é o(a) escritor(a) negro(a) construindo seu espaço na literatura.

Na atualidade, a voz negra feminina de Cibele Resende (2021) tem evidenciado, a partir de um eu-lírico questionador, resistente e plural, não só as atrocidades dos tempos de outrora, mas também tem, de modo incisivo, denunciado as discriminações do presente. Como se vê nos versos a seguir: "Êta povo que vitimiza, esses negros! / Cheios de mimimi / De sensibilidades / Povo besta. Raça de fedorentos / É o que dizem quando queremos mostrar nossa cara e soltar nossa voz!" (6.36-40). A estrofe apresenta a discriminação enfrentada pelo povo afrodescendente, sendo esta paramentada pela estratificação racial. Essas falas, que a poeta atribui aos(às) que buscam silenciar a voz negra, refletem o racismo velado que, muitas vezes, se mascara sob o manto da "opinião" ou do "cansaço" de ouvir sobre questões raciais "cheios de mimimi".

Nesse sentido, as expressões "povo besta e raça de fedorentos" expõem, ainda, o ódio racial que está entremeado em nossa sociedade. Logo, aponta-se para uma realidade complexa: o racismo não é um fenômeno esporádico, antes sim um elemento presente em diversas camadas do tecido social. Desse modo, por não se manifestar apenas em atos explícitos, mas também de formas mais sutis e insidiosas, o racismo envolve-se nas estruturas sociais e políticas que desfavorecem grupos específicos.

Na cultura e na mídia, a perpetuação de narrativas, imagens e representações que reforçam preconceitos e desumanizam a cultura afrodescendente ainda tem elevados índices de propagação. Tal prática contrapõe-se a um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, apresentado no artigo 3º e inciso IV da Constituição da República (Brasil, 2024, p. 11), com a finalidade de "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação".

A discriminação racial ocorre quando se trata pessoas de forma diferente por causa de sua raça. Para que isso aconteça, é necessário que um grupo tenha poder sobre outro, permitindo, assim, a atribuição de privilégios ou desvantagens. Esse poder pode ser político,

econômico, social ou até mesmo físico. Infere-se, portanto, que o poder é o motor da discriminação racial, pois permite que um grupo controle os recursos e as oportunidades, perpetuando as desigualdades. Para Almeida (2018, p. 25),

> A discriminação racial, (...) é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso de força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça.

Assim, as desigualdades, em suas diversas formas, tem sido uma constante na história, gerando sofrimento, exclusão e violência. Nesse cenário, sob a égide do colonialismo, as mulheres negras vivenciaram/vivenciam uma interseção de opressões, sendo subjugadas tanto pela colonização quanto pelo patriarcado, reduzidas à condição de objetos sexuais. Logo, as disparidades sociais, raciais e de gênero têm raízes profundas nos conflitos e nas tragédias que marcaram a história do povo negro. Com isso, a mulher negra, triplamente desumanizada, foi submetida à opressão colonial para além de uma posição de subalternidade, tendo seus corpos como mero objeto de desejo e exploração, como pode-se verificar no poema a seguir.

Estupro

Estava perto do poço
Tinha ido buscar água
Era tardinha
O sol declinava.

Ele chegou bem devagar
Sorrateiramente
Tampou a minha boca
E me arrastou para o fundo da senzala;

Era um cheiro de urina insuportável
Levantou minha roupa
Sem pudor, com violência lasciva
Queria mostrar poder
E demostrou
Sobre o meu corpo
Fechou o zíper da calça
E saiu satisfeito!
(Resende, 2021, p.43)

No poema *Estupro*, Cibele Resende (2021) mostra que a violência ligada ao sexo, por séculos, foi o pano de fundo do cotidiano brasileiro. Assim, quase em toda a história, mulheres que não tivessem um comportamento casto e submisso eram tidas como "estupráveis". Mesmo depois do período colonial, já no ano de 1940, e após "modernizada" a lei, ainda se enquadrava o estupro entre "os crimes contra os costumes". Ou seja, o crime não era contra sua vítima e sim contra os valores da sociedade, pois, de acordo com os costumes da época, a vítima não sofria pela violência brutal, mas pelo que pensariam dela, uma mulher desonrada.

Nesse segmento do poema, tratando-se de valores sociais, cabe ressaltar que, dentro do corpo social escravocrata, as mulheres negras sempre foram desvalorizadas. Eram vistas como: boas de cama; mulatas para o sexo; "quartos largos" para ter filhos e seios redondos para amamentar. A honra destas mulheres ficava em último plano. De acordo com Freyre (2006, p. 367 *apud* Fernandes; Gomes, 2020, p. 23), pode-se compreender tais significados:

> Das palavras de Freyre (2006, p. 367) extraem-se a conotação sensualizada que se tentava aplicar à violação dos corpos das mulheres escravizadas: "Da [mulata] que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem". [...] Havia ainda o entendimento de que o ventre das escravizadas carregava boa parte de seu potencial produtivo. Afinal, reproduziam a propriedade privada do senhor de escravos, o qual poderia tanto explorar o trabalho da prole, quanto comercializá-la, indiferente se fossem frutos de seus estupros.

Desse modo, o que se entende é que no Brasil colonial o estupro configurava-se como um atentado contra a honra e honestidade das famílias brancas. Portanto, as mulheres negras, violentadas sexualmente, não tinham como denunciar o abuso, pois, em lei, tal atrocidade não se constituía punível.

Posto isso, no poema, o eu-lírico inicia retratando uma cena comum dos(as) escravizados(as). A mulher negra, que recebendo o papel de criada, era responsável por todos os afazeres domésticos, incluindo descer ao poço e carregar água, como se lê nos versos 1 e 2 da primeira estrofe: "Estava perto do poço / Tinha ido buscar água" (1.1-2). Ao observar os versos, compreende-se ainda que não importava a situação ou o trabalho que as negras escravas estavam exercendo, caso estivessem sozinhas, estas eram presas fáceis nas mãos do violentador.

Ainda na primeira estrofe, os versos "Era tardinha / O sol declinava." (1.3-4) remetem a dois cenários: 1) à tardinha – era o melhor horário para buscar água, pois o sol quente dos outros horários castigava; 2) o sol declinando – era também o horário mais propício para que o impostor vituperasse a vítima, dado que, com o declínio do sol e chegada da noite, seria mais fácil fugir, após cometer o ato desprezível. Mas por que havia fuga, uma vez que o estupro contra a mulher negra não era crime? Porque, fora da casa grande, geralmente, quem os praticava eram homens casados. Fugiam, não por medo de punição jurídica, mas matrimonial. Já na casa grande, se o estupro fosse cometido, era tido como um ato comum, corriqueiro, pois a escrava era propriedade do seu senhor.

De todo modo, em nenhum destes casos (dentro ou fora da casa grande) poderia uma relação sexual abusiva contra a mulher negra ser considerada crime, uma vez que não havia violação da honra destas mulheres, mesmo que houvesse violência. A despeito disso, compreende-se que, desde as diásporas africanas, as mulheres negras estiveram em constante movimento de subjugação. Para Fernandes e Gomes (2020, p. 21-22),

> Nesse processo, em que mulheres e homens negros eram animalizados, é importante observar como as mulheres foram atingidas e oprimidas de forma singular, especialmente através da hipersexualização dos seus corpos e da violência de gênero a que estão submetidas [...] nessa conjuntura, as mulheres negras escravizadas foram sistematicamente estupradas em todo o Brasil, sua sexualidade foi apropriada e significada pelos homens brancos, de modo que o patriarcado brasileiro é necessariamente racista. Mulheres brancas e negras são lidas de formas socialmente diferentes, sendo as mulheres negras hipersexualizadas como herança escravocrata.

Assim, na estrofe seguinte, o eu-lírico continua delatando os fatos. "Ele chegou bem devagar / Sorrateiramente / Tampou a minha boca / E me arrastou para o fundo da senzala" (2.5-8). Num poema pequeno, composto por três estrofes e dezesseis versos, Cibele Resende (2021) coloca o dedo na ferida colonial, mostrando que as mulheres negras foram inseridas em uma polarização, escrava *x* prostituta.

Nesse cenário, após anos servindo ao seu senhor, mulheres negras que porventura ganhassem a alforria, sem casar-se com o antigo dono, tinham só um jeito para o sustento: prostituir-se. Infere-se que, de muitas formas, não apenas o estupro, mas também a violência sexual contra a mulher negra era a norma. No último conjunto de versos, o abusador chega ao ato final. Numa espécie de depoimento e de modo conciso, porém profundo, o eu-lírico expõe suas dores em versos que, ritmicamente, nos encaminham para um desfecho não desejado: "Era um cheiro de urina insuportável / Levantou minha roupa / Sem pudor, com violência lasciva / Queria mostrar poder / E demonstrou / Sobre o meu corpo / Fechou o zíper da calça / E saiu satisfeito" (3.9-16).

Pode-se considerar que a violência lasciva, exposta nos versos, descreve a luta da mulher negra, uma luta, antes de tudo, contra um sistema que ainda a oprime, ameaça, reprime e gera desigualdades sociais e raciais. De acordo com Fernandes e Gomes (2020, p. 23),

> Não se está a afirmar que as mulheres negras tenham sido passivas durante o processo de sua escravização, ao contrário, as mais diversas técnicas de resistência foram utilizadas pelos povos escravizados. No entanto, não se pode deixar de demarcar que as relações entre escravas e seus senhores foi pautada por poder de um e sujeição da outra, largamente desiguais e, por isso mesmo, violentas, ainda que contraditórias.

Em suma, o que se vê é que, desde o início, a mulher sempre esteve condicionada ao homem, pois tanto mulheres negras quanto as indígenas jamais puderam escolher seus parceiros afetivos. Assim, o estupro, que era visto com grande naturalidade no Brasil colonial, está no centro da história do povo brasileiro, onde num processo de degradação da dignidade humana as mulheres negras tiveram seus direitos subtraídos e suas possibilidades progressivamente limitadas, não só por meio da violência física, mas também moral.

O que nos remete à epígrafe desta seção, onde Cibele Resende (2021, p. 27) declara "faz muito tempo que quero falar o que penso, soltar minha voz", pois, num tempo em que a palavra da vítima mulher branca valia menos, a mulher negra nem podia falar. Essa frase não é apenas um desejo individual de expressão, mas um eco do silenciamento sistêmico e brutal imposto às mulheres, e de forma ainda mais severa, às mulheres negras ao longo da história. A expressão interpretada a partir do poema de Cibele Resende (2021) sugere que, mesmo em contextos onde a voz feminina já era desvalorizada (como a "vítima mulher branca" que tinha sua palavra diminuída), a mulher negra enfrentava uma barreira ainda mais intransponível: a privação total da possibilidade de fala, de testemunho, de existência narrativa. Isso significa que suas experiências, suas dores, suas verdades eram não apenas desacreditadas, mas sequer reconhecidas como dignas de serem proferidas.

Os ritmos da voz, na poética de Cibele Resende (2021) acontecem, pois, desde a figuração crítica de vozes negras cujo trânsito reposiciona o(a) leitor(a) na fronteira dos diálogos entre culturas, memórias e alteridades. Mais ainda, o modo de o eu-lírico da autora acreana ler as cenas do estupro testemunha a denúncia, resistência e luta do corpo feminino negro contra as práticas de violência. Assim, as cadências tanto da voz quanto do corpo (des)encontram-se em uma imagem poética que resiste, transgride e afronta os discursos produzidos sobre a alteridade feminina.

Isto é, a poética da autora acreana projeta outros modos de ler, sentir e traduzir as cenas da violência contra a memória negra feminina. São, pois, dois poemas nos quais se configuram os rastros da voz como caminho dialógico para esperançar outros destinos, outras estratégias de vida e outras performances estéticas-políticas para além dos estigmas e estereótipos.

Este ir além da palavra, imagem e discurso que os poemas evocam demonstra, portanto, o exercício da escrita afrodescendente que questiona, tensiona e inscreve a voz como horizonte crítico desde o qual é possível traduzir outros itinerários da literatura de Cibele Resende, por exemplo, relacionando-a, contrapondo-a e confluindo-a à escritura de Conceição Evaristo.

3.2 Percursos do olhar em Conceição Evaristo

Recordar é preciso
mas os fundos oceanos
não me amedrontam
e nem me imobilizam
(Evaristo, 2017)

Em viagem nacional, partiremos do Norte para o Sudeste do país. Nesse deslocamento, conheceremos a obra *Poema da Recordação e Outros Movimentos*, da escritora mineira Maria da Conceição Evaristo de Brito (2017). Os poemas analisados nesta obra são*:* I. *Vozes-Mulheres* e II. *Certidão de Óbito.*

A antologia poética da autora afrodescendente Conceição Evaristo traz em sua temática a feminilidade, a resistência e as recordações da mulher afrodescendente. Enveredando-se pelo caminho da memória dos sonhos, esperanças, e da inocência pueril, Conceição Evaristo retrata, em seus versos, um tema atemporal: a luta enfrentada pela população negra no Brasil nos tempos de ontem e hoje; uma luta de classes e desigualdade social, salpicada pela violência, o preconceito e o racismo.

A problemática da desigualdade social retratada em nossa literatura reflete o estado de estratificação com que muitos ainda insistem em posicionar o afro-brasileiro. Para Ricardo Henriques (2001), há uma forte concentração de renda no segmento mais rico da sociedade, ocasionando aos negros uma participação minoritária, e elevando os brancos ao patamar mais rico e mais desigual. Contudo, ainda que as riquezas desta nação estejam concentradas nas mãos de poucos, concebe-se que a classe trabalhadora de nosso país é heterogênea e composta pelos mais diversos sujeitos e grupos sociais, tornando imprescindível valorar essa diversidade, com vistas na dimensão da singularidade destes indivíduos.

Em continuidade, como a literatura é também expressão de sentimentos em forma de palavras, os versos de Conceição Evaristo desvelam a força e intrepidez da mulher negra brasileira, que (re)existe a estas e tantas outras mazelas, num constante litígio contra o machismo, o sexismo e a desigualdade de gênero. Não por acaso, a literatura da autora mineira dialoga com a maioria das obras afrodescendentes no que concerne às representações da afrodescendência, a partir da denúncia social, da exploração do trabalho, dos crimes sexuais e raciais, entre outros. Conceição Evaristo apresenta-se como uma tecelã das palavras, uma tecelã feminina negra que busca, em seus versos, conscientizar-nos da luta de seus ancestrais e da contínua luta dos(as) seus(as) procedentes, retirando de suas memórias elementos para a construção de uma literatura que se aproxima da vida cotidiana de milhares de brasileiros(as).

Retornando para o campo da poesia, compreende-se que sua antologia poética, lançada em 2008, e agora reeditada pela editora carioca Malê (2017), mostra a importância deste tema, tanto no campo literário quanto nos campos sociais, culturais e acadêmicos de nosso país. Em sua nova edição de *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (Evaristo, 2017), a editora

Malê nos presenteia com 21 poemas a mais em comparação à edição passada, recheados de homenagens, curiosidades e responsabilidade com a ancestralidade afrodescendente.

E por que essa temática é tão visível nas vozes negras afro-brasileiras? A ancestralidade afro se refere à herança cultural, histórica e étnica das pessoas de ascendência africana; ela é uma parte importante da identidade brasileira, pois nosso povo possui raízes nas diásporas africanas. Assim, os(as) autores(as) que escrevem a partir desta perspectiva buscam manter uma conexão com a história, cultura e as tradições de seus antepassados, que foram levados abruptamente para serem escravizados, não só no Brasil, mas em diferentes partes do mundo. A despeito disso, Florentina Souza e Maria Nazaré Lima (2006, p. 24) discorrem:

> A literatura afro-brasileira procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo "literatura" indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. Por outro lado, a expressão "literatura afrodescendente" parece se orientar num duplo movimento: insiste na constituição de uma visão vinculada às matrizes culturais africanas e, ao mesmo tempo, procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram na diáspora.

Em vista disso, a enunciação das vozes negras, também, é a expressão do reconhecimento, e uma maneira de honrar as lutas, conquistas e contribuições desses povos, e ainda, promover a celebração da diversidade cultural.

Isto posto, após compreendermos a responsabilidade com a ancestralidade afro em sua escrita, buscamos agora apresentar algumas homenagens e curiosidades desta coletânea. Para Antônio Candido (2006, p. 17), "num texto literário há essencialmente um aspecto que é a tradução do sentido e o outro que é a tradução do seu conteúdo humano, da mensagem por meio da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem". Desse modo, Evaristo (2017) nos convida a mergulhar numa viagem singular, pois toda a coletânea é imperdível, mas de início destacamos o quinto e o décimo primeiro poema da antologia, que homenageiam duas figuras públicas negras brasileiras.

Com o título *Meu corpo igual*, o quinto poema desta edição traz uma homenagem ao poeta, escritor e professor afro-brasileiro Adão Ventura, neto de escravos trabalhadores de fazenda e minas. Neste poema, expõe-se o conceito de pele étnica do povo negro brasileiro, como descreve Conceição Evaristo (2017, p. 10), uma pele igual à escuridão da noite: "Na escuridão igual meu corpo noite abre vulcânico a pele étnica que me reveste".

Já no décimo segundo poema, intitulado *Fêmea-Fênix*, Conceição Evaristo (2017) faz uma homenagem muito especial a uma das primeiras atrizes negras brasileiras: Léa Garcia, que morreu em agosto de 2023. A artista foi uma das pioneiras do teatro negro em nosso país e tornou-se atriz num momento pungente da história da dramaturgia, no qual encenar não era

tido/visto como trabalho para mulheres negras. Em seus versos, a autora enaltece a força da mulher negra, que renasce, como fênix, mesmo diante de tantas intempéries.

> Vivifico-me eu-mulher e teimo, na vital carícia de meu cio, na cálida coragem de meu corpo, no infindo laço da vida, que jaz em mim e renasce flor fecunda. Vivifico-me eu-mulher. Fêmea. Fênix. Eu fecundo. Do feto que em mim brota. Do meu corpo o feto ossificado há de brotar um dia. Ele apenas se escondeu. (Evaristo, 2017, p. 25).

Pode-se ressaltar como curiosidade desta edição a forma de organização da coletânea, no que tange à divisão dos blocos de poemas e distribuição destes. Assim, os poemas são distribuídos por temas, iniciados no livro por trechos em prosa da própria autora. Desse modo, os 65 poemas da coletânea aparecem divididos em 06 blocos separados pela prosa, que constituem espécies de epígrafes. As prosas são passagens que carregam o lirismo, o entusiasmo e a paixão de Conceição Evaristo pela escrita, perceptíveis em sua escrevivência. A escrita da vivência não só de si, mas de toda uma coletividade. O primeiro texto, por exemplo, que remete à capa, recupera a cena da mãe lavando roupa sob o sol. Poeticamente, o trecho alude às recordações da infância, quando Conceição Evaristo (2017, p. 9) diz: "gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento".

Outro bloco de poemas é precedido pelo trabalho com a tópica do feminino, tema intrínseco à obra de Conceição Evaristo (2017), desvelado pela imagem da mulher, que, a despeito de permear toda a antologia, neste conjunto de nove textos especificamente, grita às mais longínquas distâncias sobre seus medos, anseios, desesperos e calmas, mas especialmente sobre sua força interior, que lhe permite sempre se reconstruir. "Tenho a calma de uma velha mulher recolhendo seus restantes pedaços" (Evaristo, 2017, p. 28). É nessa parte que estão os conhecidos poemas *Eu-mulher* e *Vozes-mulheres*, ambos publicados pela primeira vez na coletânea *Cadernos Negros*[10] e presentes em análises diversas e em trabalhos acadêmicos em nosso país e fora dele.

Dos poemas inéditos em livro impresso (alguns foram publicados anteriormente online) presentes nesta edição, chamam a atenção os que fazem intertexto com Clarice Lispector e sua obra. Conceição Evaristo já havia escrito um conto, *Macabéa, Flor de mulungu*[11], em que dialogava com o romance *A hora da estrela*[12] e sua protagonista, Macabéa. Nos textos de

---

[10] QUILOMBHOJE. Disponível em: https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/ Acesso em: 20 de mar. de 2024.

[11] EVARISTO, Conceição. **Macabéa, flor de mulungu**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

[12] LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

Poemas da recordação e outros movimentos (Evaristo, 2017), esse diálogo aparece novamente em *Carolina na hora da estrela* e *Clarice no quarto de despejo*, dois dos poemas situados no penúltimo bloco. "No meio do dia Clarice entreabre o quarto de despejo pela fresta percebe uma mulher. Onde estivestes de noite, Carolina?" (Evaristo, 2017, p. 85). Neles, a autora nos coloca diante de Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector, revisitando duas escritoras contemporâneas e tão diferentes em suas singularidades biográficas e literárias. Ao entremear as vozes de Clarice Lispector, Carolina de Jesus e tantas outras importantes mulheres, Conceição Evaristo continua levantando vozes e resgatando memórias, conforme seu poema *Vozes-Mulheres* (Evaristo, 2017, p. 24-25.)

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Desde o título, o poema *Vozes-Mulheres* (Evaristo, 2017) expressa a força e intrepidez da mulher afrodescendente. Logo, as estrofes que o compõem foram construídas não somente

a partir das experiências das vozes negras, mas especialmente das vozes de mulheres negras, que expressam suas resistências após serem exploradas de múltiplas formas, numa sociedade preconceituosa e machista.

Sob essa ótica, através da linguagem poética, Conceição Evaristo (2017) constrói um memorial multigeracional, onde as memórias ancestrais se manifestam na voz feminina. Em consonância com sua epígrafe deste tópico, que ressalta a necessidade de recordar, a autora evoca, em seus versos, vozes presentes e pretéritas que, através da representação do eu-lírico, clamam por não serem mais silenciadas. Valendo-se de recursos expressivos como a anáfora, o paralelismo e a gradação, Conceição Evaristo imprime ao poema uma força motriz de resistência e de potencial para a transformação.

Norma Goldstein (2006, p. 17) conceitua a anáfora como "repetição de uma palavra, na mesma posição, em versos diferentes. Em *Vozes-Mulheres*, a repetição da expressão "A voz de minha", no início de várias estrofes, é um exemplo claro desse recurso. Como podemos observar: "A voz de minha bisavó" (1.1); "A voz de minha avó" (2.1); "A voz de minha mãe" (3.1); "A minha voz" (4.1); "A voz de minha filha" (5.1). A recorrência da oração inicial realça a ancestralidade e a propagação das experiências femininas através das linhagens, unindo as distintas vozes que integram a tessitura do poema. A anáfora reforça a ideia de continuidade e de um legado compartilhado entre essas mulheres. Por meio desse recurso, é possível notar os efeitos sonoros e rítmicos do poema, o que para Goldstein (2006) podem fundir-se em um resultado indivisível.

O paralelismo, recurso também utilizado por Conceição Evaristo, permite ao(à) leitor(a) fazer uma análise formal e rítmica do poema. Essa figura de linguagem, conceituada de forma simples como uma relação de equivalência entre termos, é um recurso estilístico bastante comum na literatura. Responsável por criar ritmo, enfatizar ideias e estabelecer conexões entre diferentes partes do texto, sua função é explorada de modo singular pela autora mineira, contribuindo significativamente para a força e o impacto da mensagem expressa pela autora.

De acordo com Goldstein (2006, p. 6),

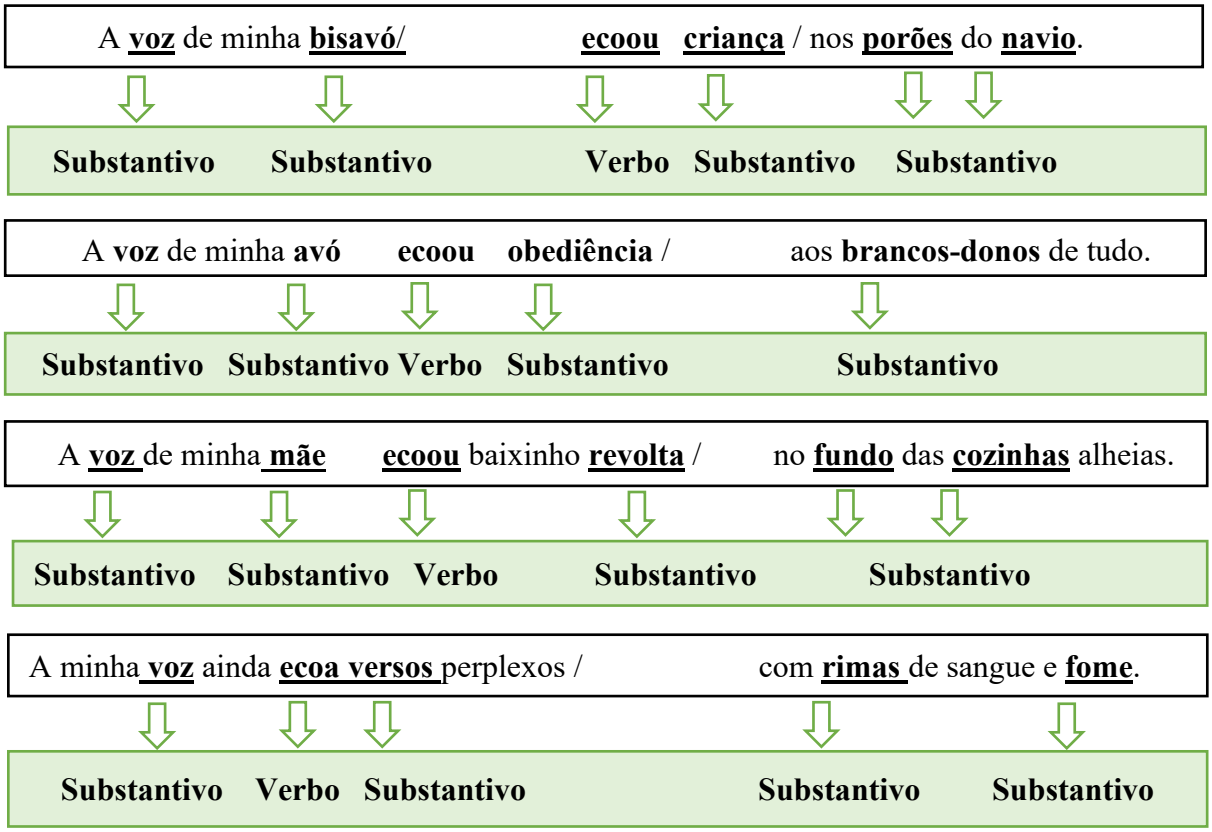
> Nos textos comuns, não literários, o redator escolhe as palavras pela sua significação. Na elaboração do texto literário, ocorre a preocupação com outra operação, tão importante quanto a primeira: a combinação. Desse modo, a seleção e combinação de palavras articulam-se, criando no texto algumas pistas para o leitor. [...] seleção e combinação de palavras são pautadas não apenas pelo critério da significação, mas também por outros critérios, como o rítmico, o sintático, o sonoro, o decorrente de paralelismos e jogos formais.

No poema em destaque, essa exploração do paralelismo se manifesta em diversos níveis, criando um ritmo e uma cadência que reforçam as impressões do eu-lírico. O que era de se

esperar, pois, de acordo com Goldstein (2006, p. 13), “toda atividade humana se desenvolve dentro de certo ritmo. O ritmo aparece também na produção artística do homem. De um modo especial, na poesia”.

Partindo destes conceitos, em *Vozes-Mulheres* podemos identificar os seguintes tipos de paralelismo: paralelismo morfológico, que ocorre na repetição de estruturas gramaticais semelhantes em versos ou estrofes consecutivas, e o paralelismo semântico, manifestado na repetição de ideias, conceitos ou imagens semelhantes ao longo do poema, mesmo que expressos por palavras diferentes. Um exemplo claro de paralelismo morfológico é a repetição predominante da classe gramatical dos substantivos e verbos, conforme se observa no esquema 1 (figura 3) abaixo:

Figura 3 – Esquema 1

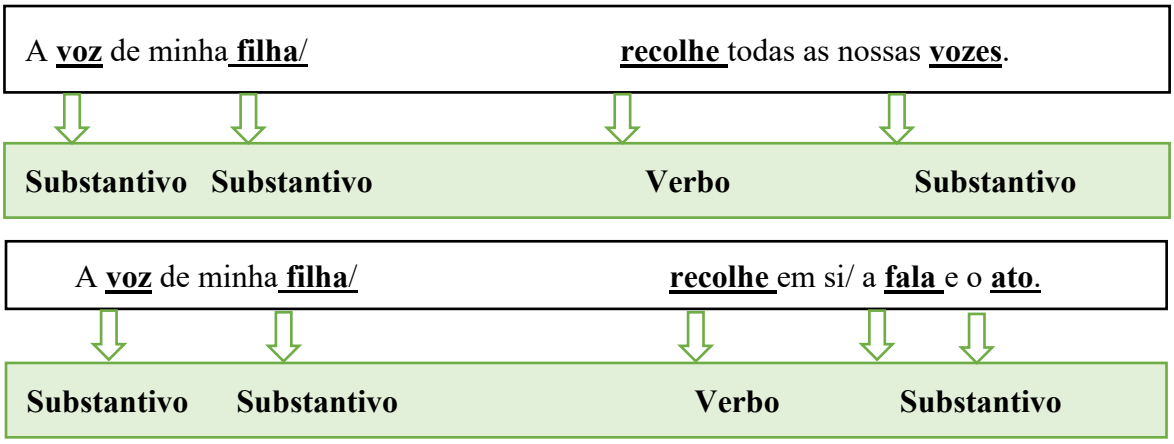


Fonte: A autora (2025).

Considerando essa ótica, nota-se, nesses versos, que a estrutura sintática é quase idêntica, variando apenas o substantivo que representa a ancestral (“bisavó”, “avó”, “mãe”, “voz”) e o complemento verbal que especifica a natureza do eco (“criança”, “obediência”, “baixinho revolta”, “versos perplexos”). Essa repetição da forma gramatical enfatiza a ligação entre as gerações de mulheres e a continuidade de suas experiências, mesmo que marcadas por diferentes formas de opressão. Outro exemplo de paralelismo morfológico, embora menos

extenso, aparece na última estrofe, onde a repetição de “A voz de minha filha”, no início dos versos subsequentes, enfatiza o significado da nova geração enquanto herdeira e sucessora das vozes ancestrais, esquema 2 (figura 4):

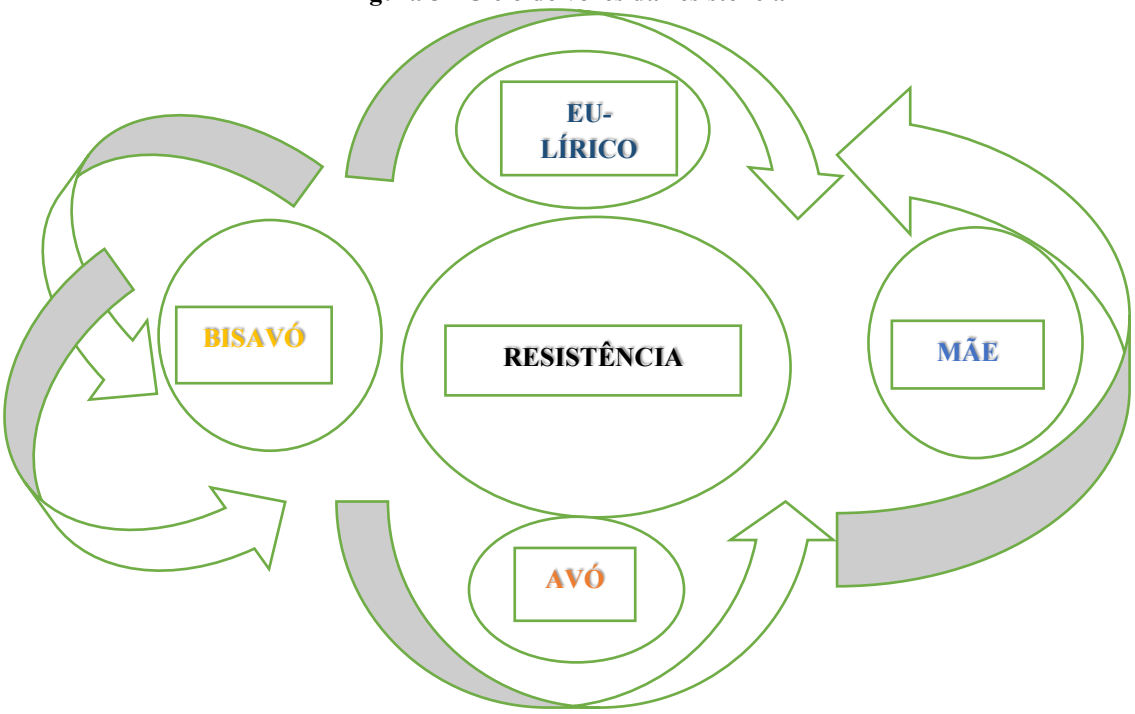
Figura 4 – Esquema 2



Fonte: A autora (2025).

Tratando-se de paralelismo semântico, em *Vozes-Mulheres* a ideia central da “voz” como representação da experiência, da luta e da memória feminina negra é reiterada em diversos momentos. Cada “voz” das ancestrais carrega consigo um aspecto da história da opressão: o sofrimento da infância perdida no navio negreiro (bisavó), a submissão imposta pela escravidão e pelo patriarcado (avó), a resistência silenciosa no espaço doméstico (mãe) e a perplexidade diante da violência e da fome (eu lírico). Apesar das nuances de cada experiência, todas essas vozes compartilham a marca da luta e da resistência, conforme figura 5 abaixo:

Figura 5 - Ciclo de vozes da resistência



Fonte: A autora (2025).

Nesta imagem, expressa através dos versos finais do poema, o paralelismo semântico se revela na voz do eu-lírico, que ecoa a contemporaneidade, conforme as estrofes a seguir: "A voz de minha filha / recolhe em si / a fala e o ato. / O ontem – o hoje – o agora." (6.1-4). Assim, a filha, que carrega em si a resistência da mulher negra, surge como uma nova voz que ecoa, que já não ecoa somente lamentos, mas ecoa vida e liberdade. A voz da filha transporta, em si, as vozes de outras gerações de mulheres, ela é a porta-voz não só do hoje, mas do ontem e do agora – a saber, a representação da literatura afrodescendente, das mulheres negras mineiras, cariocas, acreanas, das poetas africanas e são-tomenses.

Este ponto paralelístico, voltado à ideia de recolhimento, reflete ainda às vozes do hoje, pois, ela "recolhe todas as nossas vozes" (5.2), simbolizando a persistência da memória coletiva e da ação, através da junção das experiências do passado na formação de um futuro que produza frutos de "vida-liberdade". A progressão das vozes, desde o lamento da bisavó até a potencialidade da fala e do ato da filha, também estabelece um paralelismo semântico de evolução e esperança. As dores do passado não são esquecidas, mas transformam-se em força para o presente e futuro.

Nesse contexto, partindo de um sujeito de enunciação coletiva, não só Conceição Evaristo, mas a maioria dos autores da literatura afrodescendente se empenha a fim de não deixar no esquecimento o passado de sofrimentos e de resistência à opressão. A despeito disso, Rildo Cosson (2009, p. 17) diz: "[...] a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que

um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade". Essa incorporação do outro e do diferente, ao invés de nos diluir, paradoxalmente, fortalece nossa individualidade e promove uma compreensão mais profunda e humanizada da existência.

Para Conceição Evaristo (2005, p.54), "pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida". Desse modo, seja em prosa ou poesia as personagens da literatura afrodescendente constituem-se cada vez mais como protagonistas da sua história. E, nos versos de *Vozes Mulheres*, a autora mineira testemunha tais acepções. Assim, as imagens mentais criadas a partir do significante e significado das palavras selecionadas pela autora ativam uma série de associações e representações mentais que estabelecem ligação com fatos históricos, sociais, relação de poder, exploração e marginalização.

Nesse contexto, nos três primeiros versos da primeira estrofe, que é constituída por uma quintilha, o eu-lírico traz à tona a voz da primeira mulher a ele ligado por laços afetivos. "A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio." (1.1-3). Sua bisavó representa a herança da África, a historicidade da família, mas, no poema, não é citado seu nome ou revelada sua idade. Concebe-se que a bisavó do eu-lírico é o retrato de tantas outras bisavós dos afro-brasileiros, que, arrancadas de sua terra, retiradas do seio da família, da cultura, da arte, música e culinária, foram aprisionados; vistos como mercadorias, abarrotados, empacotados, enclausurados nos porões dos navios negreiros.

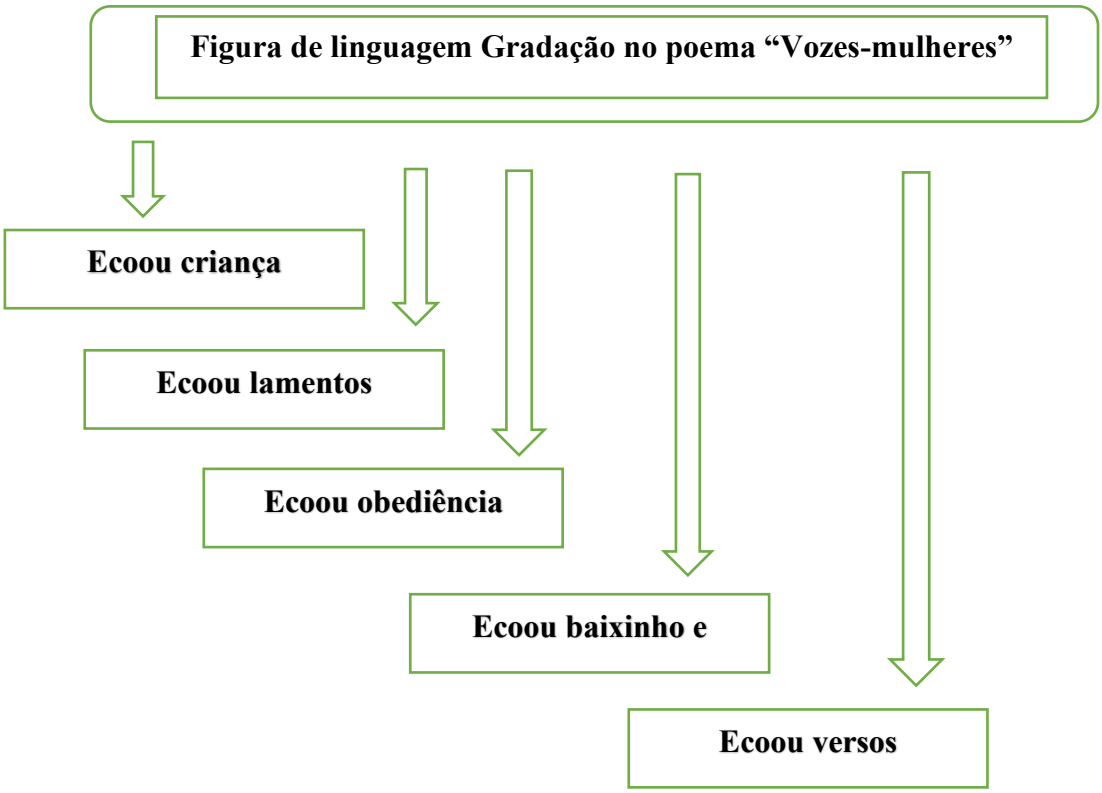
Paralelamente, a construção do significado, através da progressão dos significantes, além de dar suporte à construção da imagem mental de palavras isoladas, permite também a compreensão do poema como um todo. Para Goldstein (2006, p. 5), "[...] poemas são como organismos vivos e propõem eles próprio a chave para sua compreensão. Sua leitura envolve apelos sensoriais. (Os poemas convidam/ao som e às imagens) [...]". Neste propósito, conforme Jolibert (1994, p. 2002), "[...] o poema um texto em forma de rede que exige uma leitura plural, tabular, em vez de uma leitura linear, simplesmente informativa".

A gradação, outro recurso estilístico utilizado no poema, é empregada por meio da enumeração de elementos frasais com o intuito de enfatizar as ideias numa sentença de ritmo até atingir o clímax. Essa figura de linguagem oferece maior expressividade ao texto, através da enumeração de palavras que intensificam uma ideia de maneira gradativa, e por isso recebe esse nome. Através desse recurso, Evaristo (2017) pode construir um ritmo crescente ou decrescente no poema, intensificando ou amenizando um conceito, concepção e pensamento.

Em *Vozes-mulheres* (Evaristo, 2017), a gradação ocorre a partir das recordações da autora, que faz parte de uma geração assinalada por estigmas que vêm desde a escravidão até o racismo contemporâneo. Logo, as vozes que ecoam são vozes femininas de mulheres oprimidas pelo patriarcado, que, nesta instância, simbolizam a totalidade do coletivo feminino. Vozes-mulheres que clamam para ser escutadas a partir da subjetividade do eu lírico, marcada pelo pronome possessivo "minha".

O poema, estruturado em seis estrofes, inicia cinco delas com a expressão "a voz de minha". Essa repetição, na abertura de cada grupo de versos, configura uma anáfora, figura de linguagem já citada, recurso que a autora emprega para intensificar sua denúncia social e racial, ecoando as vozes de diversas gerações femininas. A progressão dos versos revela gradualmente os acontecimentos que se sucedem desde a geração da bisavó até a da filha do eu-lírico. O esquema 3 (figura 6) abaixo ilustra esse propósito.

Figura 6 – Esquema 3



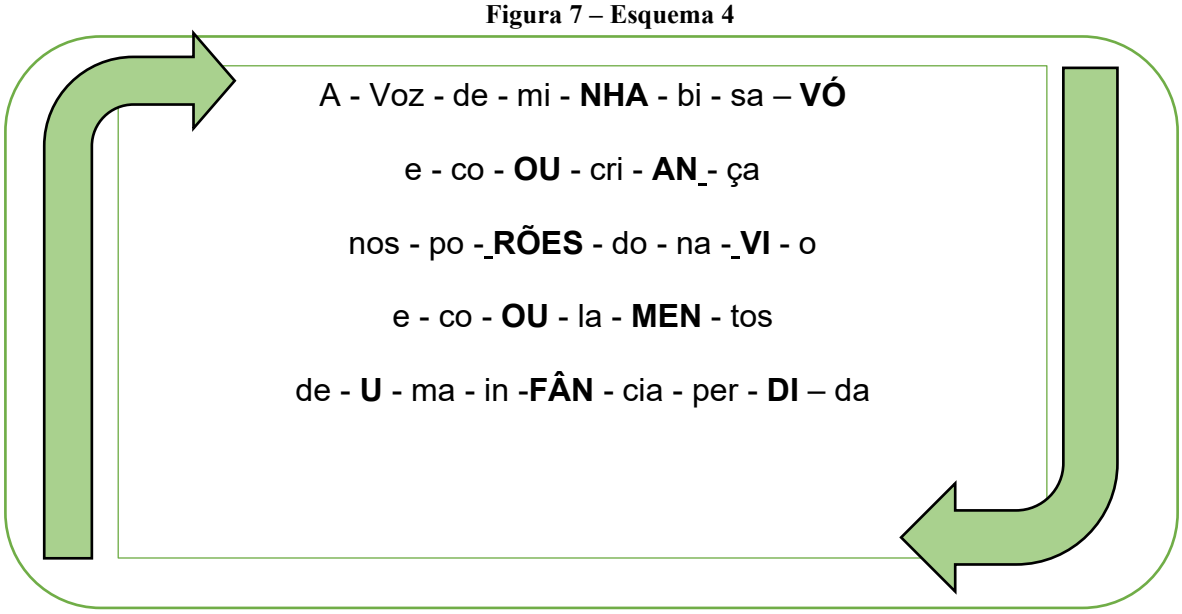
Fonte: A autora (2025).

O "ecoou criança / nos porões do navio" (1.2-3) inicia a gradação com uma imagem de vulnerabilidade e aprisionamento, representados pela ancestralidade em um contexto de sofrimento. "ecoou lamentos / de uma infância perdida" (1.4-5), a dor se intensifica, especificando a perda e o sofrimento infantil. "ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo" (2.2-3), a voz se torna passiva, submetida à dominação, indicando uma perda de autonomia.

“ecoou baixinho revolta / no fundo das cozinhas alheias” (3.2-3), surge um tom de resistência, ainda que sutil e escondido, marcando um avanço na luta. “ecoa versos perplexos / com rimas de sangue / e / fome” (4.2-5), a voz do eu-lírico expressa a perplexidade diante da violência e da miséria, mas já se manifesta através da poesia, como forma de expressão e denúncia em versos, sons e ritmos.

Tratando-se de ritmo, de acordo com Goldstein, (2006, p. 17), “o ritmo é formado pela sucessão, no verso, de unidades rítmicas resultantes da alternância entre sílabas acentuadas (fortes) e não acentuadas (fracas); ou entre sílabas constituídas por vogais longas e breves”. Em *Vozes-Mulheres*, Conceição Evaristo (2017) estabelece o ritmo por meio desse recurso, conforme ilustrado no esquema 4 (figura 7) abaixo. O ritmo desse trecho não busca uma melodia suave ou tradicional. Pelo contrário, ele pode ser áspero, descontínuo e carregado de pausas, representando a fragmentação da história dos(as) escravizados(as).

Figura 7 – Esquema 4



Fonte: A autora (2025).

Com efeito, as manifestações trazidas pela autora, através de um poema com grande força expressiva e sonora, compelem o(a) leitor(a) a uma viagem no tempo, onde a partir das narrativas Brasil–África evidenciam os ecos que ressurgem de um passado longínquo. Nesse sentido, Rita Godet (2010, p. 189) nos convida a refletir sobre as múltiplas faces da errância, desvelando o desenraizamento involuntário dos tempos coloniais.

> As múltiplas faces da errância na literatura foram moldadas pelo mito e pela história através do tempo [...] as figuras da errância exploram diversos aspectos, mas têm em comum a ideia de deslocamento físico ou mental, voluntário ou involuntário. [...] desenraizamento involuntário, enfocando a violência das travessias impostas de territórios, representadas pelas figuras do imigrante, do refugiado, do exilado, do marginal, errantes excluídos.

Tais tempos são descritos na literatura afrodescendente através das peregrinações, das diásporas e do exílio, versificados, a partir de uma poética que representa os desencantos dos sonhos e deslocamentos de espaços e memórias de uma coletividade. A coletividade assegurada em *Vozes-Mulheres* (Evaristo, 2017) posiciona-se diante de um contexto social marcado pelo racismo. No poema, a linguagem literária assume papel crucial, ao propiciar a conscientização e a humanização de sujeitos que, por meio da alteridade, tornam-se indivíduos conscientes de seu papel consigo mesmo e com o outro. A equidade, deslindada pelo eco de liberdade, requer direitos sem acepção de raça. Para Césaire (1978, p. 63-64),

> A questão da igualdade das raças, dos povos ou das culturas, só tem sentido se se trata duma igualdade de direitos e não duma igualdade de fato. [...] seja por causas biológicas ou históricas, existem, atualmente, diferenças de nível, de potência e de valor entre as diferentes culturas. Delas decorre uma desigualdade de fato. Não justificam de modo algum, uma desigualdade de direitos a favor dos povos ditos superiores, como o desejaria o racismo. Antes lhe conferem encargos suplementares e uma responsabilidade acrescida.

Foi por fazer parte da "raça" tida como inferior, que a voz da bisavó ecoou ainda criança em um desses navios. "ecoou lamentos" (1.4). No navio "tumbeiro" – nome derivado de tumba –, retratando as inúmeras mortes que nele ocorriam, essa criança ecoou lamentos "de uma infância perdida" (1.5). Ora, no porão do navio, sendo a parte mais baixa no interior deste, idealizado para levar as cargas dos passageiros, enfileirou-se a mercadoria humana. Esta se movimentava, sentia, ouvia, mas não falava, gritava ou gemia.

De acordo com Candido (2006, p. 37-38),

> Todo poema é basicamente uma estrutura sonora. Antes de qualquer aspecto significativo mais profundo, tem esta realidade liminar, que é um dos níveis ou camadas da sua realidade total [...] o poeta pode, fundado nesta realidade, explorá-la sistematicamente e tentar obter efeitos especiais, que utilizem a sonoridade e dos fonemas [...].

Prenunciadas de vários lugares, as vozes de mães, filhas e netas eclodem no lirismo dos versos e reúnem as diásporas de um itinerário percorrido por seus ancestrais. Nos três versos da segunda estrofe, temos uma espécie de continuação da história narrada na primeira quintilha. A avó segue o mesmo percurso da mãe, deve mostrar obediência à raça que se julga superior. "A voz de minha avó / ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo" (2.1-3).

Em continuidade, o verbo ecoar, que significa repetir, reiterar e redizer, foi utilizado cinco vezes ao longo do poema, como na voz da avó que "ecoou obediência" (2.2), desvelam-se vozes negras que continuam produzindo um som que rompe, retumba, ressoa, e retine em nossos ouvidos, conscientizando-nos da importante construção de uma sociedade mais

inclusiva e igualitária a partir da literatura. Nesse contexto, no terceiro verso da segunda estrofe, encontramos a expressão "aos brancos-donos de tudo" (2.3), referindo-se aos senhores. Donos das terras, das frutas, da agricultura, do pastoreio; donos dos negros que eram para eles apenas mais um animal do seu pasto. Estes mostravam suas riquezas pela quantidade de escravos, que fazia parte dos bens do colono, como um cavalo, uma carroça ou um pedaço de terra.

Nesse ínterim, observa-se que o valor de cada indivíduo estava predeterminado aos olhos da sociedade do Brasil escravocrata. Não pelas riquezas, posses e bens, mas precipuamente pela cor da pele. Desse modo, ampliar o acesso às literaturas afrodescendentes e promover a inclusão desta, na literatura canonizada e em sala de aula, é possibilitar que os(as) alunos(as) possam conhecer e compreender as diferentes perspectivas que ela engloba. Para tanto, faz-se necessário expandir tais conhecimentos, para que estes enriqueçam sua bagagem intelectual e cultural e construam um saber sólido baseado na importância da não acepção dos povos e especialmente da cultura africana como uma das bases da identidade de nosso país.

Relembrar e escrever sobre as abruptas mortes precoces do passado constitui-se uma ferramenta que Conceição Evaristo (2017) utiliza para continuar denunciando as mortes precoces e repentinas do presente. Afinal, a violência contra a juventude negra é um problema social grave e complexo que se manifesta de diversas formas, desde a letalidade policial até a discriminação no mercado de trabalho e em espaços públicos. Em seu poema *Certidão de óbito* (Evaristo, 2017, p.17), a autora tece versos que ratificam tais acepções:

Certidão de óbito

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.

A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.

No poema *Certidão de óbito*, composto por três estrofes e quatorze versos, Conceição Evaristo (2017) declara que a política de extermínio dos corpos negros tem perdurado desde o Brasil colonial. Através de recursos linguísticos e estilísticos, como as figuras de linguagem, a

autora nos convida a refletir sobre o peso do passado escravista na geração presente, estabelecendo uma conexão dolorosa entre esse passado e a contínua violência enfrentada pela comunidade afrodescendente, confrontando-nos com a urgência de reconhecer e romper com esse ciclo de violência e desigualdade.

Logo na primeira estrofe, onde o eu-lírico anuncia que: "Os ossos de nossos antepassados / colhem as nossas perenes lágrimas / pelos mortos de hoje" (1.1-3), observa-se a figura de linguagem personificação ou prosopopeia, atribuindo ações e sentimentos humanos a elementos não humanos. Ossos não podem literalmente colher lágrimas. Essa personificação evoca a ideia de que a ancestralidade absorve o sofrimento presente. Nesse sentido, os versos da segunda estrofe eclodem de modo impactante e provocativo, pois não se trata apenas de uma denúncia criminal, mas abordam a desigualdade social, a discriminação e invisibilidade.

Em consonância, agora, não só os ossos, mas também os olhos dos antepassados testemunham tais formas de opressão. Assim, desde a figura de linguagem metáfora, Conceição Evaristo (2017) faz uma comparação implícita entre dois termos distintos: os olhos dos antepassados são comparados a estrelas escuras e marcadas pela violência, intensificando a imagem de sofrimento e testemunho. "Os olhos de nossos antepassados, / negras estrelas tingidas de sangue, / elevam-se das profundezas do tempo / cuidando de nossa dolorida memória." (2.4-7). Aqui, os olhos são também associados ao cuidado, personificando-se. As "estrelas", que também não cuidam, sugerem a imagem de proteção e vigilância ancestral. Os que já se foram recebem, em seu túmulo, as lágrimas dos que aqui estão e cuidam da memória destes, carregada de dolorosas lembranças.

Ademais, ainda no segundo verso da primeira estrofe, as perenes lágrimas conotam um estado de continuidade no apagamento do povo negro. Intensificada pela figura de linguagem hipérbole, a palavra perene é dotada de expressividade e carga emocional. Poeticamente, a autora nos leva a compreender a profundidade das atrocidades escravocratas e seus negativos reflexos, que têm atravessado gerações, os quais, ainda que se tenham modificado os meios que levam à morte destes, no final, o resultado é o mesmo: a certidão de óbito.

Nesse cenário, é importante compreendermos a diferença entre atestado e certidão de óbito. Acredita-se que, transcendendo seu sentido literal de documento oficial que atesta a morte de alguém, a escolha da expressão no título, e ao longo do poema, serve a múltiplos propósitos. Em 1888, época do Brasil Imperial, instituiu-se, em nosso país, a obrigatoriedade

da apresentação da certidão de óbito, a partir do Decreto nº 9. 886/1888. [13]Em 1889, com a laicização desse processo, os primeiros registros civis de óbito começaram a ser escritos após a regulamentação do decreto.

Conquanto, faz-se necessário ressaltar que o atestado é o documento médico que declara o término da vida de um indivíduo, apontando também as causas que ocasionaram a morte. Em vista disso, é frequente que se chame, erroneamente, Atestado de óbito a Certidão de óbito. Contudo, atestado de óbito e certidão de óbito são termos diferentes. A certidão de óbito é um documento emitido por um cartório de Registro Civil, a partir de um assento lavrado em um livro de registro, sem o qual não ocorre o sepultamento. Outro ponto de destaque é que uma certidão de óbito pode ser emitida a qualquer tempo e indefinidas vezes, enquanto um atestado de óbito é um documento único, não sujeito à lavratura de registro e, portanto, não reproduzível.

Mas o que este documento nos tem a dizer e qual o propósito da Certidão de óbito no poema? Para ilustrar melhor tal indagação, recorre-se à figura 8 abaixo, um Atestado de Óbito emitido pela Casa de Saúde da Marinha de Guerra e Mercante, dirigida pelo Doutor A. J. Peixoto, localizada nos Cais da Gamboa, número 159, no Rio de Janeiro. A data do documento é 2 de março de 1858, momento em que a Certidão não era um documento obrigatório oficial no país.

[13] Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-9886-7-marco-1888-542304-norma-pe.html Acesso em: 31 de mai. de 2025.

Figura 8 - Atestado de óbito

CASA DE SAUDE

DA

MARINHA DE GUERRA E MERCANTE,

DIRIGIDA

PELO DOUTOR A. J. PEIXOTO,

Cáes da Gambôa n. 159.

ATTESTADO DE OBITO.

Certifico que Paolo escravo do Sr. Jozé Maria de Mendonça natural d'africa ——— idade 35 annos, profissão escravo — residente na punta de cajú Nº 51 — estado solteiro — enfermidade hernia estrangulada — duração em minha casa um dia tratado pelo systema medico racional sanccionado pelas Faculdades de Medicina, falleceu hoje pelas 4 horas da tarde.

Rio de Janeiro, 2 de Março de 1850

O Director,

Fonte: Coleção Brasiliana Itaú (2020.)

O atestado acima certifica o óbito de Paolo, 35 anos, solteiro, e escravo de Jozé Maria de Mendonça. Natural da África e residente na Ponta do Caju, número 51. A Ponta do Caju era uma região do Rio de Janeiro onde havia atividades portuárias e provavelmente moradias de pessoas escravizadas. A causa da morte foi hernia estrangulada. O atestado informa que a doença durou um dia e que Paolo foi tratado pelo sistema médico racional, sancionado pelas Faculdades de Medicina. Apesar do tratamento médico da época, Paolo não resistiu. O documento possui a assinatura do Diretor da Casa de Saúde, cujo nome não está totalmente legível, mas parece ser “Elicio”. Há também carimbos da instituição no topo do documento, indicando sua oficialidade.

Este atestado de óbito é um documento histórico valioso, que nos oferece um vislumbre da realidade da escravidão no Brasil do século XIX. Ele explicita a desumanização da pessoa escravizada. Paolo é identificado primariamente por sua condição de escravo, antes mesmo de seu nome próprio. Sua origem africana é mencionada, reforçando a ideia de sua condição de propriedade. O registro formal, feito por uma instituição de saúde, pode indicar a necessidade de controle e registro da população, inclusive a escravizada.

Pensando nisso é que não podemos tratar o poema em análise como uma notícia de jornal, “corriqueira”, ainda que diante da esmagadora violência contra a população negra-brasileira nos dias atuais. Afinal, os versos “A certidão de óbito, os antigos sabem” (3.6) já nos colocam em um lugar de memória ancestral, de um conhecimento passado de geração para geração. Essa certidão de óbito não é um documento isolado, mas algo que os antigos conhecem, sugerindo uma experiência coletiva e duradoura de perda e morte.

Partindo desse pressuposto, a questão que emerge é intrigante: se a certidão de óbito é um documento replicável, por que o eu-lírico afirma que a causa das mortes atuais remonta aos negreiros? “veio lavrada desde os negreiros.” (3.7). Não haveria outras origens possíveis, outras certidões a serem lavradas? Em primeiro lugar, infere-se que a certidão só pode ser emitida após o atestado de óbito; em segundo lugar, o atestado de óbito já foi certificado desde a época dos navios negreiros; logo, a imagem dos negreiros evoca, imediatamente, o horror da escravidão, o tráfico de seres humanos e a violência brutal que ele representa.

A ideia de que a “certidão de óbito” foi lavrada desde esse período sugere que a morte, a perda de identidade e a violência contra os negros-brasileiros de hoje são inerentes à experiência da escravidão de seus antepassados e continuam a reverberar no presente, como o estigma que se manifesta de diversas formas, impactando a vida dos afrodescendentes em todas as esferas da sociedade. Assim, o poema de Conceição Evaristo (2017) não tem como objetivo primário apenas denunciar os fatos inegáveis do presente, mas também a origem de um passado sujo que deve e precisa ser denunciada.

Contudo, a certidão de óbito, que veio lavrada desde os negreiros, só pôde ser direito do negro e pobre séculos após a escravização. Assim, mesmo nosso país tendo diversas Constituições desde sua independência, apenas na Constituição Federal de 1988 foi prevista a gratuidade da certidão de óbito a esta parte da população (Brasil, 2024). Ao que tudo indica, os incontáveis negros que chegaram e depois morreram no Brasil foram enterrados como indigentes.

Nesse propósito, a figura 9 abaixo traz, a partir de uma interpretação artística do poema *Certidão de Óbito*, de Conceição Evaristo (2017), uma declaração da violência histórica e contínua contra os afrodescendentes. Ao visualizar o atestado de óbito do escravo Paolo e compará-lo à pintura feita desde a certidão de óbito descrita no poema, ratifica-se um cenário carregado de crueldade, sofrimento e opressão. Mais ainda, pode-se inferir que a artista Sissi Guimarães Rodrigues (2023) evoca a tragédia da escravidão. A representação do navio negreiro no que seria o corpo da certidão de óbito é uma metáfora pungente.

Figura 9 – Ilustração do poema Certidão de óbito

Fonte: Acervo pessoal de Sissi Guimarães Rodrigues (2023)

O navio, símbolo da violência do tráfico transatlântico, torna-se a própria certidão, atestando a morte física e simbólica de milhões de africanos escravizados. As “pintinhas de sangue”, espalhadas na pintura, reforçam essa ideia de violência extrema, de vidas ceifadas e de um legado de dor que mancha a história deste país. Com efeito, a escolha de apresentar essa cena dentro da moldura atual de uma certidão de óbito é particularmente significativa. Isso acontece, pois, um documento que formaliza a morte de um indivíduo é aqui expandido para simbolizar a morte coletiva e a contínua morte social imposta à população negra ao longo da história. A certidão, que deveria ser um registro individual, torna-se um atestado da violência estrutural e coletiva do genocídio dessa população.

Assim, na terceira e última estrofe, onde se lê "A terra está coberta de valas / e a qualquer descuido da vida / a morte é certa. / A bala não erra o alvo, no escuro / um corpo negro bambeia e dança. / A certidão de óbito, os antigos sabem / veio lavrada desde os negreiros" (3.8-14), o eu-lírico relembra a terra coberta de valas, possivelmente referindo-se às milhares de mortes dos seus antepassados escravizados. A despeito disso, Laura Souza (2012, p. 58-59) discorre:

> Antes mesmo de embarcarem nos navios negreiros, os africanos eram marcados a fogo com uma cruz no peito. A travessia para as América, e particularmente para a colônia brasileira, ocorria sob formas degradantes. Nas embarcações destinava-se ao cativo um espaço mínimo. Eram organizados de forma que coubesse o maior número de africanos (em geral sentados ou deitados retilineamente), sendo péssimas as condições de higiene. As epidemias eram comunas nas primeiras viagens e muitos sucumbiam às doenças.

Por analogia, aludindo à fala de Souza (2012), a obra de Sissi Guimarães Rodrigues (2023) ao traduzir o poema em imagem nos convida a confrontar a brutalidade do passado e a refletir sobre como esse passado continua a moldar o presente e a impactar a vida da população negra brasileira. Desse modo, a imagem é um lembrete visual da ferida aberta na escravidão e da urgência de combater o racismo e a desigualdade dos dias atuais. Porquanto, ainda hoje, "A terra está coberta de valas" (3-1); embora não seja uma descrição literal, a hipérbole transmite a sensação de uma violência generalizada e de inúmeras perdas. "e a qualquer descuido da vida / a morte é certa. / a bala não erra o alvo, no escuro / um corpo negro bambeia e dança." (3-2) (3-2-5). A descrição do corpo caindo, após ser atingido por uma bala, como "bambeia e dança" atenua a brutalidade da cena, através do eufemismo, embora a ironia entre morrer e dançar a torne ainda mais impactante.

Apesar de ser um poema curto, *Certidão de Óbito* carrega a escrevivência de Conceição Evaristo (2017), que, representando a coletividade negra, utiliza uma linguagem poética, ativa e sensível para retratar a realidade da mulher negra. Marginalizados em vida e após a morte, validar a luta e o enfrentamento da população que confronta as desigualdades sociais e raciais são caminhos que o eu-lírico percorre. Através do poema, a autora nos convida a refletir sobre a forma como tratamos os indivíduos mais vulneráveis da sociedade, questionando os sistemas de opressão e chamando atenção para a necessidade de justiça e igualdade. É um poema que traz à tona questões sociais urgentes e nos convida a repensar nossas atitudes e valores.

Vozes-mulheres e *Certidão de óbito* são, pois, dois poemas nos quais se projetam os percursos do olhar sobre as vozes, os corpos, as terras, os navios e as balas que transitam pela-além escritura literária de Conceição Evaristo (2017). Desde uma forma poética dinâmica e heterogênea, os conteúdos desses poemas, assim como outros da coletânea, pautam

discursivamente fragmentos, trajetórias e perspectivas de vida que se encontram na confluência e contraponto da solidariedade quanto ao sofrimento, à violência e à resistência.

Os textos poéticos-éticos-políticos da autora mineira, conforme consta da epígrafe da abertura deste tópico, são territórios da palavra a partir dos quais é "preciso recordar". Mas esse ato de revisitar o passado, o presente e o futuro das lutas, resistências e esperanças de transformação não necessitam ser guiados pelo medo, pela busca de certezas e por respostas prontas. Ao contrário, esse retorno crítico às imagens, aos discursos e aos estigmas produzidos sobre o povo negro acontece desde a cartografia provisória dos percursos do olhar do eu-lírico dos dois poemas de Conceição Evaristo (2017).

Os percursos da luta, da resiliência e da agência crítica acontecem por meio da interpelação, dúvida e afirmação dialógica do eu-lírico da autora mineira, o qual tensiona "os fundos oceanos" da marginalização, subalternização e silenciamento das escrevivências da mulher afrodescendente. Esse tensionamento, expresso em uma forma poética diversa, alcança densidade estética-política no grito das mulheres afrodescendentes. É o olhar delas que movimenta a reinterpretação dos mapas literários e culturais, afrontando as fronteiras da escritura para traduzir os traumas, as tramas e travessias da alteridade feminina negra.

Os dois eu-líricos de Conceição Evaristo (2017) performam, portanto, percursos de um olhar ancestral que convida a escutar outros sons, ritmos e versos de mulheres na-além Brasil, como veremos no próximo tópico.

3.3 Sons do corpo em Conceição Lima

> Eu cantarei em pranto teu regresso sem idade
> teu retorno do exílio na saudade
> cantarei sobre a terra teu destino de rebelde
> (Lima, 2006, p.41.)

Chegamos ao nosso terceiro destino. Em viagem internacional, aportamos na formosa ilha de São Tomé e Príncipe. Nesse itinerário, a literatura será a ponte que nos ajudará a atravessar o oceano atlântico. Deste modo, dialoga-se agora com os poemas da ilustre escritora africana Conceição Lima. Esses se encontram na obra intitulada *A dolorosa Raiz do Micondó* (2006), a saber: I. *Canto obscuro às raízes* e II. *A mão*.

A obra *A dolorosa raiz do Micondó* (Lima, 2006) tem como uma das temáticas principais o resgate do passado tanto ao revisitar suas origens quanto ao reconstruir

poeticamente a história de um país marcado pela ação colonialista e pela escravidão. Nesta obra, Conceição Lima (2006) manifesta vozes negras pautadas em versos de caráter nacional e anticolonialista, constituídos por denúncias social e racial, no que tange à infausta exploração do período colonial. O que se compreende, a partir da tessitura textual da autora, é que a literatura são-tomense vem demonstrando, a cada dia, o vigor de uma escrita com dupla nascença, versada em contemporaneidade e historicidade.

Em sua poesia, Conceição Lima (2006) utiliza a metáfora do corpo. Assim, mãos, ventre, útero e coração são elementos ativos nos seus versos. Através do eu-lírico, a autora transforma a pátria em "mãe" – a mátria, que é também um dos grandes temas de sua obra. A mãe África subverte o legado do patriarcado, do colonialismo, na figura de um eu-lírico que deseja renascer. Não por acaso, a poesia dessa autora são-tomense atravessa as possibilidades que o mundo empírico, o mundo lógico dar ao ser, ao figurar um processo de constante transcendência por meio da linguagem. Desse modo, um ser com várias limitações, a partir de caminhos forjados, de histórias, culturas forjadas por uma classe dominante, encontra na poesia sua libertação. A poesia, por conseguinte, constitui-se como uma parte de transgressão da realidade.

A palavra que transforma e tem poder é uma constante nos escritos de Conceição Lima (2006), a qual, desde a mais tenra idade, sabe muito bem dessa potência da literatura. Por isso, em *A dolorosa Raiz do Micondó*, ela maneja a língua em seu favor e a favor do seu povo. Assim, seus poemas revelam a Mátria – mãe que chora, lágrimas perenes de seus filhos perdidos. "Micondó", nome são-tomense do embondeiro ou imbondeiro, é uma árvore considerada sagrada no continente africano. Visto como centenário e imponente, este servia de sombra para os escravizados que, arrastados de um lado para outro, fatigavam-se das longas viagens. A árvore era usada como abrigo em várias situações e é conhecida por sua enorme resistência. Seu tempo de vida é de até 6.000 (seis mil) anos e sua altura pode alcançar até os 30 metros. A figura 10 abaixo traz uma representação da capa da obra *A dolorosa raiz do Micondó*, ilustrada por Loren Ester Menezes Nascimento (2023).

Figura 10 – Ilustração de A dolorosa raiz do Micondó

Fonte: Acervo pessoal de Loren Ester Menezes Nascimento (2023), baseada em Lima (2006).

Aludindo à metáfora do imbondeiro, concebe-se que, sendo essa árvore tão velha e sábia, faz sentido o eu-lírico investigar suas raízes a partir dela. A árvore, que marca paisagem do continente africano e inspira lendas, é considerada um símbolo nacional, citado também nas narrativas de outros autores africanos, como Mia Couto. Ela pode ser chamada de forma diferente em Angola, Moçambique, Senegal e Madagascar. Uma de suas características marcantes é que não se agita com os fortes ventos por ter folhas na altura devida. Ao florescer somente uma vez ano, o imbondeiro corrobora com a luta dos povos afrodescendentes, ao sinalizar que, para florar, precisa primeiro resistir, num ato incisivo de resgate e canto obscuro às raízes.

Canto obscuro às raízes

Em Libreville
não descobri a aldeia do meu primeiro avô.

Não que me tenha faltado, de Alex,

A visceral decisão.
Alex, obstinado primo
Alex, cidadão da Virgínia
que ao olvido dos arquivos
e à memória dos GRIOTS Mandinga
resgatou o caminho para Juffure,
a aldeia de Kunta Kinte –
seu último avô africano
primeiro na América.

Digamos que o meu primeiro avô
meu último continental avô
que da margem do Ogoué foi trazido
e à margem do Ogoué não tornou decerto

O meu primeiro avô
que não se chamava Kunta Kinte
mas, quem sabe, talvez Abessole
O meu primeiro avô
que não morreu agrilhoado em James Island
e não cruzou, em Gorée, a porta do inferno

Ele que partiu de tão perto, de tão perto
Ele que chegou de tão perto, de tão longe

Ele que não fecundou a solidão
nas margens do Potomac

Ele que não odiou a brancura dos algodoais

Ele que foi sorvido em chávenas de porcelana
Ele que foi compresso em doces barras castanhas
Ele que foi embrulhado em chiques papéis de prata
Ele que foi embalado para presente em caixinhas

O meu concreto avô
que não se chamava Kunta Kinte
mas, talvez, quem sabe, Abessole

O meu oral avô
não legou aos filhos
dos filhos dos seus filhos
o nativo nome do seu grande rio perdido.

Na curva onde aportou
a sua condição de enxada
no húmus em que atolou
a sua acossada essência
no abismo que saturou
de verde a sua memória
as águas melancolizam como fios
desabitadas por pirogas e hipopótamos.

São assim os rios das minhas ilhas
e por isso eu sou a que agora fala.

Brotam como atalhos os rios
da minha fala
E meu trazido primeiro avô
(decerto não foi Kunta Kinte,

Porventura seria Abessole)
não pode ter inventado no Água Grande
o largo leito do seu Ogoué.

Disperso num azul sem oásis
talvez tenha chorado meu primeiro avô
um livre, longo, inútil choro.

Terá confundido com um crocodilo
a sombra de um tubarão.

Terá triturado sem ilusão
a doçura de um naco de mandioca.
Circunvagou nas asas de um falcão.

Terá invejado a liquidez de caudas e barbatanas
enquanto o limo dos musgos sequestrava os seus pés
e na impiedosa lavra de um vindouro tempo
emergia uma ambígua palavra
para devorar o tempo do seu nome.

Aqui terá testemunhado
o esplendor do pôr-do-sol, o luar, o arco-íris.
Decerto terá pressentido a calidez dos pingos
nas folhas das bananeiras
E terá sofrido no Equador o frio da Groelândia.

Mas não legou aos estrangeiros filhos
e aos filhos dos filhos dos estrangeiros filhos
o nativo nome do seu grande rio perdido.

Por isso eu, a que agora fala,
não encontrei em Libbreville o caminho para a aldeia de Juffure.

Perdi-me na linearidade das fronteiras.

E os velhos GRIOTS
os velhos GRIOTS que detinham os segredos
de ontem e de antes de ontem
Os velhos GRIOTS que pelas chuvas contavam
a marcha do tempo e os feitos da tribo

Os velhos GRIOTS que dos acertos e erros
forjavam o ténue balanço

Os velhos GRIOTS que da ignóbil saga
guardavam um recto registo

Os velhos GRIOTS que na íris da dor
plantaram a raiz do Micondó
partiram
levando nos olhos o horror
e a luz da sua verdade e das suas palavras.

Por isso eu que não descobri o caminho para Juffure
eu que não dançarei sobre o pó da aldeia do meu primeiro avô
meu último continental avô
que não se chamava Kunta Kinte mas, talvez, quem sabe, Abessole

Eu que em cada porto confundi o som da fonte submersa

encontrei em ti, Libreville, o injusto património a que chamo casa:
estas paredes de palha e sangue entrançadas,
a fractura no quintal, este sol alheio à assimetria dos prumos,
a fome do pomar intumescida nas gargantas.

Por isso percorri os becos
as artérias do teu corpo
onde não fenecem arquivos
sim palpita um rijo coração, o rosto vivo
uma penosa oração, a insana gesta
que refunda a mão do meu pai
transgride a lição de minha mãe
e narra as cheias e gravanhas, os olhos e os medos
as chagas e desterros, a vez e a demora
o riso e os dedos de todos os meus irmãos e irmãs.

Que nenhum idioma nos proclame ilhéus de nós próprios
vocábulo que não és
Mbanza Congo
mas podias ser
Que não és Malabo
poderias ser
Que não és
Luanda
e podias ser
Que não és
Kinshasa
nem Lagos
Monróvia não és, podias ser.
Nascente e veia, profundo ventre
conheces a estrutura que sabota os ponteiros:
novos sobas, barcos novos, o conluio antigo.

E consomes a magreza dos celeiros
num bazar de retalhos e tumultos
Petit Paris!
onde tudo se vende, se anuncia
onde as vidas baratas desistiram de morrer.

Medram quarteirões de ouro
nos teus poros – diurnos, desprevenidos.
Medra implacável o semblante das mansões
Medram farpas na iníqua muralha
E um taciturno anel de lama em seu redor.

A chuva tem agora a cadência de um tambor
outro silêncio se ergue
no vazio dos salões das coiffeuses.

E no rasto do tam-tam revelarei
o medo adolescente encolhido nas vielas
beberei a sede da planta no teu grão.

Eu que trago Deus por incisão em minha testa
e nascida a 8 de Dezembro
tenho de uma madona cristã o nome.

A neta de Manuel da Madre de Deus Pereira dos Santos Lima
que enjeitou santos e madre
ficou Manuel de Deus Lima, sumu sun Malé Lima

Ele que desafiou os regentes intuindo nação –
descendente de Abessole, senhor de abessoles.

Eu que encrespei os cabelos de san Plentá, minha três vezes avó
e enegreci a pele de san Nôvi, a soberana mãe de meu pai.

Eu que no espelho tropeço
na fronte dos meus avós.

Eu e o temor do batuque da puíta
o terror e fascínio do cuspidor de fogo

Eu e os dentes do pawen que da costa viria me engolir
Eu que tão tarde descobri em minha boca os caninos do antropófago.

Eu que tanto sabia mas tanto sabia
de Afonso V o chamado Africano
Eu que drapejei no promontório do Sangue
Eu que emergi no paquete Império
Eu que dobrei o Cabo das Tormentas
Eu que presenciei o milagre das rosas
Eu que brinquei a caminho de Viseu
Eu que em Londres, aquém de Tombuctú
decifrei a epopeia dos fantasmas elementares.

Eu e minha tábua de conjugações lentas
Este avaro, inconstruído agora
Eu e a constante inconclusão do meu porvir

Eu, a que em mim agora fala.

Eu, Katona, ex-nativa de Angola
Eu Kalua, nunca mais em Quelimane
Eu, nha Xica, que fugi à grande fome
Eu que libertei como carta de alforria
Este dúbio canto e sua turva ascendência.

Eu nesta lisa, escarificada face
Eu e nossa vesga, estratificada base
Eu e a confusa transparência deste traço.

Eu que degluti a voz do meu primeiro avô
que não se chamava Kunta Kinte
mas, talvez, quem sabe, Abessole

Meu sombrio e terno avô
Meu inexorável primeiro avô
Que das margens do Benin foi trazido
e às margens do Benin não tornou decerto

Na margem do Calabar foi colhido
e às águas do Calabar não voltou decerto

Nas margens do Congo foi caçado
e às margens do Congo não tornou decerto

Da nascente do Ogoué chegou um dia
e a foz do Ogoué não voltou jamais.

Eu que em Libreville não descobri a aldeia

do meu primeiro avô
meu eterno continental avô

Eu, a peregrina que não encontrou o caminho para Juffure
Eu, a nómada que regressará sempre a Juffure.
(Lima, 2006, p.11-19)

O poema *Canto obscuro às raízes*, da autora são-tomense Conceição Lima (2006), está inserido na segunda antologia poética da autora, intitulada *A Dolorosa Raiz do Micondó*. Essa antologia foi publicada em 2006 pela editora Caminho de Lisboa, contendo vinte e sete poemas, com temática de natureza genealógica; resgate de memórias familiares; violência causada pela colonização; e o sofrimento dos ancestrais da poeta, que, primeiramente, foram cativos de outras partes do continente africano para o arquipélago são-tomense, e, depois, distribuídos como mercadorias a serem escravizados em outras terras**.**

O poema inicia com uma viagem a cidade de Libreville, capital do Gabão. Esta é a cidade mais próxima da ilha. Sendo uma das maiores capitais do continente africano, Libreville fora construída por escravos no período da colonização. Logo de início, numa parelha de versos, compreende-se a busca do eu-lírico por sua ancestralidade, a partir de raízes familiares e identidades. A viagem ao Gabão seria o ponto de partida na investigação do paradeiro do primeiro avô, mas ao longo do poema tal possibilidade é esvaída, mesmo diante das inúmeras tentativas, pois, conforme os primeiros versos, "Em Libreville / não descobri a aldeia do meu primeiro avô" (1.1-2).

Ao analisar os poemas da autora, compreende-se que a metáfora da casa e dos corpos e os relatos de itinerários e náufragos são elementos cruciais em sua poética. Ao explorar esses conceitos, podemos desvelar camadas profundas da sua obra e compreender melhor a sua visão de mundo, voltada para a identidade e o pertencimento. A casa, além de ser um espaço físico, representa a identidade, a memória e o sentido de pertencimento. Ao falar em "casa e corpos", Conceição Lima (2006) nos convida a refletir sobre como nossos corpos carregam as marcas de nossas histórias e de onde viemos.

Os itinerários e os náufragos, também explorados em sua escrita, evocam a ideia de jornada, de movimento e de transformação, sendo um convite para a reflexão sobre a fragilidade da vida e a capacidade de resiliência do ser humano. A poeta utiliza essas imagens para falar sobre as experiências de migração, de exílio e de busca por um lugar de pertencimento. Com perdas e recomeços, o naufrágio simboliza a ruptura e a necessidade de recomeçar, realocar-se e reintegrar-se, ainda que em outro Estado-nação.

A ancestralidade, temática também encontrada na escrita de Evaristo (2017), é um elemento marcante na tessitura de Conceição Lima (2006). Assim, há esboçada em seus versos

uma ligação com a terra natal, figurada através da memória da família que passou pela escravidão na figura do último avô escravo. “O meu primeiro avô / que não se chamava Kunta Kinte / mas, quem sabe, talvez Abessole” (4.17-19). A saudade do primeiro avô reflete o desejo de conhecer mais a cultura e as tradições dos seus antepassados – muitas até caídas no esquecimento –, como também de ouvir dele (avô) uma outra versão das diásporas negras.

A memória e o esquecimento falam sobre nossas experiências, como a construímos e como lidamos com o passado. Desse modo, ao relembrar um passado longe – lá do período colonial, o eu-lírico insiste na busca e no resgate de sua identidade/da identidade do seu povo. Observando o percurso do avô, “[...] que partiu de tão perto, de tão perto / [...] que chegou de tão perto, de tão longe” (5.23-24), o eu-lírico figura esse deslocamento entre culturas. A despeito disso, em seu Dicionário das Mobilidades Culturais, Raquel Bouvet (2010, p. 322) discorre:

> De outro, a errância, um percurso que se define, antes de tudo, pela ruptura, com um grupo ou um lugar, pela ausência do itinerário fixo, pelo caráter imprevisível do trajeto, flutuando ao sabor dos objetos encontrados no caminho. A errância pode se dizer respeito a um povo, obrigado a deixar seu território, até sua cidade, ou ainda um indivíduo isolado, abandonado em um universo sedentário ou nômade.

Nessa perspectiva, nos versos 13 a 16 da terceira estrofe, o eu-lírico desvela a origem, o ponto de partida do seu primeiro avô, que levado das margens do rio Ogoué não retorna à terra natal e ao seio da família. “Digamos que o meu primeiro avô / meu último continental avô / que da margem do Ogoué foi trazido / e à margem do Ogoué não tornou decerto” (3.13-16). Ora, encontrar o avô apenas com essa informação (levado da margem do Ogoué) era praticamente impossível, pois o rio Ogoué, tão grande em extensão, banha não somente o Gabão, mas também outros países do continente africano, como Congo, Guiné Equatorial e Camarões.

Nesse contexto, o eu-lírico relembra a terra natal, o que poderia ter sido sem a colonização, e enuncia com sua própria voz uma poética – a trajetória de seus antepassados, mostrando o que se perdeu com o processo colonizador. “Por isso eu que não descobri o caminho para Juffure / eu que não dançarei sobre o pó da aldeia do meu primeiro avô / meu último e continental avô / que não se chamava Kunta Kinte mas, talvez, quem sabe, Abessole” (27.92-95). Com tantas perdas identitárias e territoriais, perde-se também a tradição de batizar o filho com o nome do avô. O oral avô – que recebe tal codinome, pois remete à tradição oral de contar histórias – viu, ano após ano, o apagamento dessa tradição, uma vez que, com a colonização, a identidade nominal dos filhos da ilha, no qual tinha-se o nome nativo perpetuado

de geração a geração, foi pouco a pouco solapada, trocada pelo nome do colonizador. Pode-se, portanto, pensar que esta seria uma das mais dolorosas denúncias enunciadas no poema.

Em *Canto obscuro às raízes* (Lima, 2006), concebe-se que as construções identitárias do povo são-tomense descortinam que o processo de miscigenação destes não ocorreu apenas pela nação de Portugal, como muitos acreditam, mas também por outros países, a exemplo dos Estados Unidos da América. Desse modo, num contexto de consolidação histórica tardia do Estado São-tomense, os versos de Conceição Lima (2006) trazem consigo todo um anacronismo conceitual para a definição identitária unitarista, diametralmente diversa dos processos históricos dos povos africanos. Assim, a miscigenação que ocorreu por longos quinhentos anos é ressignificada em inúmeros processos, desde a cultura, crenças, valores, costumes e, como outrora já citado, na escolha de nomes sul-americanos. "Não que me tenha faltado, de Alex, /A visceral decisão. / Alex obstinado primo / Alex, cidadão da Virgínia [...]" (2.3-6).

Contudo, mesmo delatando as perdas, no desencadear dos versos o eu-lírico nos convida a embarcar num itinerário da memória, e a partir desse percurso conhecer melhor a África. No poema, pode-se apreender a grandeza da riqueza cultural africana, através dos ditos populares, os dialetos, o linguajar nativo. As estrofes tecidas trazem muitos elementos dessas construções, como o exemplo dos GRIOTS – espécie de contador de histórias – que preservaram e transmitiram as memórias aos seus descendentes por meio da oralidade, conforme os versos a seguir:

E os velhos GRIOTS
os velhos GRIOTS que detinham os segredos
de ontem e de antes de ontem
Os velhos GRIOTS que pelas chuvas contavam
a marcha do tempo e os feitos da tribo (22.80-84)

Os velhos GRIOTS que dos acertos e erros
forjavam o ténue balanço (23.85-86)

Os velhos GRIOTS que da ignóbil saga
guardavam um recto registo (24.87-88).

Aqui o eu-lírico faz o resgate de identidade do seu povo, a partir da figura dos anciões que povoaram a ilha.

Desse modo, através da historicidade, Conceição Lima (2006) expõe em seus versos uma poesia íntima, denunciativa, a partir de um eu-lírico que sofre no resgate das memórias coletivas de seu povo. Como se vê, nos versos da décima estrofe há uma denúncia no que tange às perdas das tradições passadas de pai para filhos e netos. "O meu oral avô / não legou aos filhos / dos filhos dos seus filhos" (10.35-38). Além das tradições, concebe-se que a própria condição humana, a dignidade deste, fora roubada, com a perda da essência e da memória. "Na

curva onde aportou / a sua condição de enxada / no húmus em que atolou / a sua acossada essência / no abismo que saturou / de verde a sua memória" (11.39-44).

Atentando-se ainda para a temática da historicidade, destaca-se no poema a origem do nome da própria autora, dado que, com a colonização, chegou também na ilha a religião, representada pelo Catolicismo. Nesse trecho da escrita, Conceição Lima (2006) revela que seu nome foi escolhido em homenagem a uma santa, assim como o nome do avô.

Eu que trago Deus por incisão em minha testa
e nascida a 8 de Dezembro
tenho de uma madona cristã o nome. (36. 154-156).

A neta de Manuel da Madre de Deus Pereira dos Santos Lima
que enjeitou santos e madre
ficou Manuel de Deus Lima
sumu sun Malê Lima
Ele que desafiou os regentes intuindo nação –
descendente de Abessole, senhor de abessoles (37. 157-162).

Nesse contexto, a cultura, os valores e principalmente a língua dos povos africanos foi cruelmente apagada, como destacado por Édouard Glissant (2005, p. 19): "[...] as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas no navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua".

Por fim, depois de tanto procurar, após muitas andanças e inquirições, nos últimos versos do poema conclui-se que o eu-lírico retoma a conclusão inicial, quando diz que: "Eu que em Libreville não descobri a aldeia / do meu primeiro avô / meu eterno continental avô" (1.1-2; 2.3). Ao longo de todo o poema, compreende-se que o povo negro busca conhecer sua identidade para se reconectar com suas raízes, história e cultura. Quando ele alcança tal conhecimento, fortalece sua autoestima, combate ao racismo.

Assim, o processo de reconstrução dessa íntima e dolorida história, que ocorre desde a independência, é um processo de empoderamento e valorização da própria história e ancestralidade. Conceição Lima (2006, p. 52) há muito compreendeu o poder da literatura nesse processo, como a metáfora do recomeço no poema: *A mão*, analisado a seguir:

A mão

Toma o ventre da terra
e planta no pedaço que te cabe
esta raiz enxertada de epitáfios.

Não seja tua lágrima a maldição
que sequestra o ímpeto do grão
levanta do pó a nudez dos ossos,
a estilhaçada mão
e semeia

girassóis ou sinos, não importa
se agora uma gota anuncia
o latente odor dos tomateiros
a viva hora dos teus dedos.

O poema *A Mão* (Lima, 2006?) nos convida a uma profunda reflexão sobre a capacidade humana de superar adversidades e cultivar a vida, mesmo em condições adversas. O poema curto, com apenas três estrofes e doze versos, traz a imagem da mão, a qual inicialmente parece frágil e marcada por sofrimento, que se transforma em um símbolo de resistência e esperança, conforme os versos 6 a 8 da 2° estrofe. "levanta do pó a nudez dos ossos / a estilhaçada mão / e semeia" (2.6-8).

Em sua poética, Conceição Lima (2006) sempre trouxe metáforas de casas e corpos; neste poema, a terra é tida como útero e sepultura. A imagem do "[...] ventre da terra" (1.1) evoca tanto a criação quanto a decomposição, sugerindo um ciclo eterno de vida e morte. A "[...] raiz enxertada de epitáfios" (1.3) indica que a terra carrega a memória dos ancestrais e as marcas do passado. No quarto verso da segunda estrofe, a mão pode ser vista também como instrumento de criação e transformação. A mão, apesar de estar "estilhaçada", é capaz de semear a vida. Ela representa a força do trabalho, a capacidade de transformar a dor em criação e a esperança de um futuro melhor.

Na segunda estrofe, o eu-lírico tensiona na escolha entre a lágrima e a semente numa busca de equilíbrio entre chorar e lamentar o passado, e plantar no presente para colher no futuro. "Não seja tua lágrima a maldição / que sequestra o ímpeto do grão" (2.1-2). A lágrima simboliza a tristeza, a resignação e a incapacidade de agir. A semente, por sua vez, representa a esperança, a ação e a vontade de construir um novo futuro. A escolha por semear, mesmo em meio às dificuldades, é um ato de resistência e afirmação da vida, que a autora reitera diversas vezes em suas poesias.

No poema, a natureza desponta como fonte de cura e renovação, o que lembra a exuberante terra de Conceição Lima. Na terceira estrofe, "girassóis ou sinos, não importa" (3.1). Os "girassóis" e os "sinos" são símbolos de positividade, beleza e esperança. A imagem do "o latente odor dos tomateiros" (3.3) evoca a promessa de uma nova colheita, de frutos que brotarão da terra. De modo geral, *A Mão* é um poema que celebra a força do espírito humano, especialmente do povo negro escravizado, que enfrentou árduas batalhas para superar as adversidades impostas pela escravidão e colonialismo. A imagem da mão que semeia, mesmo em condições difíceis, é uma metáfora poderosa para a resistência, a resiliência e a capacidade

de transformar a dor em criação. O poema nos convida a olhar para o passado com respeito, mas a direcionar nossos esforços para construir um futuro mais promissor.

O poema *A mão* se encaixa na temática recorrente da obra de Conceição Lima (2006), que busca explorar a identidade, a memória e a experiência do povo de São Tomé e Príncipe. Nesse objetivo, a imagem da mão que semeia pode ser relacionada à luta pela independência. Ou seja, essa luta se revela num trabalho contínuo pós-colonialismo e representa a árdua tarefa de edificar; criar estruturas sociais, políticas e culturais para um país com escassos recursos.

Logo, a mão que semeia de modo manual, e até paulatino, não desiste de nutrir o futuro, plantando as sementes da soberania. A semeadura também carrega a esperança da construção de uma nova nação e a busca por um futuro mais justo e igualitário. Essa ação de cultivar os valores da justiça visa construir uma sociedade são-tomense onde todos os cidadãos possam colher de modo equitativo os frutos do desenvolvimento e da dignidade.

Canto obscuro às raízes e *A Mão* (Lima, 2006) são poemas que, embora distintos em extensão e tom, convergem para a complexa temática da memória ancestral africana, da diáspora e da resistência identitária, elementos centrais da literatura afrodescendente e da poética da negritude. As fricções aqui emergem do confronto entre o passado fragmentado e a necessidade de reconstrução e afirmação no presente. Em *Canto Obscuro às Raízes*, a poeta embarca em uma peregrinação identitária em busca do avô africano, cuja ausência e o trauma da diáspora ressoam profundamente. O poema é uma complexa tessitura de negações que, paradoxalmente, afirmam a profundidade da perda e a busca incessante pelas raízes. A fricção manifesta-se na tensão entre o desejo de reconexão e linearidade das fronteiras, impostas pela história colonial, que levaram à perda dos "velhos GRIOTS" e de seus segredos.

Lima (2006) encontra uma forma de casa no injusto patrimônio de Libreville, ressignificando a dor em força e transformando o lamento em um canto de ancestralidade viva e de esperança de uma comunidade que transcende as fronteiras geográficas. A fricção final surge na dualidade da própria voz poética: "Eu, a peregrina que não encontrou o caminho para Juffure" (57. 1) / "Eu, a nómada que regressará sempre a Juffure" (57.2), indicando que a busca é contínua e a identidade é forjada nesse movimento.

A Mão, por sua vez, é um poema de concisão e imperativo, que sintetiza a ação de resistência e semeadura. Aqui, a fricção se dá entre a dor do passado "raiz enxertada de epitáfios" (1.3), e o imperativo de agir no presente e no futuro "Toma o ventre da terra e planta" (1.1-2). A "mão", símbolo de trabalho, criação e resistência, é o ponto central. A ausência da história oral e do nome ancestral em *Canto Obscuro às Raízes* encontra sua resposta em *A Mão* através da ação de plantar e reconstruir. A gota que anuncia "o latente odor dos tomateiros"

(3.11) e a "viva hora dos teus dedos" (3.12) simbolizam a fertilidade e a continuidade, mesmo após a devastação.

Em síntese, os pontos centrais que conectam esses dois poemas encaminham a discussão para o fechamento do último tópico deste capítulo. Isto é, a urgência da memória e da reconstrução da identidade afrodescendente. A fricção entre a dor da perda e a potência da reconstrução é o motor que impulsiona a escrevivência das autoras em estudo.

3.4 Fricções de-entre poemas em rotação

As literaturas são um vasto palco onde vozes ecoam, se encontram e, por vezes, colidem. Quando observamos as obras e os poemas de Cibele Resende (2021) – *Poemas de uma mulher preta* e *Estupro* – e Conceição Evaristo (2017) – *Vozes-Mulheres* e *Certidão de Óbito* –, em diálogo com a poética de Conceição Lima (2006) nos poemas *Canto Obscuro às Raízes* e *A Mão*, somos imersos em um campo de fricções e rotações que revelam os complexos mundos hibridizados pós-escravidão e pós-colonialismo.

Nesse contexto, a Literatura Comparada já citada como uma ferramenta indispensável para desvendar as tessituras e os pontos de contato entre esses universos poéticos, nos direciona no que tange à análise entre as similaridades e distinções dos-entre os textos das autoras, revelando que os poemas afrodescendentes não se prendem a um *lócus* fixo, pois se encontram constantemente em rotação. A saber, são atravessados por transformações, reconversões e ressonâncias que proporcionam outras possibilidades de leitura comparada dos textos literários, possibilitando gestos de pesquisa mais solidários ao que há de "próprio e comum" dos-entre os poemas aproximados.

Esta perspectiva comparatista na análise das obras de Cibele Resende (2021), Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006) indica que os poemas dessas autoras compartilham um profundo compromisso com a memória e a resistência.

Em Cibele Resende (2021), a identidade da "mulher preta" é afirmada com uma força visceral, expondo as cicatrizes do "estupro", quando o corpo feminino negro é sexualmente explorado. Tanto o ato físico quanto as violências simbólicas e históricas sofridas por corpos negros denunciam opressões morais, sexuais e sexistas, tendo o colonizador como opressor em um eixo central.

Em Conceição Evaristo (2017), por sua vez, elevam-se as "vozes-mulheres" a um coro potente, tecendo um lirismo desde vozes silenciadas ao longo de gerações, cuja geração atual

não quer se calar. Em seu poema *Certidão de Óbito*, que não apenas registra a morte, mas também a vida e a luta daqueles que a sociedade exterminou, concebe-se a escrevivência da autora, que protagoniza em sua essência afrodescendente uma escrita que pulsa como ato de reexistência. Ao abordar a questão da morte e a forma como as pessoas negras são tratadas após falecerem, principalmente por serem tão marginalizadas e negligenciadas pela sociedade, Evaristo questiona a atuação dos poderes políticos vigentes, fazendo uma reflexão sobre a importância de reconhecer a dignidade da pessoa humana de cada indivíduo.

Nesse contexto, Conceição Lima (2006), em seus *Cantos Obscuros às Raízes* e na imagem da "mão", mergulha na ancestralidade e na construção de um futuro para São Tomé e Príncipe. A mão que semeia e os cantos obscuros trazem a memória de um passado marcado pela colonização e escravidão, mas também a resiliência e a esperança de um povo que se reconecta com suas origens para forjar um novo caminho.

As fricções entre esses poemas não são necessariamente de oposição, mas de encontro e tensionamento. Elas emergem da forma como cada autora lida com a dor, a memória e a esperança. A rotação dos mundos hibridizados e a escravidão se manifesta na exploração das identidades que foram forjadas nesse caldeirão de culturas e violências. A herança da escravidão e o legado colonial impuseram uma desterritorialização e uma fragmentação de identidades. No entanto, esses poemas demonstram que, a partir dessas fraturas, nasceram novas formas de ser e de resistir. Há uma rotação constante entre o passado traumático, um presente que clama por justiça e reconhecimento, e um futuro que busca reparação e construção.

A "mulher preta" de Cibele Resende, as "vozes" de Conceição Evaristo e as "raízes" de Conceição Lima convergem na necessidade de recontar a história a partir de perspectivas marginalizadas, desfazendo as narrativas hegemônicas que, por muito tempo, ocultaram a riqueza e a complexidade das culturas africanas e afrodiaspórica. São poemas que, em suas fricções e rotações, giram em torno da reafirmação da dignidade humana e da construção de futuros mais justos e equitativos. Desse modo, esses poemas, em diálogo, apontam a potência das literaturas escritas por mulheres negras como espaço de cura, memória e transformação social. Isso nos convida a explorar as confluências e fricções entre vozes, percebendo que a poesia afrodescendente está em um perpétuo ciclo de (re)criação e deslocamento.

Nesse processo de (re)criação e rotação dos imaginários, os poemas de Cibele Resende (2021), Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006) tecem os ritmos da voz, os percursos do olhar e os sons do corpo de excluídos de hoje e outrora. Por meio de textos nos quais emerge uma poderosa crítica social ao extermínio feminino negro, os poemas dessas autoras friccionam pontos de vistas, histórias e testemunhos do povo afrodescendente.

Sendo assim, ler, estudar, ensinar, analisar, interpretar e comparar esse mundo poético na-além sala de aula é, em síntese, tomar as literaturas dessas mulheres negras como um caminho ético-político-crítico para reconhecer, fomentar e defender a perspectiva de que "é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem, que, sendo minha, é também de todos" (Cosson, 2009, p. 16).

Portanto, concebendo que a leitura e escrita literária afrodescendente não são meras habilidades técnicas, mas sim um caminho para a emancipação individual e conscientização crítica sobre o uso da linguagem na sociedade, exploraremos, no próximo capítulo, as potencialidades pedagógicas dos poemas analisados e comparados, focando, especialmente, como a poesia da negritude das três autoras pode ser integrada e abordada no ambiente de ensino.

4 APRENDER POESIA: A POÉTICA DA NEGRITUDE COMO PROPOSTA DIDÁTICA

Incluir a poesia negra no currículo escolar é fundamental para descolonizar o ensino de literatura, que historicamente privilegiou autores brancos e eurocêntricos. Nesse capítulo, vamos apresentar a poética da Negritude como proposta didática para trabalhar a poesia feminina afrodescendente em sala de aula.

4.1 Condições para trabalhar a poética da negritude

O Dia da Consciência Negra, embora simbolize um importante marco na luta por igualdade racial no Brasil, ainda enfrenta desafios para ser plenamente incorporado ao cotidiano escolar. A concentração do estudo da literatura afrodescendente em uma única data revela a necessidade de um olhar mais amplo e crítico sobre a história e a cultura afrodescendente, que transcenda as datas comemorativas e se integre ao currículo escolar de forma mais consistente.

Nesse contexto, mostrar caminhos da consciência histórica, do papel dos negros e da afirmação no presente é possível a partir da literatura, e especialmente do poema. A despeito disso, Antonio Candido (2006, p. 27) escreve:

> Num texto literário há essencialmente um aspecto que é a tradução de sentido e outro que é a tradução do seu conteúdo humano, da mensagem por meio da qual um escritor, se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem [...] o que o artista tem a comunicar, ele o faz à medida que se exprime. A expressão é o aspecto fundamental da arte e, portanto, da literatura.

Considera-se que, na Literatura afrodescendente, essa forma de expressão do artista é um movimento literário que busca solidificar a representatividade e a experiência de autores(as) diaspóricos(as), ampliando perspectivas e promovendo a inclusão na literatura canonizada e posteriormente em sala de aula.

Para o professor ensinar a poesia em sala de aula, é necessário primariamente aprender poesia, visando, assim, que o aluno tenha acesso a essas literaturas e compreenda as diferentes direções que ela engloba. Contudo, reconhece-se que, antes de chegar às estantes das bibliotecas escolares, ou no planejamento dos professores de Língua Portuguesa, os livros de literatura passam por variados processos de seleção.

Tais processos são viabilizados por muitos fatores e podem estar isolados às vontades de uma classe e a seu poder aquisitivo, afetando significativamente a formação do leitor literário

na escola. Desse modo, busca-se, através destes modelos de propostas didáticas e pedagógicas, validar a perspectiva decolonial, que conforme, Goulart (2022, p. 68) "surge como uma opção epistemológica que resulta primeiramente de um questionamento pela alteridade".

4.2 A organização da proposta didática: sugestões

Para organizarmos as propostas didáticas de leitura literária dos poemas de Cibele Resende (2021), Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006), utiliza-se como base a teoria decolonial, que surge como uma crítica à tradição hegemônica do pensamento eurocêntrico, ao trazer reflexões que representam uma virada decolonial. Essas reflexões apontam para a diversidade epistêmica, ao opor-se ao paradigma linear das epistemes, estabelecido ao longo dos séculos. Ao dialogar com outras críticas e vivenciar uma *práxis* crítica e reflexiva, a teoria decolonial rompe com a antiga dependência intelectual e abre espaço para outras formas de conhecimento, como as narrativas escritas por povos subalternizados e marginalizados devido a questões étnico-raciais, econômicas, políticas e culturais.

De acordo com Goulart (2022, p. 64), "entendendo a literatura como um espaço que lida com múltiplas lutas simbólicas e cujo processo criativo permite compreender de modo mais abarcador a complexidade de um imaginário social", a teoria decolonial possibilita o(a) professor(a) atuar, em sala de aula, no processo de decolonização das práticas pedagógicas. Mais ainda, contribui para romper com a tradição eurocêntrica predominante no ensino de literatura, ao viabilizar que o(a) aluno(a) tenha acesso a outros conhecimentos e experiências que coexistem no espaço artístico, literário e cultural. Para Mignolo (2005, p. 23),

> En suma, 'un paradigma otro' en su diversidad planetaria está conectado por una experiencia histórica común: el colonialismo; y por un principio epistémico que ha marcado todas sus historias: el horizonte colonial de la modernidad. Esto es, la lógica histórica impuesta por la colonialidad del poder.

No campo literário, a experiência histórica comum a qual o autor se refere pode ser identificada a partir de narrativas e poéticas afrodescendentes de escritores(as) marcados(as) pela colonialidade. Em sala de aula, os textos desses(as) autores(as) potencializam os sentidos pedagógicos antirracistas-decoloniais. Conforme Walsh (2013, p. 25), através das "estrategias, prácticas y metodologías – las pedagogías – de lucha, rebeldía, cimarronaje, organización y acción [...]".

Desenvolver uma prática docente nessa direção é praticar a leitura de textos literários que contemplem, representem e ressignifiquem os percursos, os itinerários e as mobilidades destes povos cujas práticas de decolonialidade figuram as mestiçagens, os hibridismos e as transculturalidades como campos de debate na literatura, o que abre um leque de possibilidades para compreender a função da poesia na escola, por exemplo.

Considera-se o ensino de literatura em sala de aula através do uso da poesia feminina afrodescendente como instrumento para combater as lógicas racistas da colonialidade. Ao debater as práticas didático-pedagógicas, propõe-se pensar o ato de ensinar e aprender a partir de uma literatura que se constitui como lugar de promoção de uma educação literária decolonial e antirracista.

Os Quadros a seguir apresentam duas propostas didáticas, para turmas de Ensino Fundamental – 9º ano (Quadro 1) e Ensino Médio –1ºano (Quadro 2).

Quadro 1 – Proposta didática para turma de Ensino Fundamental (9º ano)

<table>
<tr><td colspan="4">UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CÂMPUS FLORESTA
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E LINGUAGENS</td></tr>
<tr><td colspan="4">SEQUÊNCIA DIDÁTICA</td></tr>
<tr><td>PROFESSORA:</td><td>COMPONENTE CURRICULAR:</td><td>ANO/SÉRIE:</td><td>TURMAS:</td></tr>
<tr><td>Rafaela Menezes Melo Nascimento</td><td>Língua Portuguesa e Literatura</td><td>9°ano</td><td>A e B.</td></tr>
<tr><td rowspan="2"></td><td>AULAS PREVISTAS:</td><td colspan="2">EXECUÇÃO:</td></tr>
<tr><td>06h/aulas</td><td colspan="2">9º ano A - 30/06 a 10/07
9º ano B - 30/06 a 10/07</td></tr>
<tr><td colspan="4">DESCRITORES</td></tr>
<tr><td colspan="4">D1 – Localizar informações explícitas em um texto.
D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
D4 – Inferir uma informação implícita em um texto.
D6 – Identificar o tema de um texto.
D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.
D12 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.
D13 – Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.
D14 – Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
D18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
D20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que eles foram produzidos e daquelas em que serão recebidos.</td></tr>
<tr><td colspan="4">OBJETIVOS/CAPACIDADES</td></tr>
<tr><td colspan="4">• C1 – Utilizar a linguagem oral de forma adequada, em diferentes situações comunicativas, respeitando os diferentes modos de falar.
• C2 – Ler, de modo autônomo e voluntário, textos correspondentes aos diversos gêneros previstos para o ano e desenvolver procedimentos adequados de estudo, considerando as especificidades de cada gênero.</td></tr>
</table>

- C3 – Utilizar, com propriedade, os conhecimentos sobre padrões da escrita sistematizados em situações de análise linguística.
- C4 – Produzir e revisar, de modo autônomo, textos correspondentes aos diversos gêneros previstos para o ano, ajustados a diferentes situações comunicativas, bem como textos de apoio à fala planejada adequados às necessidades de estudo, buscando qualidade no conteúdo e na forma – em relação à coerência, coesão e aos padrões normativos da língua.

CONTEÚDOS	
HABILIDADES	**OBJETOS DE CONHECIMENTO**
• Leitura em voz alta de textos literários diversos – como poemas. • Oralização de textos literários • Situações de aprendizagem nas quais o aluno possa exercitar a leitura expressiva, para que possa interpretar os sentimentos e emoções repassadas pelo texto literário e para que haja o desenvolvimento da fluência leitora, em que se identificam as pausas, o ritmo, a entonação etc. Para que não configure uma atividade isolada, e para que seja realizada de modo produtivo, sugere-se que o professor a associe a práticas como saraus, oficinas de criação artística, criação de vídeos para blogues nas redes sociais, entre outros.	Poema: "Vozes Negras" de Cibele Resende (2021)
• Situações de aprendizagem em que os alunos possam, a partir da participação em práticas de leitura, como as descritas no conteúdo, construir comentários sobre a estética e sobre o gosto ou não das obras apreciadas, e que justifique as suas escolhas, produzindo textos com juízos de valor. É importante ainda envolver os produtos culturais locais e de diferentes grupos sociais, a fim de combater preconceitos.	Poema: "Vozes-Mulheres" de Conceição Evaristo (2017)

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

AULAS 01 e 02 – POEMA "VOZES NEGRAS"

- **Objetivo Geral:** Possibilitar ao(à) aluno(a) uma educação antirracista a partir do acesso à leitura, interpretação e discussão da Literatura Afrodescendente.
- **Objetivos Específicos:**
- Trabalhar a leitura e interpretação com o poema "Vozes Negras", de Cibele Resende (2021);
- Refletir sobre a escravidão e o colonialismo e as profundas marcas deixadas por estes em nossa sociedade;
- Mitigar o racismo estrutural, a partir do protagonismo encontrado nos versos que evocam vozes de mulheres, homens e crianças, outrora silenciados.
- **Procedimentos Metodológicos:**

1º MOMENTO:

- **Roda de Conversa:** iniciar a aula com uma roda de conversa aberta sobre preconceito e racismo, convidando os(as) alunos(as) a compartilharem suas próprias experiências ou as de outras pessoas que testemunharam. É um momento para escuta ativa e empatia.
- **Introdução à Literatura Afrodescendente:** apresentar brevemente a autora e a temática do poema que trabalharemos, situando-o dentro de sua obra. O foco é familiarizá-los com o contexto da Literatura Afrodescendente.
- **Apreciação do Poema:** entregar a cada discente a cópia do poema para leitura individual e apreciação inicial.

- **Leitura colaborativa**: após leitura individual e silenciosa, iniciar a leitura colaborativa com pausas para questionamentos a despeito do poema, incentivando-os a refletirem sobre a temática abordada.
- **Discussão e Questionamento:** em seguida, abrir espaço para questionamentos sobre a literatura apresentada e a temática central do poema. Com comentários, como: solicito que vocês pensem criticamente sobre o que acabaram de ler.
- **Inspiração Visual:** para enriquecer a experiência, mostrarei vídeos de outros jovens e adolescentes recitando o mesmo poema. Isso pode trazer novas perspectivas e inspirações aos alunos.

2º MOMENTO:

- **Produção de comentários:** após a discussão e a exibição dos vídeos, solicitar que os alunos escrevam no caderno de produção textual suas próprias interpretações do poema, baseando-se em sua análise individual e nos pontos levantados durante as discussões.
- **Reflexão Coletiva:** finalizar a atividade conversando sobre as análises que cada um fez. Apontar as similaridades e divergências nas interpretações, mas, mais importante, enfatizar os caminhos abertos para a conscientização e para a propagação de valores antirracistas que surgiram a partir da discussão.
- **Síntese:** Finalizar a aula retomando os pontos principais.

AULAS 03 e 04 – POEMA "VOZES-MULHERES"

- **Objetivo Geral:** possibilitar ao(à) aluno(a) uma educação antirracista a partir do acesso à leitura, interpretação e discussão da literatura afrodescendente contemporânea.
- **Objetivos Específicos:**
- Trabalhar leitura e interpretação do poema "Vozes-mulheres", de Conceição Evaristo (2017);
- Refletir sobre o racismo estrutural e o preconceito arraigado em nossa sociedade;
- Abordar a temática da inferiorização do povo negro – com ênfase no trabalho das mulheres, relegadas a lavadeiras, domésticas e babás.
- **Procedimentos Metodológicos:**

1º MOMENTO:

- **Profissões:** iniciar a aula com a seguinte indagação: Qual é a profissão do homem e da mulher negra?
- **Roda de conversa:** após iniciar roda de conversa sobre as profissões respondidas, usaremos também um mosaico de imagens coladas no quadro, mostrando fotos de dentistas, professores, advogados, médicos, empresários, entre outros.
- **Leitura:** em seguida, cada aluno e aluna receberá uma cópia do poema para apreciação. Faremos uma leitura compartilhada do poema, com pausas e dando ênfase nas profissões dos ancestrais da autora. (citadas no poema)
- **Literatura Afrodescendente:** introduziremos a literatura afrodescendente com uma breve explicação sobre a autora e sua temática, apresentando o livro de onde o poema foi tirado.
- **Questionamentos:** sobre a literatura e o tema em questão.
- **Vídeos:** apresentar à turma vídeos de outros jovens/adolescentes recitando o poema. (Os vídeos são de plataforma utilizadas pelos alunos, como Tiktok, Kwai, etc. São vídeos curtos e interativos. Com "batidas" e paródias do poema.)

2º MOMENTO:

- **Produção de Paródias:** após solicitar que em grupos alunos e alunas escrevam seu próprio poema ou uma paródia do poema apresentado, baseando-se em sua interpretação e nas profissões que eles(as) consideram comuns a todos (negros e brancos).
- **Apresentações para turma:** realizar um "concurso" de paródias, poemas/poesias, onde os próprios alunos e alunas votarão por voto secreto.
- **Sarau:** Para finalizar, faremos um sarau com as duas turmas recitando os poemas produzidos.

VALORES ATITUDINAIS DESENVOLVIDOS NAS ATIVIDADES/ SITUAÇÕES	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	RECURSOS
• Capacidade de concentração; • Respeito às diferenças do	• Assiduidade;	• Quadro branco e pincel;

outro; • Valorização dos aspectos sociais e culturais; • Interação com o professor e com os colegas de sala; • Valorização da opinião distinta da sua.	• Participação dos alunos nas discussões e atividades propostas; • Qualidade das respostas e desempenho nas atividades de prática e fixação; • Análise e interpretação do poema.	• Sequência Didática; • Notebook; • Imagens; • Cópias dos Poemas.
REFERÊNCIAS		
CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. São Paulo: Duas cidades, 2011. EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017. RESENDE, Cibele Francisca Clemente. **Poemas de uma mulher preta**. Maringá: A.R Publisher, 2021.		
DEVOLUTIVA DO COORDENADOR PEDAGÓGICO _____ **Assinatura do(a) Coordenador(a)**	_____ **Assinatura do(a) Professor(a)**	

Fonte: A autora (2025).

Quadro 2 – Proposta didática para turma de Ensino Médio (1º ano)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE **CÂMPUS FLORESTA** **CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS** **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E LINGUAGENS**			
SEQUÊNCIA DIDÁTICA			
PROFESSORA:	**COMPONENTE CURRICULAR:**	**ANO/SÉRIE:**	**TURMAS:**
Rafaela Menezes Melo Nascimento	Língua Portuguesa e Literatura	**1°ano**	A e B.
	AULAS PREVISTAS:	**EXECUÇÃO:**	
	08h/aulas	1º ano E.M. A. 30/06 a 15/07 1º ano E.M. B. 30/06 a 15/07	
DESCRITORES			
D1 – Localizar informações explícitas em um texto. D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão. D4 – Inferir uma informação implícita em um texto. D6 – Identificar o tema de um texto. D12 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros. D14 – Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato. D16 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados. D18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão. D20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que eles foram produzidos e daquelas em que serão recebidos. D21 – Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.			
OBJETIVOS/CAPACIDADES			
• C1 – Utilizar a linguagem oral de forma adequada, em diferentes situações comunicativas, respeitando os diferentes modos de falar.			

• C2 – Ler, de modo autônomo e voluntário, textos correspondentes aos diversos gêneros previstos para o ano e desenvolver procedimentos adequados de estudo, considerando as especificidades de cada gênero. • C3 – Utilizar, com propriedade, os conhecimentos sobre padrões da escrita sistematizados em situações de análise linguística. • C4 – Produzir e revisar, de modo autônomo, textos correspondentes aos diversos gêneros previstos para o ano, ajustados a diferentes situações comunicativas, bem como textos de apoio à fala planejada adequados às necessidades de estudo, buscando qualidade no conteúdo e na forma – em relação à coerência, coesão e aos padrões normativos da língua.	
CONTEÚDOS	
HABILIDADES	**OBJETOS DE CONHECIMENTO**
• Organização dos dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas e ensaio da apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.	Poema: “Estupro” de Cibele Resende (2021)
• Posicionamento em relação aos conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e práticas próprias das culturas juvenis que pretendam denunciar, expor uma problemática ou “convocar” para uma reflexão/ação, relacionando esse texto/produção com seu contexto de produção e relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos.	Poema: “Certidão de óbito” de Conceição Evaristo (2017)
• Análise dos efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, trailer honesto, vídeos-minuto, vidding, dentre outros.	Poema: “Canto obscuros às raízes” de Conceição Lima (2006)
• Atividades de leitura em que sejam considerados: um amplo acervo de livros de autores nacionais e acreanos; • Projetos que envolvam o cultivo da leitura de livre escolha; • Eventos culturais como saraus, mostras de cinema, teatro, música etc., estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores	Poema: “A mão” de Conceição Lima (2006)

nacionais e autores locais. Exemplos de gêneros: poemas e ciber poema, dentre outros.	

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

AULAS 01 e 02 – POEMA "ESTUPRO"

- **Objetivo Geral:** Possibilitar ao(à) aluno(a) uma educação antirracista a partir do acesso à leitura, interpretação e discussão da literatura afrodescendente com abordagem social e histórica.
- **Objetivos Específicos:**
- Trabalhar leitura e interpretação do poema "Estupro", de Cibele Resende (2021);
- Refletir sobre a temática do racismo, sexismo e a vulnerabilidade da mulher negra;
- Desconstruir a imagem estereotipada da mulher negra;
- Aguçar a sensibilidade e o senso crítico para essa temática.
- **Procedimentos Metodológicos:**

1º MOMENTO:

- **Contextualização Inicial:** iniciar a aula com questionamentos sobre os índices de abuso sexual contra mulheres, com foco particular na realidade das mulheres negras em nossa sociedade. Este momento servirá para sensibilizar e contextualizar o tema.
- **Perguntas norteadoras: 1.** O que torna as mulheres negras mais vulneráveis aos abusos físicos, psicológicos e sexual? **2.** Como racismo e gênero aumentam o risco de abuso para mulheres negras? **3**. Quais são os maiores obstáculos para mulheres negras denunciarem o abuso? **4**. Como a mídia e a sociedade podem apoiar mais as vítimas negras de abuso? **5.** Que ações podemos tomar para diminuir o abuso contra mulheres negras?
- **Exposição Midiática:** em seguida, apresentar à turma uma seleção de vídeos, reportagens jornalísticas e artigos de revistas que ilustrem o impacto psicológico e social desse trauma, a fim de solidificar a compreensão da seriedade do assunto.
- **Introdução à Literatura Afrodescendente:** introduzir o livro que contém o poema a ser estudado. O objetivo é estabelecer uma conexão inicial dos alunos com a riqueza da literatura afrodescendente.
- **Distribuição e Análise do Poema:** Distribuir cópias do poema aos alunos e alunas para que possam apreciá-lo individualmente.
- **Debate e Questionamento:** em seguida, conduzir uma sessão de questionamentos a respeito da literatura e da temática abordada, estimulando a reflexão crítica e o diálogo.
- **Análise Histórica e Visual:** entregar cópias ou imagens que retratam as condições vivenciadas pelas mulheres negras escravizadas. Esta etapa visa aprofundar a compreensão sobre as raízes históricas das violências enfrentadas por essas mulheres.

2º MOMENTO:

- **Produção Textual:** solicitar que os alunos e alunas escrevam suas interpretações do poema, integrando suas análises individuais com a reflexão suscitada pelas imagens apresentadas.
- **Criação de Mural e Conscientização:** promover a criação de um mural permanente no pátio da escola. Este mural exibirá as interpretações dos alunos e, crucialmente, incluirá números e contatos de órgãos municipais e estaduais responsáveis por receber denúncias de abuso e discriminação.
- **Fechamento e Direcionamento:** Para finalizar, conduzir uma conversa sobre as análises realizadas. O propósito é apontar caminhos claros para a conscientização e para a propagação de valores antiétnico, antimorais e antirracistas, reforçando a importância do compromisso de todos na construção de uma sociedade mais justa.

AULAS 03 e 04 – POEMA "CERTIDÃO DE ÓBITO"

- **Objetivo Geral:** Possibilitar ao(à) aluno(a) uma educação antirracista a partir do acesso à leitura, interpretação e discussão da literatura afrodescendente, com ênfase no tema violência de raça.
- **Objetivos Específicos:**
- Trabalhar a leitura e a interpretação com o poema "Certidão de óbito", de Conceição Evaristo (2017).
- Identificar os principais temas incutidos no poema, como morte, violência e preconceito.
- Discutir o ponto de vista do eu-lírico e como ele se relaciona com a experiência histórica da população negra.

- **Procedimentos Metodológicos:**

1º MOMENTO:

- **Questionamentos**: iniciar a aula com uma reflexão a partir das perguntas norteadoras a seguir: **1.** Quais são as principais imagens do poema? **2**. Que sentimentos o poema desperta em vocês? **3.**O que o título "Certidão de Óbito" sugere?
- **Leitura:** incentivar os alunos a lerem o poema em voz alta, individualmente ou em grupo. Essa atividade permite uma primeira aproximação com o texto e com a sonoridade das palavras.
- **Contextualizar** o poema historicamente, abordando a escravidão no Brasil e suas consequências para a população negra.
- **Discutir** o racismo estrutural e suas manifestações na sociedade brasileira contemporânea.
- **Apresentar** a obra de Conceição Evaristo no contexto da literatura negra brasileira, destacando sua importância para a visibilização da cultura negra.
- **Explicar** o significado de palavras desconhecidas, como "bambeia" e "negreiros", e explorando as nuances de significado que elas trazem para o poema.
- **Explorar** figuras de linguagem presentes no poema, como a metáfora e a personificação, e como elas contribuem para a construção do sentido.

2º MOMENTO:

- **Produção Textual:** Propor a escrita de um comentário para as redes sociais. O aluno ao refletir sobre o poema abordado e sobre temas a ele inerentes, como a importância da memória dos escravizados, a luta contra o racismo e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, deve produzir um comentário para postagem nas redes sociais. A rede social fica a critério do(a) aluno(a), como por exemplo, o "X", Instagram e Thread.
- Leitura dos comentários e participação ativa dos alunos.
- Finalizar a aula fazendo retomada dos pontos principais.

AULAS 05 e 06 – POEMA "CANTO OBSCURO ÀS RAÍZES"

- **Objetivo Geral:** Trabalhar a educação antirracista em projeto interdisciplinar, através do diálogo entre Literatura afrodescendente e História e Geografia.
- **Objetivos Específicos:**
- Conduzir o aluno a fazer leitura e análise do poema "Canto obscuro às raízes", de Conceição Lima (2006), colocando suas impressões e ponto de vista. – Disciplina de Língua Portuguesa;
- Conhecer a história da colonização de nosso país, buscando no poema os pontos em comum com a colonização São-tomense. – Disciplina de História
- Cartografar mapas com ênfase nos oceanos a partir do poema que apresenta outro continente, África. – Disciplina de Geografia
- **Procedimentos Metodológicos:**

1º MOMENTO:

- **Projeto:** apresentar aos alunos o Projeto Interdisciplinar que será realizado por meio da Literatura Afrodescendente, em conjunto com as disciplinas de Geografia e História.
- **Disponibilizar** o poema que será trabalhado ao longo do projeto em um drive que será alimentado conforme as semanas do projeto, com materiais para os(as) alunos(as) acessarem via QR-code.
- **Fases do projeto:**
- **Semana I**: será disponibilizado o poema a ser trabalhado conforme as especificidades e os objetivos de cada disciplina.
- **Semana II:** será disponibilizada a biografia da autora e, a partir desta, o professor vai explicar ao aluno sobre Literatura Afrodescendente. Nessa mesma semana, também serão inseridos vídeos, entrevistas e outros textos, os quais os(as) alunos(as) possam utilizar como subsídios para suas apresentações.

2º MOMENTO:

- **Semana III:** momento para confecção dos materiais utilizados nas apresentações. Cada disciplina ficará responsável por um eixo:
- **a) Língua Portuguesa:** Sarau com apresentação das interpretações do poema.
- **b) História:** Podcasts; documentários; vídeos, confeccionados pelos(as) alunos(as) a partir do poema e dos subsídios disponibilizados.

- **c) Geografia:** Amostra das maquetes dos oceanos, mapas e cartazes dos continentes Sul-Americano e Africano.
- **Semana IV:** apresentação dos trabalhos elaborados nas demais turmas da escola e toda comunidade escolar.

AULAS 07 e 08 – POEMA "A MÃO"

- **Objetivo Geral:** Trabalhar a educação antirracista em projeto interdisciplinar, através do diálogo entre literatura afrodescendente e a disciplinas de Artes, História e Sociologia.
- **Objetivos Específicos:**
- Incentivar os alunos a lerem o poema em voz alta, individualmente ou em grupo, explorando a sonoridade das palavras e a emoção que elas transmitem – Disciplina de Língua Portuguesa.
- Conhecer a história da colonização de nosso país e do país africano de São Tomé e Príncipe Enfatizar a libertação tardia desse país e a paulatina reconstrução dele. – Disciplina de História
- Discutir as diversas formas de resistência da população negra ao longo da história. Debater sobre a formação e transformação das sociedades outrora escravizadas – Disciplina de Sociologia.
- **Procedimentos Metodológicos:**

1º MOMENTO:

- **Semana I:** na primeira semana, será disponibilizado o poema, a ser trabalhado conforme as especificidades e os objetivos de cada disciplina**.**
- **Semana II:** será disponibilizada a biografia da autora e, a partir desta, o professor vai explicar ao aluno sobre Literatura Afrodescendente. Nessa mesma semana, também serão inseridos vídeos, entrevistas e outros textos, nos quais os alunos possam utilizar como subsídios para suas apresentações.

2º MOMENTO:

- **Semana III.** O horário será disponibilizado para confecção dos materiais que serão utilizados nas apresentações. Cada disciplina ficará responsável por um eixo: Cada grupo será responsável por:
- **a) Língua Portuguesa:** análise e Recitação Poética. Orientar os alunos a escolherem trechos significativos do poema estudado para recitação.
- Ensaio e gravação de uma performance do poema em áudio ou vídeo, focando na expressividade e sonoridade das palavras. Podem usar recursos como trilha sonora suave, se desejarem.
- Apresentar uma análise escrita de como a escolha dos sons e da entonação contribui para a mensagem do poema.
- **b) História:** pesquisar e criar uma linha do tempo visual e informativa que destaque os principais marcos da colonização e luta por independência do Brasil e de São Tomé e Príncipe.
- Incluir informações sobre a abolição da escravidão em ambos os locais e os desafios da reconstrução pós-independência de São Tomé e Príncipe.
- Esta linha do tempo pode ser digital (apresentação interativa) ou física (mural).
- **c) Sociologia:** criar Podcast ou Mini-documentário sobre Resistência.
- Pesquisar e produzir um podcast ou um mini-documentário curto (3-5 minutos) sobre uma ou mais formas de resistência da população negra em contextos escravizados ou pós-escravidão (exemplos: quilombos, revoltas, manifestações culturais, ativismo contemporâneo).
- **Semana IV.** Apresentações: os alunos deverão debater a relevância dessas resistências na formação das sociedades atuais, fazendo conexões com o poema trabalhado.
- Haverá ainda rodas de conversas com a participação da comunidade escolar, discutindo temas como a luta por direitos, a valorização da cultura negra e a importância da preservação do meio ambiente.

VALORES ATITUDINAIS DESENVOLVIDOS NAS ATIVIDADES/SITUAÇÕES	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	RECURSOS
• Capacidade de concentração; • Respeito às diferenças do outro; • Valorização dos aspectos	• Participação dos alunos nas discussões e atividades; • Qualidade das respostas e desempenho nas atividades de prática e fixação.	• Quadro branco e pincel; • Plano de Curso; • Sequência Didática; • Livro Literário;

sociais e culturais; • Interação com o professor e com os colegas de sala.		• Gramática; • Notebook; • Internet.
REFERÊNCIAS		
CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. São Paulo: Duas cidades, 2011. EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017. LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do Micondó**. Lisboa: Caminho, 2006. RESENDE, Cibele Francisca Clemente. **Poemas de uma mulher preta**. Maringá: A. R. Publisher, 2021. SILVA, Ivanda Maria Martins. Metodologias para o ensino de literatura: em busca de alternativas dialógicas. **Revista Língua e Literatura**, Frederico Westphalen, v. 22, n. 40, p. 111-126, jul./dez., 2020. Disponível em: https://revistas.fw.uri.br/revistalinguaeliteratura/article/view/3343. Acesso em: 27 dez. 2025.		
DEVOLUTIVA DO COORDENADOR PEDAGÓGICO _____ **Assinatura do (a) Coordenador (a)**	_____ **Assinatura do (a) Professor(a)**	

Fonte: A autora (2025).

4.3 A prática do ensino de poesia como horizonte de liberdade

A proposição de que o ensino da poesia seja visto como um "horizonte de liberdade" é bastante interessante e nos convida a uma reflexão mais profunda sobre o papel da poesia na educação. Logo, compreende-se que a prática do ensino da poesia vai muito além da simples leitura de versos em sala de aula. Ela envolve um conjunto de estratégias e atividades que visam despertar o interesse dos alunos pela linguagem poética, estimular a sua criatividade e promover a reflexão sobre temas diversos.

Por que ensinar poesia? A poesia desempenha um papel fundamental na formação integral do indivíduo. Ela perpassa aspectos pedagógicos e atinge aspectos individuais e sociais. De modo geral, ao entrar em contato com a poesia, os(as) alunos(as) desenvolvem habilidades essenciais para a vida, como a leitura, a escrita, a comunicação, a criatividade e o pensamento crítico. Além disso, a poesia, nesse sentido, fomenta a formação de cidadãos críticos e engajados com as questões do seu tempo.

Do ponto de vista pedagógico, através do ensino da poesia o professor pode explorar o desenvolvimento da linguagem, o pensamento crítico, a leitura e a escrita e a interdisciplinaridade. No eixo do desenvolvimento da linguagem, a poesia expande o vocabulário, aprimora a gramática e estimula a criatividade na expressão linguística. Para desenvolver o pensamento crítico, a análise de poemas exige que os(as) alunos(as) façam inferências, estabeleçam conexões e construam significados. No eixo leitura e escrita, a poesia

incentiva o hábito da leitura e a produção de textos, aprimorando as habilidades de compreensão e expressão escrita. Por fim, com a interdisciplinaridade, a poesia pode ser relacionada a diversas áreas do conhecimento, como história, geografia, artes visuais e música, promovendo uma aprendizagem mais integrada.

Quanto aos aspectos individuais, através da poesia pode-se trabalhar o autoconhecimento, pois esta oferece um espaço para que os(as) alunos(as) expressem seus sentimentos, ideias e experiências, contribuindo para o autoconhecimento e a construção da identidade. O bem-estar emocional é outro fator relevante, que junto à prática da leitura e da escrita pode ser uma forma de catarse, ajudando os alunos a lidarem com suas emoções e a encontrarem significado na vida. Criatividade e imaginação não ficam de fora, e a poesia estimula ambas, permitindo que os alunos explorem novas possibilidades e encontrem soluções originais para os problemas.

Partindo para o percurso do coletivo, a poesia pode ser ferramenta para se trabalhar aspectos sociais, como empatia e compreensão, diálogo e respeito, e conscientização social. A poesia aborda uma vasta gama de temas e emoções humanas, ajudando os(as) alunos(as) a desenvolverem empatia e a compreenderem diferentes perspectivas. A discussão sobre poemas em grupo promove o diálogo, o respeito às diferentes opiniões e a construção de um ambiente mais colaborativo. “Ademais, a poesia, ao tratar de questões sociais relevantes, como a desigualdade, a violência e a discriminação, fomenta a conscientização e o engajamento cívico.

Nesse contexto, o que significa conceber a poesia como horizonte de liberdade e qual sua importância para o ensino da poesia de autoria afrodescendente? A poesia como ensino de liberdade compreende: a) Liberdade de expressão; b) Liberdade de pensamento; c) Liberdade de ser. Vista sob esse aspecto, ela se torna campo fértil para as manifestações dos grupos minoritários, como a literatura de autoria negra feminina. Com versos que rompem os moldes tradicionais, essas autoras convidam o eu-lírico a florescer livremente. Uma vez silenciadas, as vozes negras agora ecoam, celebrando a liberdade de ser a potência da palavra. Ao explorar identidades fluidas e desafiar os limites, elas inspiram os alunos a expandirem seus horizontes e a construírem narrativas próprias.

Contudo, todo esse processo de conscientização e transformação através da Literatura Afrodescendente constitui-se tarefa árdua, pois nem sempre as vozes negras tiveram vez em detrimento dos cânones. Paulatinamente, os discursos hegemônicos e padronizados que se produzem em nossa sociedade estão sendo remodelados. Tais discursos, que se caracterizam pela representação dominante do eurocentrismo, idealização de uma única cultura, legitimação de estruturas de poder, representação estereotipada das classes menos privilegiadas e minorias

étnicas, ainda insistem e prevalecem em muitos lugares. Permitir que nossos alunos tenham acesso às literaturas de minorias é ir na contramão e resistir a isto.

Nesse processo, a Literatura Comparada tem permitido a disseminação de novos textos e comparação de autores diversos; autores híbridos, movediços, intelectuais contemporâneos e transfronteiriços, que veem sua realidade de enclausuramento modificada por meio da expansão literária. Em face disso, autores e autoras negras têm comunicado suas experiências e construído textualidades nas quais se identificam, problematizam e reconfiguram a presença, consistência e expansão de vozes poéticas dissidentes diante dos discursos universalista, linear e naturalista da modernidade e colonialidade, forjados desde o século XVI e, infelizmente, vividos na sociedade hoje.

Para Duarte (2024, p. 1), são características proeminentes da literatura afrodescendente "o tema do negro, enquanto individualidade e coletividade, inserção social e memória cultural e a busca de um público afrodescendente, a partir da formalização de uma linguagem que denuncia o estereótipo como agente discursivo da discriminação". Desse modo, compreende-se que a desconstrução dos estereótipos do negro tem sido uma constante tanto em prosa quanto em versos, a exemplo da escrita de Conceição Evaristo (2017), Cibele Resende (2021), Conceição Lima (2006) e tantas outras autoras negras que se posicionam ao resistir ao olhar literário depreciativo que situava o homem negro como violento e leviano, e a mulher negra como objeto sexual.

Nesse contexto, vale ressaltar que os estereótipos afetaram a todos, mas de modo ainda mais extremo e opressivo a mulher. Ora, a mulher negra que foi submetida a uma tripla violência, a saber: ser mulher, ser negra e ser colonizada, encontrou, no tecido do poema, sua forma mais eficaz de denúncia social, racial, sexista e patriarcal com versos e poesias que promovem a potência, a resiliência e a intrepidez da escrita de mulheres afrodescendentes.

Dentro desse propósito, a literatura afrodescendente desafia os cânones literários e rompe com os padrões tradicionais da literatura, valorizando a oralidade, a linguagem popular e a diversidade de vozes. Entretanto, mesmo agora "podendo falar", na prática, a condição do homem e especificamente da mulher negra no Brasil, tanto no período pós-abolição quanto atualmente, é marcada por um legado de desigualdade sistêmica, racismo estrutural e negação de direitos fundamentais, como acesso a recursos, lazer e educação. O que se infere, a partir de Sousa (1983, p. 7) é que, ainda hoje, "o pensamento do sujeito negro, parasitado pelo racismo, termina por fazer do prazer um elemento secundário na vida do corpo e da mente".

Assim, no ato de descentralizar o protagonismo da tradição hegemônica do saber, a função social da literatura afrodescendente é multifacetada e articula formas (no poema) e

expressões artísticas (na poesia) distintas para provocar a reflexão e conscientização dos(as) leitores(as). Para Candido (2006, p. 32),

> [...] além da função específica que a poesia possa ter, como já citei nos vários tipos de poesia, há sempre a comunicação de alguma experiência nova, de algum entendimento novo do familiar, ou a expressão de alguma coisa que sentimos, mas para a qual não temos palavras, que amplia nossa conscientização ou apura nossa sensibilidade.

Assim, a poesia que se constitui como uma das mais antigas formas de expressão lírica da humanidade, através da sua função social tem ampliado e apurado a sensibilidade dos(as) leitores(as), ao possibilitar uma nova construção social da identidade da mulher negra, que, em seus versos, subverte as narrativas pejorativas do passado.

4.4 Aprendizagem do poema como ação crítico-humanizadora

A proposta didática que permeia essa dissertação vai além da mera apreciação estética da poesia; ela se configura como um convite à ação crítico-humanizadora dos(as) alunos(as), instrumentalizando-os(as) para decodificar e intervir em realidades complexas. O contato com a literatura afrodescendente, especialmente a voz das mulheres negras, oferece um espelho e uma janela para a compreensão de opressões históricas e a valorização de resistências intrínsecas à formação da identidade brasileira. Acreditamos que a forma como os poemas de Cibele Resende (2021), Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006) são abordados em sala de aula pode ser o diferencial para fomentar essa postura ativa e reflexiva.

A partir do poema *Vozes Negras*, de Cibele Resende (2021), conforme detalhado na proposta didática, a ação crítico-humanizadora é instigada desde o primeiro momento. A roda de conversa sobre preconceito e racismo, convidando os(as) alunos(as) a relatarem experiências pessoais ou testemunhadas, não é apenas um aquecimento, mas um reconhecimento de que a poesia reflete e dialoga com suas vivências. Essa etapa inicial já promove a empatia e a percepção da dimensão social do racismo, abrindo caminho para a compreensão de que as vozes de mulheres, homens e crianças presentes no poema não são abstrações, mas ecos de realidades concretas.

A exposição de vídeos de outros(as) jovens recitando o poema valida a potência da oralidade e da identificação geracional, mostrando que a poesia pode ser uma ferramenta de expressão e ativismo social para eles(as) próprios(as). A solicitação para que escrevam suas interpretações individuais estimula o pensamento autônomo, permitindo que cada um(a)

construa seu olhar sobre a obra a partir de sua própria bagagem e das discussões em grupo, culminando na comparação de similaridades e divergências, que, por sua vez, desenvolve o senso crítico e a capacidade de argumentação.

A proposta didática para o poema *Estupro*, de Cibele Resende (2021), voltada para o Ensino Médio, busca promover uma ação crítico-humanizadora ao confrontar os(as) alunos(as) com a grave realidade da violência sexual contra mulheres, especialmente as mulheres negras, inserindo-a no contexto do racismo e sexismo. A aula inicia com perguntas diretas sobre os índices de abuso sexual, seguida pela exposição de vídeos, jornais e revistas que ilustram o impacto desse trauma, visando gerar empatia e conscientização. Uma etapa crucial é a contextualização histórica, apresentando as condições das mulheres negras escravizadas para evidenciar como a vulnerabilidade contemporânea é uma herança direta da violência colonial.

A atividade culmina na criação de um mural no pátio da escola, onde as interpretações dos(as) alunos(as) são expostas ao lado de contatos de órgãos de denúncia, transformando a reflexão em ação concreta de combate e prevenção à violência, desconstruindo estereótipos e fomentando valores antirracistas. A proposta de produzir cartazes ou murais com frases de impacto sobre a identidade negra e a luta contra o racismo transforma a compreensão em uma manifestação artística e coletiva. Essa criação coletiva é um exercício de protagonismo, no qual a teoria se materializa em uma ação visível na comunidade escolar, dando aos(às) alunos(as) a capacidade de influenciar e educar seus pares.

Para aprofundar a ação crítico-humanizadora, a abordagem dos poemas de Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006) seguiria a mesma lógica. A leitura de poemas das autoras, com sua linguagem visceral e suas escrevivências, permitiria aos(às) alunos(as) explorarem a profundidade da memória, do corpo e da ancestralidade como resistência. Debates sobre o papel da mulher negra na sociedade, a violência velada e explícita e a força dos laços familiares e comunitários fomentariam uma reflexão profunda sobre as fricções que as mulheres negras enfrentam e suas estratégias de superação. A proposta de criar textos poéticos ou narrativos inspirados em suas obras, ou mesmo a pesquisa de outras autoras negras, seria um convite à proliferação de suas próprias vozes, solidificando o compromisso com a diversidade literária.

A criação de outros poemas baseados em temas como resistência e ancestralidade é uma forma potente de expressão artística que humaniza as pessoas, permitindo que os(as) alunos(as) se conectem emocionalmente com as lutas passadas e presentes. A interdisciplinaridade com a Arte, ao transformar o poema em uma peça teatral ou musical, ou ao analisar obras de artistas negros(as), potencializa a capacidade expressiva e crítica, oferecendo outras linguagens para a

denúncia e a celebração da cultura afrodescendente. A proposta de criar paródias de músicas com temas de resistência amplia a interação dos(as) alunos(as) com a cultura popular e os(as) permite subverter narrativas, transformando o entretenimento em um veículo de mensagem social.

No âmbito da História, a proposta didática para *Vozes Negras* (Resende, 2021) aprofunda a crítica ao sistema escravista, ao discutir as revoltas de escravizados e a contribuição desses movimentos para a abolição. Isso não apenas enriquece o conhecimento histórico, mas reconfigura a narrativa da abolição, destacando o papel ativo dos próprios negros na luta por sua liberdade.

A proposta para o ensino e aprendizagem do poema *Certidão de Óbito*, de Conceição Evaristo (2017), direcionada ao 1ºano do Ensino Médio, configura-se como um poderoso instrumento para a educação antirracista, com ênfase na violência de raça. O ponto de partida para a ação crítico-humanizadora é a reflexão sobre as imagens e sentimentos que o poema evoca, além do questionamento sobre o significado do título *Certidão de Óbito*. Essa instigação inicial leva os(as) alunos(as) a um mergulho profundo na temática da morte, violência e preconceito, elementos centrais da obra. A leitura em voz alta do poema, individualmente ou em grupo, permite uma primeira aproximação com a sonoridade e a emoção do texto.

A contextualização histórica da escravidão no Brasil e suas consequências para a população negra é fundamental para que os(as) alunos(as) compreendam as raízes da violência de raça e do racismo estrutural contemporâneo, tal como exposto no poema. A discussão sobre o ponto de vista do eu-lírico e sua relação com a experiência histórica da população negra, aliada à apresentação da obra de Conceição Evaristo (2017) no contexto da literatura negra brasileira destaca a importância da autora para a visibilização da cultura e da luta negra. A exploração do significado de palavras como “bambeia” e “negreiros” e a análise de figuras de linguagem como a metáfora e a personificação são ferramentas essenciais que aprimoram a leitura interpretativa e a percepção da densidade simbólica do poema.

Isso não se restringe a um exercício de gramática, mas a uma forma de desvelar como a linguagem poética é usada para denunciar a brutalidade e a persistência do racismo. A proposta de escrita de um texto reflexivo sobre o poema, abordando a importância da memória, a luta contra o racismo e a construção de uma sociedade mais justa solidifica a ação crítico-humanizadora. Essa atividade permite que os(as) alunos(as) processem as informações e as emoções, transformando-as em uma produção textual que reflete seu engajamento com a temática e sua capacidade de propor soluções para os desafios sociais.

Com a poesia de Conceição Lima (2006), especialmente com poemas como *Canto Obscuro às Raízes* e *A Mão*, a ação crítico-humanizadora se manifestaria na exploração da diáspora e da busca pelas raízes. A análise das fricções entre a perda da memória ancestral e a persistência da herança cultural permitiria aos(as) alunos(as) compreenderem a complexidade da identidade afro-brasileira e são-tomense. Propor a criação de árvores genealógicas ou pesquisas sobre a história de suas próprias famílias, inclusive a busca por raízes africanas, seria uma forma prática de conectar a experiência poética com a vida real, valorizando a diversidade de suas próprias origens. A discussão sobre a mão que planta e resiste incentivaria a percepção de que a superação do trauma histórico se dá através da ação e da construção de um futuro.

A inclusão da interdisciplinaridade é um pilar crucial para essa ação crítico-humanizadora. Ao conectar os poemas de Conceição Lima (2006) com a disciplina de Geografia, por exemplo, através da análise de mapas para identificar a rota da escravidão, o aluno transcende a leitura literária e visualiza o impacto geográfico e humano da diáspora. Discutir as razões e consequências da escravidão e do colonialismo não é apenas um estudo histórico, mas uma contextualização da dor e da resiliência, permitindo que compreendam como as marcas dessas violências se perpetuam no racismo estrutural.

Com o poema *A mão* (Lima, 2006), as propostas interdisciplinares para o 1º ano do Ensino Médio culminam em uma ação crítico-humanizadora ao integrar diversas áreas do conhecimento. Em Língua Portuguesa, os(as) alunos(as) construirão poemas inspirados nas obras e temas estudados, expondo-os em um varal literário, o que fomenta a criatividade e a expressão individual. A disciplina de História contribuirá com exposições de obras de arte de artistas negros que abordam temas de terra, natureza e ancestralidade, além de paródias musicais sobre resistência, identidade e espiritualidade, promovendo uma conexão artística e histórica com a cultura afrodescendente.

Em Sociologia, a turma se dividirá em grupos para discutir questões fundamentais como a importância da memória ancestral, a relação da terra e natureza na cultura e o significado de resistir e construir um futuro melhor, incentivando a conexão entre o poema e a realidade atual. A culminância do projeto, com o "tribunal" onde os alunos defendem e acusam temas a partir do poema, é o ápice da ação crítico-humanizadora. Ao assumirem papéis de defesa e acusação em relação a questões como a importância de preservar a memória dos nossos ancestrais ou o que significa resistir e construir um futuro melhor, os(as) alunos(as) são desafiados(as) a desenvolver habilidades de argumentação, pesquisa e pensamento crítico.

Essa atividade não é apenas uma simulação, mas um ensaio para a participação cidadã, onde a literatura se torna um campo de debate para as grandes questões sociais. A apresentação

dos trabalhos para toda a comunidade escolar, por sua vez, amplia o impacto da aprendizagem, transformando os alunos em agentes de conscientização e mudança, consolidando a percepção de que a poesia afrodescendente, quando abordada de forma engajada, é uma poderosa força para a transformação social e a humanização.

A poesia, por muito tempo relegada a um segundo plano nas práticas pedagógicas, possui um potencial transformador para o desenvolvimento integral dos estudantes. Sua natureza subjetiva e complexa, embora possa parecer um desafio para o professor, é justamente o que a torna uma ferramenta pedagógica poderosa.

Ao longo da história, a poesia desempenhou um papel fundamental na formação do pensamento crítico e na expressão de emoções. Na Antiguidade, era utilizada como veículo de sabedoria e conhecimento, moldando a visão de mundo de diversas culturas. Ao resgatar essa tradição, podemos oferecer aos nossos alunos a oportunidade de se conectar com a beleza da linguagem, de desenvolver a capacidade de interpretar textos complexos e de expressar suas próprias ideias de forma criativa.

A poesia estimula a reflexão crítica ao convidar o(a) leitor(a) a construir seus próprios significados. Ao explorar diferentes interpretações de um mesmo poema, os(as) estudantes desenvolvem habilidades de análise e argumentação. Além disso, a memorização de versos contribui para o enriquecimento do vocabulário e para o desenvolvimento da memória. No entanto, é preciso reconhecer que a poesia pode apresentar desafios para os(as) professores(as). A falta de familiaridade com a linguagem poética e a dificuldade em encontrar materiais adequados são algumas das barreiras que precisam ser superadas. Para tornar a experiência com a poesia mais prazerosa e significativa, é fundamental que o(a) professor(a) ofereça um ambiente seguro e estimulante, no qual os(as) alunos(as) se sintam à vontade para expressar suas ideias e sentimentos.

Ao trabalhar com a poesia em sala de aula, o(a) professor(a) pode promover diversas habilidades, como a leitura, a escrita, a oralidade, a criatividade e a empatia. Ao despertar o interesse dos(as) alunos(as) pela poesia, estamos contribuindo para a formação de leitores(as) mais críticos(a), mais reflexivos(as) e mais conscientes de sua própria identidade.

Contudo, todo esse processo que engloba o ensino e a aprendizagem da poesia é muito conturbado. A percepção de que professores(as) não se sinta aptos a ensinar poesia pode ter diversas origens e é um desafio comum em muitas escolas. A formação inicial dos(as) professores(as) não inclui uma preparação aprofundada para o ensino da literatura, especialmente da poesia. Nesse contexto, o sistema educacional, com foco em avaliações padronizadas e resultados quantitativos, pode levar os(as) professores(as) a priorizar disciplinas

consideradas mais “objetivas”, como matemática e ciências, em detrimento daquelas que exigem uma abordagem mais subjetiva, como a literatura.

Outro fator é que carga horária dos(as) professores(as) é frequentemente extensa e as ementas escolares são bastante carregadas, o que dificulta a inclusão de atividades que exigem mais tempo e dedicação, como a análise de poemas. Encontrar materiais didáticos de qualidade para o ensino da poesia, especialmente para diferentes níveis de ensino, pode ser um desafio. Uma visão tradicional de ensino, que prioriza a transmissão de conteúdos prontos e a memorização, pode dificultar a implementação de metodologias mais inovadoras e criativas para o ensino da poesia.

A inclusão da poesia afrodescendente no currículo escolar é um passo importante para a descolonização do conhecimento, que tem sido historicamente eurocentrado. Tornar as obras de poetas negros e negras objeto de leitura, análise e interpretação da-na além sala de aula é diversificar as perspectivas e desafiar narrativas únicas. Logo, a poesia afrodescendente pode ajudar os estudantes, especialmente os negros, a se identificarem com personagens e histórias que refletem suas próprias experiências, fortalecendo sua autoestima e senso de pertencimento.

A poesia por muito tempo foi vista como uma expressão artística elitizada, entretanto, a aprendizagem do poema, quando pensada como uma ação crítico-humanizadora, transcende tal compreensão. O(A) professor(a), enquanto agente do conhecimento, deve manter contato com poemas de diferentes autores e culturas, de modo que possa possibilitar ao(à) aluno(a) a ampliação do horizonte crítico e compreensão da riqueza da experiência humana, logo, a poesia não se limita à mera expressão de sentimentos. Ela pode ser um poderoso instrumento de mobilização social e de transformação da realidade.

Nessa perspectiva, as poetas estudadas neste trabalho utilizam a poesia para denunciar as desigualdades sociais e as opressões que acometem os mais vulneráveis, como uma forma de questionar o poder estabelecido e de defender a voz dos marginalizados. Contudo, para que haja a função crítico-humanizadora do poema, a aprendizagem da poesia não deve se restringir à análise de textos literários. É fundamental que os(as) alunos(as) tenham a oportunidade de produzir seus próprios poemas, expressando suas emoções e ideias de forma criativa.

Em face disso, o termo humanizar, que se refere ao ato de tornar algo mais humano, mais próximo da experiência e da condição humana, é um processo que busca valorizar a dignidade, a compaixão, a empatia e o respeito pelas pessoas em todas as suas dimensões. A aprendizagem do poema, quando realizada de forma profunda e reflexiva, pode ser uma experiência transformadora, capaz de promover o desenvolvimento crítico e a humanização do

indivíduo. Ao se conectar com a linguagem poética, o(a) leitor(a) se abre para um universo de possibilidades interpretativas, questionamentos e emoções.

Desse modo, por que a aprendizagem do poema é uma ação crítico-humanizadora? A poesia nos convida a ir além do significado literal das palavras, estimulando a reflexão sobre as nuances, as metáforas e as múltiplas camadas de interpretação. Ao analisar um poema, o(a) leitor(a) desenvolve a capacidade de questionar, analisar e interpretar diferentes perspectivas. A linguagem poética é rica em imagens, sons e emoções, que despertam em nós uma maior sensibilidade para a beleza, a dor, a alegria e a complexidade da experiência humana. Ao entrar em contato com diferentes estilos e temas poéticos, ampliamos nossa capacidade de empatia e compreensão do outro.

A poesia nos permite explorar diferentes identidades e perspectivas, questionando nossos próprios valores e crenças. Ao nos conectar com a voz poética, podemos encontrar eco em nossas próprias experiências e construir um senso mais profundo de nós mesmos. A poesia tem o poder de denunciar injustiças, questionar o status quo e inspirar a luta por um mundo mais justo e igualitário. Ao ler e analisar poemas engajados, podemos desenvolver um senso crítico sobre a realidade e nos tornar agentes de transformação social.

Como o professor pode tornar a aprendizagem do poema uma experiência crítica-humanizadora? Em primeiro lugar ao propor aos(às) alunos(as) a leitura atenta e reflexiva do texto. Ao ler um poema, é importante prestar atenção aos detalhes, às nuances da linguagem e às emoções que ele evoca. É importante que estes também façam anotações, destaquem passagens que chamaram a atenção e reflitam sobre o que o poema significa. É necessário ainda que haja análise crítica ao questionar as escolhas do poeta, as figuras de linguagem utilizadas, o contexto histórico e cultural.

O professor deve relacionar o poema com outras obras que os(as) alunos(as) já conhecem, relacionando ainda com suas experiências de vida. O diálogo e a troca de ideias devem permear toda discussão; por isso, enquanto professor, é necessário compartilhar impressões sobre os poemas, participar de grupos de leitura, escrita e debates relacionados ao tema. A troca de ideias enriquece a compreensão e amplia as possibilidades de interpretação. Conexão com outras áreas do conhecimento é imprescindível, relacionar o poema com outras disciplinas, como a história, a filosofia, a sociologia. Essa interdisciplinaridade amplia a compreensão de mundo do aluno e fortalece o pensamento crítico.

Em resumo, a aprendizagem do poema é uma jornada de autoconhecimento e transformação. Ao nos conectarmos com a beleza e a complexidade da linguagem poética, podemos desenvolver habilidades essenciais para vivermos de forma mais plena e significativa.

Os poemas de autores(as) negros(as) são ferramentas poderosas para a ação crítico-humanizadora. Ao explorar a poesia de autores negros, podemos visibilizar experiências e perspectivas marginalizadas: a poesia negra frequentemente aborda temas como racismo, discriminação, desigualdade social e a luta por direitos civis. Ao ler e analisar esses poemas, podemos nos conectar com realidades diferentes das nossas e desenvolver uma maior empatia e compreensão pelas vivências da comunidade negra.

Descolonizar o conhecimento é resistir a uma única forma de expressão da literatura canônica, predominantemente branca e masculina, que muitas vezes oculta as contribuições de autores negros e outras minorias. Ao incluir a poesia negra em nossos estudos e na sala de aula, podemos descolonizar o conhecimento e construir um currículo mais representativo e inclusivo. No que tange à atualidade, a poesia negra aborda as mazelas sociais e luta por direitos e equidade, num processo contínuo que conscientiza e mobiliza a todos, não somente a comunidade negra.

O conjunto das propostas didáticas, ao engajar os(as) alunos(as) em uma jornada que parte da leitura atenta do poema para a reflexão crítica e a ação propositiva, demonstra uma percepção acurada da questão didática. A exploração destes poemas provoca a discussão sobre o racismo e a violência contra a mulher negra, não se restringindo à análise textual, mas incitando o debate sobre o impacto social desses temas. A abordagem das obras de Cibele Resende (2021), Conceição Evaristo (2017) e Conceição Lima (2006) convidam à reflexão sobre a memória e a luta pela justiça, explorando como a linguagem poética denuncia e resiste.

Por fim, a imersão nos poemas de Conceição Lima, ao conectar a literatura à História, Geografia, Artes, Sociologia e outras disciplinas, busca não apenar propiciar aos(às) alunos(as) compreender a diáspora e raízes negras, mas também construir suas próprias expressões artísticas, questões sociais complexas ao apresentar seus trabalhos à comunidade escolar. Essa progressão didática, que integra leitura, análise, contextualização, debate e produção, evidencia a intenção de capacitar os(as) alunos(as) a transcenderem a condição de meros(as) leitores(as) para se tornarem agentes críticos(as) e humanizadores(as) em seu próprio contexto social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação, pautada pela Literatura Afrodescendente, dedicou-se a explorar as vozes de mulheres negras em suas diversas manifestações poéticas, confrontando os ecos do racismo, da escravidão e do colonialismo e, simultaneamente, celebrando a superação, a solidariedade e a afirmação da identidade.

Com o objetivo principal de realizar uma análise comparativa da poética de autoras negras contemporâneas, a pesquisa utilizou a literatura comparada para investigar a caracterização e construção dessas vozes femininas afrodescendentes. O propósito central foi comparar como a negritude se constitui e se manifesta nas produções poéticas dessas escritoras, conforme a perspectiva de Aimé Césaire (1987), que entende a negritude como a exploração dos valores próprios e a desconstrução de identificações raciais superficiais.

A metodologia qualitativa e interpretativa, baseada no estudo de conteúdo e temática, bem como na análise discursiva, foi fundamentada pelos aportes teóricos de Abdala Junior (1996; 2012; 2016), Bernd (1988; 2013), Césaire (1987; 1978), Duarte (2020; 2024), Figueiredo (2013), Goldstein (2006), Santiago (2004) e Casa Nova (2008), que contribuíram para a compreensão da literatura afrodescendente como um espaço de resistência e afirmação identitária. A análise comparada de poemas, que foram selecionados por abordarem temas como identidade negra, memória ancestral, crítica ao colonialismo e racismo estrutural, permitiu identificar elementos linguísticos, narrativos e imagéticos que evidenciam a construção de uma identidade negra autônoma e resistente.

Os resultados da pesquisa demonstram que a poética dessas autoras, embora distinta em suas particularidades expressivas, converge para a construção de uma narrativa coletiva da negritude. Nos poemas analisados, a fricção não é apenas um choque, mas um motor de ressignificação: a dor da escravidão e do racismo expressa, por exemplo, na violência retratada em *Estupro* (Resende, 2021) ou na denúncia em *Certidão de Óbito* (Evaristo, 2017), é constantemente tensionada pela força da ancestralidade e pela resiliência visível na busca das raízes.

Percebe-se que a superação não é um apagamento do passado, mas uma reescrita do presente através da escrevivência, transformando traumas em um legado de força e resistência. A solidariedade emerge tanto na voz que clama por seus antepassados quanto na que se ergue em uníssono com outras mulheres negras, reforçando a ideia de uma identidade plural, mas coesa na luta contra as opressões.

Em suma, a pesquisa textualiza que a poética da negritude dessas autoras é um convite à ação. Os planos de aula propostos, ao transcenderem a mera leitura literária, incentivam uma recepção e circulação ativa das diásporas negras no ambiente escolar. As atividades interdisciplinares, que conectam poesia com história, geografia, sociologia e arte, e culminam em debates e produções artísticas como murais e "tribunais" temáticos revelam que a literatura afrodescendente é um campo fértil para promover uma ação crítico-humanizadora. Essa abordagem permite aos(as) alunos(as) não apenas compreenderem as complexidades da identidade e da história negra, mas também desenvolverem empatia, senso crítico e protagonismo na construção de uma sociedade mais justa e equitativa, na qual as vozes secularmente silenciadas são finalmente ouvidas e valorizadas.

Tendo-se a literatura como um campo fértil para discussão, a literatura são-tomense, afro-brasileira e cruzeirense caracteriza-se por desvelar uma "natureza anfíbia" (Santiago, 2004), dotada de dupla acepção, entretendo e denunciando as mazelas dos países outrora colonizados. Mas por que escolhi estudar, investigar e ensinar literaturas de resistência africanas, afro-brasileira, acreana, amazônica, cruzeirense? Entende-se que, mesmo de modo não intencional e explícito, pode-se perceber que no vasto campo literário, são literaturas "comuns" que fogem dos moldes e paradigmas ocidentais e tendem a ser deixadas de lado, ficando à margem do cânone literário. Dentro desse complexo contexto, ensinar, investigar e aproximar nossos(as) alunos(as) das literaturas de minoria é também validar os esforços da escrita de autoras diaspóricas que traduzem em linhas sua riqueza cultural, adicionadas a partir dos itinerários e deslocamentos em países do ocidente.

Assim, é preciso um esforço conjunto de professores, alunos, gestores e da sociedade como um todo para superar os desafios e construir uma academia mais justa e inclusiva. Os(as) professores(as) têm um papel fundamental na promoção da diversidade e da inclusão nas universidades. Eles(as) podem incluir autores(as) negros(as) em suas bibliografias, promover debates sobre questões raciais e de gênero e incentivar seus alunos a pesquisarem sobre temas relacionados à diversidade. Para tanto, o(a) professor(a) precisa ter contato com as literaturas de minorias desde sua formação inicial, dentro das universidades, as políticas afirmativas são ferramentas importantes para promover a inclusão de grupos subalternizados. É preciso ampliar e fortalecer essas políticas para garantir que a academia seja um espaço mais democrático e equitativo.

Outrossim, a formação continuada dos(as) professores(as) é fundamental para que eles(as) possam desenvolver as competências necessárias para trabalhar com a diversidade em sala de aula. As conclusões deste trabalho indicam a construção de uma prática de ensino, por

meio da escritura de Cibele Resende, Conceição Evaristo e Conceição Lima, como experiências pessoais, epistemologias (teorias do conhecimento) e saberes de diferentes culturas (transfronteiriços), criando uma abordagem mais complexa e abrangente. Ao entrelaçar diferentes conhecimentos, que entrecruzam experiências epistemológicas, solicita-se pensar uma poética feminina que cartografa vozes de mulheres negras em trânsito no sistema literário são-tomense, afro-brasileiro e cruzeirense contemporâneos.

Este trabalho se justifica pela urgência e relevância de se aprofundar na autoria feminina afrodescendente e na sua capacidade de redefinir narrativas históricas e sociais. A escolha da literatura comparada como metodologia permitiu não apenas identificar pontos de contato e especificidades nas poéticas de Cibele Clemente, Conceição Evaristo e Conceição Lima, mas também evidenciar a universalidade e a particularidade da experiência da mulher negra na diáspora. A análise dessas vozes poéticas foi crucial porque os poemas selecionados não são meros registros estéticos; são ferramentas poderosas para a desconstrução da representação depreciativa das mulheres negras. Ao longo da história, a imagem da mulher negra foi distorcida e inferiorizada por discursos hegemônicos. A poesia dessas autoras atua como um contraponto vital, oferecendo uma visão autêntica e multifacetada de suas identidades, lutas e potências.

Além disso, ao evocar a luta de suas ancestralidades e denunciar o processo colonizador, essas escritoras promovem uma reescrita da história. Elas desconstroem as identidades negras estereotipadas, propondo uma nova forma de compreender e valorizar a experiência negra. Essa perspectiva é essencial para o combate ao racismo estrutural e para o fortalecimento do movimento negro contemporâneo. O estudo dessas obras, portanto, contribui significativamente para o campo da literatura, dos estudos raciais e de gênero, ao iluminar o papel transformador da arte na promoção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Portanto, espera-se que esta pesquisa contribua para um melhor entendimento da poética afro-brasileira, evidenciando a importância da literatura como um espaço de luta e resistência contra o racismo e o colonialismo e como ferramenta de desconstrução do preconceito e racismo estrutural em todos os âmbitos, especialmente no espaço escolar. A saber, esperamos que a poética da negritude como proposta didática abra possibilidades para ensinar e aprender desde as literaturas em movimento na-além sala de aula da educação básica.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Comunitarismo literário-cultural e a globalização: os países de língua portuguesa. **Journal of Lusophone Studies**, Providence - USA, v. 1, n. 2, p. 246-261, 2016. Disponível em: https://jls.apsa.us/index.php/jls/article/view/122/153. Acesso em: 7 jan. 2023.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura comparada e relações comunitárias hoje**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Necessidade e solidariedade nos estudos de literatura comparada. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Manaus, v. 3, n. 3, p. 87-95, 1996. Disponível em: https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/39/40. Acesso em: 7 jan. 2023.

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Repensando a Lusofonia: eurocentrismo e horizontes comunitários.** Letras, Santa Maria, v. 22, n. 45, p. 15-26, jul./dez, 2012

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Feminismos Plurais).

BERND, Zilá. Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Manaus, v. 15, n. 23, p. 211-222, 2013. Disponível em: https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/318/322. Acesso em: 7 jan. 2023.

BERND, Zilá. **Introdução a literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BEZERRA, Larissa L.; ROMEIRO, Augusto. Desigualdade racial: a manutenção de uma ferida colonial. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA. 28., 2023, Maceió. **Anais [...]**. Universidade Federal do Alagoas: Maceió, 2023. (Tema: Ameaças à democracia brasileira no século XXI: capital e desigualdades). Disponível em: https://enep.sep.org.br/uploads/2531_1678725495_DESIGUALDADE_RACIAL__A_MANUTEN%C3%87%C3%83O_DE_UMA_FERIDA_COLONIAL_pdf_ide.pdf. Acesso em: 15 ago. 2024.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BOUVET, Raquel. Percurso. *In*: BERND, Zilá (org.). **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 317-332.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional no 135/2024. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2024.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. São Paulo. Duas Cidades, 2011.

CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARVALHAL, Tania Franco. **O próprio e o alheio**: ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CASA NOVA, Vera. **Fricções**: traço, olho e letra. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

CÉSAIRE, Aimé. **Diário de um retorno ao país natal**. São Paulo: Edusp, 1987.

Coleção Brasiliana Itaú (2020)

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrevivência, quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 74-95.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Literafro**: o portal da literatura afro-brasileira, Belo Horizonte, 8 out., 2024. Disponível em: https://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira. Acesso em: 10 jan. 2024.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ENGELKE, Cristiano Ruiz. [Resenha]. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, Rio Grande, v. 4, n. 2, p. 131-135, jul./dez. 2020. [Seção] Resenhas. Resenha da obra de: CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020. 136 p. Disponível em: https://periodicos.furg.br/reis/article/download/12296/8593/39899. Acesso em: 10 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-57.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Florianópolis: Mulheres, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FERNANDES, Leonísia Moura; GOMES, Raíza Feitosa. O legado colonial da violência sexual no Brasil. **Revista Tamo juntas**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 19-28, 2020. (Cultura do estupro). Disponível em: https://tamojuntas.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Revista-TamoJuntas_Primeira_edicao2020_01.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

FIGUEIREDO, Eurídice. Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Manaus, v. 15, n. 23, p. 31-48, 2013. Disponível em: https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/311/315. Acesso em: 10 nov. 2023.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 58-72.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GODET, Rita Olivieri. Errância, migração, migrância. *In*: BERND, Zilá (org.). **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 189-210.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons e ritmos**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GONTIJO, Marcos Vinícius Alves. [Resenha]. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, jan./abr., p. 424-429, 2017. [Seção] Resenhas. Resenha da obra: SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5778. Acesso em: 21 maio 2025.

GOULART, Catia Dias. Perspectiva decolonial e os estudos comparados: os lugares de onde falo, as fronteiras em que me situo. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 43, p. 63-81, maio/ago., 2022. (Crítica de la literatura latinoamericana en los siglos XX y XXI). Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/22638. Acesso em: 5 jan. 2024.

HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. **Texto para Discussão**, Rio de Janeiro, n. 807, jul., 2001. Disponível em: https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/9690. Acesso em: 5 jan. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças produtoras de textos**. Porto Alegre: Artmed, 1994. v. 2.

LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do Micondó**. Lisboa: Caminho, 2006.

MIGNOLO Walter. “Un paradigma otro”: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitanismo critico. **Dispositio**, Michigan, v. 25, n. 52, p. 127-146, 2005. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41491792. Acesso em: 15 ago. 2024.

MOURA, Clóvis. Escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo. **Afro-Ásia**, São Paulo, n. 14, 1983. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20824. Acesso em: 15 ago. 2024.

MULTIRIO. **O sistema de capitanias hereditárias no Brasil**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://multi.rio/index.php/historia-do-brasil/america-portuguesa/80-ocupa%C3%A7%C3%A3o-litor%C3%A2nea/8727-o-sistema-de-capitanias-heredit%C3%A1rias. Acesso em: 15 ago. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da ABPN**, Curitiba, v. 4, n. 8, p. 6-14, jul./out., 2012. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246/222. Acesso em: 15 ago. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista De Antropologia**, v. 33, p. 109-117, 1990. Disponível em: https://revistas.usp.br/ra/article/view/111217. Acesso em: 15 ago. 2024.

PEREIRA, Maycon David de Souza. **O movimento negro educador e a formação continuada de professoras/es da educação básica no estado do Acre**: multiplicados somos mais fortes. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2023.

QUEIROZ, Amilton. Entre casas e canoas em movimento – travessias por fronteiras em fricção. *In*: TAUFER, Adauto Locatelli; CUNHA, Andrei dos Santos; ZITTO, Bruno Costa (org.). **Diálogos transdisciplinares**: ciências humanas, cultura, tecnologia. Porto Alegre: Class, 2022. p. 67-85.

RESENDE, Cibele Francisca Clemente. **Poemas de uma mulher preta**. Maringá: A. R. Publisher, 2021.

SAID, Edward, W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. Uma literatura anfíbia. **Alceu**, [Rio de Janeiro], v. 3, n. 5, p. 13-21, jul./dez., 2002. Disponível em: https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n5_Santiago.pdf. Acesso em: 18 set. 2024.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Metodologias para o ensino de literatura: em busca de alternativas dialógicas. **Revista Língua e Literatura**, Frederico Westphalen, v. 22, n. 40, p. 111-126, jul./dez., 2020. Disponível em: https://revistas.fw.uri.br/revistalinguaeliteratura/article/view/3343. Acesso em: 27 dez. 2025.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (org). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos**: identidade e história. Rio de Janeiro: Nova Fronteiro, 2012.

WALSH, Catherine. Introducción. lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminhos. *In*: WALSH, Catherine (ed.). **Pedagogías decoloniales**: praticas insurgents de resistir, (re)existir, (re)vivir. Quito: Abya-Yala, 2013. t. 1. (Serie Pensamiento decolonial).